OS LVSIADAS

DE LVIS DE CAMOĒS

PRINCIPE DA POESIA

HEROICA.

Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio.

Impressos com licença da Santa Inquisição, & Ordinario.

EM LISBOA, Por Pedro Crasbeeck: Anno 1609.

Com priuilegio, à custa de Domingos Fernandez liureyro.

Os de Don Juan de Vivar cayo sigundo marques de Sanfelices Comprolo ante Costa

A DOM RODRIGO DA CVNHA,

DOVTOR EM CANONES, & Deputado do Sancto Officio.

D. F. D. F.

MOstrárão sempre os grãdes Principes tão bom rostro aqualquer agradecimento, que derão ousadia aos animos mais humildes, aparecerem em sua presença com alguns offerecimentos, q̃ fóra d'esta sombra, serião hauidos por menos que nada. Ensinado eu d'esta experiencia, tão certa, & tão digna de seus Auctores: & lembrado das grandes merces, & fauores tão pios, comque V. M. foy seruido appadrinhar a restauração de minha honra & vida, que eu tinha tam perdidas & acabadas, que para desesperar de todo do remedio d'ellas, me via alguás vezes em o vltimo termo: pareceome se hirião em mim accumulando as culpas de ingratidão, com igual passo aos que desse de vida; sem, polo menos, publicar pelo mundo esta obrigação & reconhecimento: ja que para os seruir como criado, podia tão pouco. E como este pensamento me procedia de tam nobre causa, não se descudou minha ventura em me offerecer esta occasião, tão proxima & tão conforme com este meu intento: nesta impressão dos famosos Lusiadas do nosso Grande Luis de Camoẽs, Principe da Poesia Heroica: tam de cantados pelo mundo; q̃ as mais illustres Prouincias d'elle, não se cõtentárão com menos, que approprialo a sy, o melhor que a variedade de suas linguas lhe daua faculdade. Como se tẽ visto em tres

tradu-

traduções, q̃ d'elles se fezerão castelhanas, em hũa Françez, & em outra Italiana: & em outra, que na lingua latina ficou imperfeyta, pola morte de que o seu Autor se vio salteado ao melhor tempo. Artificio grande, que a verdadeyra Fama inuẽtou, para com mais facilidade diuulgar pelo mundo a honra & nome d'este illustre entendimento Portuguez. Por achar nelle hum dos mais poderosos subjeytos, com que ella podia mais longe dilatar pelo mundo os extendidos limites de seu Imperio. As obras que nelles se referem, sam Heroicas: a Linguagem Portuguez: o Autor, humilde. Variedade digna de com algũa consonancia, não desagradar aos ouuidos de V. M. Pois he descendente de tão famosos Heroas: praduzido das melhores Plantas Portuguezas. E exercitado em leuãtar os animos mais humildes. Deixo outras cõueniencias de letras & Prudencia, que em V. M. em tão alto grao, concorrem juntas, & em que a mais illustre fama costuma fezer mais deleytoso emprego: pois Deos tem tomado á sua conta esta empreza: quando ellas em tanto augmento & pureza de sua Fee se exercitão, com o cathlico zelo que em o diuino tribunal do Sancto Officio (de que V. M. he Deputado) se tem visto & experimentado. E entre tanto Nosso Senhor &c. Lisboa & Mayo 22. de 609.

Domingos Fernandez

LICENÇAS.

VI este liuro que se intitula Rimas & Lusiadas de Luis de Camoés, o qual ja foy muitas vezes impresso & emẽdado: mas assi como vay não tem cousa cõtra a nossa sancta fé & bõs costumes. Em o Conuento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 15. de Iunho de 1606.

Fr. Antonio Freire.

VIsta a informaçam podese imprimir este liuro de Rimas & Lusiadas de Luis de Camoẽs, & de pois de impresso torne a este Conselho pera se cõferir, & dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa 19. de Iunho 606.

Marcos Teixeira. *Ruy Pirez da Veiga.*

VIsta a licença acima podese imprimir, a 6. de Iulho de 1606.

Saraiua.

POdese imprimir, vista a licença que tem do Santo officio, & ser visto na Mesa. Em Lisboa a 10. de Iulho de 1606.

Damiam d'Aguiar. *Costa.*

OS LVSIADAS
DE LVIS DE CAMOẽS

Canto primeiro.

S armas, & os barões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca de antes nauegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Nouo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias glorioſas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuastãdo,
E aquelles que por obras valeroſas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

Ceſſem do ſabio Grego, & do Troyano,
As nauegações grandes que fizerão:
Calleſe de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiuerão,
Que eu canto o peyto illuſtre Luſitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Ceſſe tudo o que a Muſa antigua canta,
Que outro valor mais alto ſe aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se ſempre em verſo humilde, celebrado
Foy de my voſſo rio alegremente,
Daime agora hum ſom alto, & ſublimado,
Hum eſtillo grandiloco, & corrente,
Porque de voſſas agoas Phebo ordene,
Que não tenhão enueja aas de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & ſonoroſa,
E não de agreſte auena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicoſa,
Que o peito acende, & a cor ao geſto muda:
Daime igoal canto aos feitos da famoſa
Gente voſſa, que a Marte tanto ajuda:
Que ſe eſpalhe & ſe cante no vniuerſo,
Se tam ſublime preço cabe em verſo.

E vos ò bem naſcida ſegurança
Da Luſitana antigua liberdade,
E não menos certiſsima eſperança,
De aumento da pequena Chriſtandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da noſſa idade:
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,
De hũa aruore de Chriſto mas amada
Que nenhũa naſcida no Occidente,
Ceſarea, ou Chriſtianiſsima chamada:
Vedeo no voſſo eſcudo, que preſente
Vos amoſtra a victoria ja paſſada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera ſi na Cruz tomou.

Vos poderoſo Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em naſcendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemiſpherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que eſperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do ſancto Rio.

Inclinay por hum pouco a mageſtade,
Que neſſe tenro geſto vos contemplo,
Que ja ſe moſtra, qual na inteira idade,
Quando ſobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valeroſos,
Em verſos deuulgado numeroſos.

Vereis amor da patria, não mouido
De premio vil: mas alto, & quaſi eterno
Que nam he premio vil, ſer conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem ſois ſenhor ſuperno.
E julgareis qual he mais excelente,
Se ſer do mundo Rei, ſe de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas
Fantaſticas, fingidas, mentiroſas,
Louuar os voſſos, como nas eſtranhas
Muſas, de engrandecerſe deſejoſas,
As verdadeiras voſſas ſam tamanhas,
Que excedem as ſonhadas fabuloſas:
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,
Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero
A Citara parelles so cobiço:
Pois polos doze pares daruos quero,
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.
Douuos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria:
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande & prospera victoria.
Outro Ioane, inuicto caualleiro,
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
Se fizerão por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teue a morte.

E em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vè seu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio,
Tem pera vos por dote aparelhado:
Que affeiçoada ao gesto bello, & tenro,
Deseja de conpraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,
Dos dous auòs, as almas ca famosas,
Hüa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vos esperaõ, verse renouada
Sua memoria, & obras valerosas:
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Mas

Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pouos, que o desejão:
Day vos fauor ao nouo atreuimento,
Pera que estes meus versos vossos sejão:
E vereis ir cortando o salso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejão,
Que sam victos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Occeano nauegauão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauão,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão.
Cubertos, onde as proas vão cortando.
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno está, da humana gente
Se ajuntão em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
Ali se acharão juntos num momento,
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estaua o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, seuero, & soberano,
Do rosto respiraua hum ar diuino,
Que diuino tornàra hum corpo humano:
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razão, & a ordem concertauão.
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentauão:
Quando Iupiter alto assi dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & horrendo.

Eternos

Eternos moradores do luzente
Estelifero polo & claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento:
Que por ella sesqueçaõ os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido
Cum poder tam singelo & tam pequeno
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tam temido
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama & gloria,
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antigua,
Que co a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamarão.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
De Affrico & Noto a força a mais satreue:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinão seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe està do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
Que tenhão longos tempos o gouerno
Do mar, que vè do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos Climas & Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, de termino, agasalhados
Nesta costa Affricana como amigos.
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota:

Estas

Estas palauras Iupiter dezia,
Quando os Deoſes por ordem reſpondendo,
Na ſentença hum do outro difiria,
Razoẽs diuerſas dando & recebendo.
O padre Baco, ali nam conſentia
No que Iupiter diſſe, conhecendo
Que eſquecerão ſeus feitos no Oriente,
Se la paſſar a Luſitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortiſsima de Heſpanha,
Pelo mar alto, a qual ſojeitaria
Da India, tudo quanto Doris banha
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga, ou ſua, ou foſſe eſtranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Niſa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo ſojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caſo,
Por vencedor da India ſer cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaſo.
Teme agora que ſeja ſepultado,
Seu tam celebre nome, em negro vaſo,
Dagoa do eſquecimento, ſe la chegão
Os fortes Portugueſes, que nauegaõ,

Suſtentaua

Sustentaua contra elle Venus bella
Affeiçoada aa gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes coraçoẽs, na grande estrella,
Que mostrárão na terra Tingitana:
E na lingoa, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Estas causas mouião Cyterea,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que hà de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem, & na perfia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De silvestre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impito & braueza desmedida.
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompense as folhas, ferue a serra erguida.
Tal andaua o tumulto leuantado,
Entre os Deoses no Olimpo consagrado.

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentaua,
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigaua,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deoses em pee se leuantaua,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera trás medonho & irado.

A viseira do elmo de Diamante,
Aleuantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no solio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ó padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeção vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste
Naõ ouças mais, pois es juyz direito,
Razões de quem parece que he sospeito.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sostentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam priuado:
Mas esta tençaõ sua, agora passe,
Porque em fim vem de estomago danado.
Que nunca tirará albea enueja,
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tẽs tomada,
Nam tornes por detras pois he fraqueza
Desistirse da cousa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

Em quanto isto se passa, na fermosa
Casa Eterea do Olimpo omnipotente
Cortaua o mar a gente belicosa:
Ia la da banda do Austro, & do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimaua entam os Deoses, que Tifeò
Co temor grande em pexes conuerteò.

Tam brandamente os ventos os leuauão,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, & os tempos se mostrauão
Sem nuuẽs, sem receio de perigo:
O promontorio prasso ja passauão
Na costa de Ethiopia, nome antiguo.
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo, & de altiuo coraçaõ,
A quem fortuna sempre fauoreça
Pera se aqui deter, não ve razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinaua:
Mas nam lhe soccedeo como cuydaua.

Eis

Eis aparecem logo em companhia,
Hũs pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se aluoroça, & de alegria
Não sabe mais que olhar a cauſa della.
Que gente ſera eſta, em ſi deziaõ,
Que coſtumes, que ley, que Rei teriaõ?

As embarcaçoës eraõ, na maneira
Muy veloces, eſtreitas, & compridas,
As vellas com que vem eraõ de eſteira,
Dũas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo deu, de ouſado, & não prudente,
O Pado o ſabe, & Lampetuſa o ſente.

De panos de algodão vinhão veſtidos,
De varias cores, brancos, & liſtrados,
Hũs trazem derredor de ſi cingidos,
Outros em modo ayroſo ſobraçados,
Das cintas pera cima vem deſpidos:
Por armas tem adagas, & tarçados.
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis ſonoroſos vão tocando.

Cos

Cos panos,& cos braços açanauão,
Aas gentes Luſitanas,que eſperaſſem:
Mas ja as proas ligeiras,ſe inclinauão,
Pera que junto ás Ilhas amainaſſem.
A gente,& marinheiros trabalhauão,
Como ſe aqui os trabalhos jacabaſſem:
Tomão vellas,amainaſe a verga alta,
Da ancora o mar ferido,encima ſalta.

Não erão ancorados,quando a gente
Eſtranha,polas cordas ja ſubia,
No geſto ledos vem,& humanamente,
O Capitão ſublime os recebia.
As meſas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vaſos de vidro & do q̃ deitão,
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,
Pela Arabica lingoa,donde vinhão,
Quem erão,de que terra,que buſcauão,
Ou que partes do mar corrido tinhão?
Os fortes Luſitanos lhe tornauão,
As diſcretas repoſtas que conuinhão:
Os Portugueſes ſomos do Occidente,
Himos buſcando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Caliſto,
Toda a coſta Affricana rodeado,
Diuerſos Ceos, & Terras temos viſto:
Dum Rey potente ſomos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quiſto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado ſeu, buſcando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que ſo dos feos Focas ſe nauega:
Mas ja razão parece que ſaibamos,
Se entre vos a verdade não ſe nega.
Quem ſois, que terra he eſta que abitais?
Ou ſe tendes da India algũs ſinais?

Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,
Eſtrangeiros na terra, Lei, & nação
Que os proprios, ſam aquelles que criou
A Natureza ſem Lei, & ſem Razão:
Nos temos a Lei certa que inſinou,
O claro deſcendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o ſenhorio,
A Mãy Hebrea teue, & o pay Gentio.

Eſta

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitada.
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

Ja que de tam longe nauegais,
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bem feito que tenhais,
Da terra algũ refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos proueja,

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente se apartou,
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo à Irmãa que alumiasse,
O largo Mundo, em quanto repousasse:

A noyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tão remota,
Noua de tanto tempo desejada:
Qualquer então consigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crèrão.
Tanto por todo o mundo se estendèrão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido do boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo custumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embãdeirarse toda a armada,
E de todos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia

Partia alegremente nauegando,
A ver as naos ligeiras Luſitanas,
Com refreſco da terra, em ſi cuidando,
Que ſam aquellas gentes inhumanas:
Que os apouſentos Caſpios habitando,
A conquiſtar as terras Aſianas
Vierão: & por ordem do deſtino,
O Imperio tomarão a Coſtantino.

Recebeo o Capitão alegremente,
O Mouro, & toda ſua companhia,
Dalhe de ricas peças hum preſente,
Que ſo pera eſte effeito ja trazia:
Dalhe conſerua doçe, & dalhe o ardente
Não vſado licor que dâ alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, & bebe.

Eſtâ a gente maritima de Luſo,
Subida pela exarcia, de admirada,
Notando o eſtrangeiro modo, & vſo,
E a lingoagem tão barbara, & enleada.
Tambem o Mouro aſtuto eſtá confuſo,
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fè,
Pera ver se conforme á sua seja,
Ou se sam dos de Christo, como crè
E por que tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dé,
Mostra das fortes armas de que vsauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valeroso Capitão,
Por hum que a lingoa escura bem sabia:
Darte ey senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosa:

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, & inuisibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensibil
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufribil:
E que do ceo à terra em fim deceo,
Por subir os mortais da terra ao ceo.

Deste

Deſte Deos homem, alto, & infinito,
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,
Que bem poſſo eſcuſar trazer eſcripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tẽs dito,
Comprido eſſe deſejo te ſeria:
Como amigo as veras, por q̃ eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes
Miniſtros, amoſtrar as armaduras,
Vem arneſes, & peitos reluzentes
Malhas finas, & laminas ſeguras,
Eſcudos de pinturas differentes,
Pilouros, eſpinguardas de aço puras:
Arcos, & ſagittiferas aljauas.
Partaſanas agudas, chuças brauas:

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas ſulfureas, tam danoſas,
Porem aos de Vulcano nam conſente
Que dem fogo ás bombardas temeroſas:
Porque o generoſo animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medroſas
Não moſtra quanto pode, & com razão,
Que he fraqueza entre ouelhas ſer lião.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mâ de pensamento,
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuàrão.
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometelhos o Mouro com temção
De peito venenoso & tão danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mâ vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de Dauid nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade
A quem juyzo algum não alcançou
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose

Partioſe niſto em fim co a companhia,
Das naos o falſo Mouro deſpedido,
Com enganoſa,& grande corteſia,
Com geſto ledo a todos,& fingido:
Cortarão os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno,& recebido
Na terra do obſequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito apouſento.

Do claro aſſento Etereo,o grão Tebano,
Que da paternal coxa foy nacido
Olhando o ajuntamento Luſitano,
Ao Mouro ſer moleſto,& auorrecido:
No penſamento cuida hum falſo engano
Com que ſeſa de todo deſtruido·
E em quanto iſto ſo na alma imaginaua
Conſigo eſtas palauras praticaua.

Eſtâ do fado ja determinado,
Que tamanhas victorias tam fomoſas,
Ajão os Portugueſes alcançado,
Das Indias gentes belicoſas.
E eu ſo filho do Padre ſublimado,
Com tantas qualidades generoſas:
Ey de ſofrer que o Fado fauoreça
Outrem,por quem meu nome ſe eſcureça?
Ia quiſerão

Ia quiſeramos Deoſes que tiueſſe,
O filho de Filipo neſta parte,
Tanto poder, que tudo ſometeſſe
Debaixo do ſeu jugo, o fero Marte:
Mas a ſe de ſoffrer que o Fado deſſe,
A tam poucos tamanho eſforço, & arte
Queu co gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Luſitano?

Não ſera aſſy, porque antes que chegado
Seja eſte Capitão, aſtutamente
Lhe ſera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey á terra, & o indignado
Peito, reuoluerey da Maura gente,
Porque ſempre por via yra dereita,
Quem do oportuno tempo ſe aproueita:

Iſto dizendo yrado, & quaſi inſano,
Sobre a terra Affricana decendeo,
Onde viſtindo a forma & geſto humano,
Pera o Praſſo ſabido ſe moueo.
E por milhor tecer o aſtuto engano,
No geſto natural ſe conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, ſabio, & co Xeque muy valido.

E entrando

E entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras,
Estas que ora de nouo sam chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas,
Forão por estes homës que passauão,
Que compactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nos, & que todos seus intentos
Sam pera nos matarem, & roubarem,
E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O capitão dos seus acompanhado,
Que da tençam danada nasce o medo:
Tu deues de yr tambem cos teus armado
Esperallo em cilada, oculto & quedo:
Porque saindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.

E se inda

E se inda não ficarem deste geito,
Destruydos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito,
Outra manha, & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudente,
Que os leue aonde sejão destruydos,
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos tais casos, sabio, & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
Mouro que por Piloto à nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano
De quem fiarse possa hum feito grande,
Diz lhe que aconpanhando a Lusitano,
Por tais costas, & mares co elle ande:
Que se daqui escapar, que la diante
Va cair onde nunca se aleuante.

Ia o

Ia o rayo Apolineo visitaua,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos seus determinaua,
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertaua,
Comose fosse o engano ja sabido:
Mas pode sospeitarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
De antes pelo Piloto necessario:
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuydaua muy contrario:
Por isto,& porque sabe quanto erra,
Quem se cre de seu perfido aduersario,
Apercebido vai como podia,
Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender agoa desejada,
Hũ de escudo embraçado,& de azagaya,
Outro de arco encuruado,& seta eruada:
Esperão que a guerreira gente saya,
Outros muytos ja postos em cillada.
E porque o caso leue se lhe faça,
Poemhũs poucos diante por negaça.

Andão

Andão pela ribeira alua arenoſa,
Os belicoſos Mouros acenando,
Com a adarga,& co a aſtea perigoſa,
Os fortes Portugueſes incitando:
Nam ſoffre muito a gente generoſa,
Andarlhe os cães os dentes amoſtrando.
Qualquer em terra ſalta,tam ligeiro,
Que nenhũ dizer pode que he primeiro.

Qual no corro ſanguino,o ledo amante,
Vendo a fermoſa dama deſejada,
O Touro buſca,& pondoſe diante,
Salta,corre,ſibila,acena,& brada:
Mas o animal atroçe neſſe inſtante,
Com afronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre,& os olhos cerra,
Derriba,fere,& mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo ſe leuanta,
Na furioſa & dura artilheria,
A plumbea pela mata,o brado eſpanta.
Ferido o ar retumba,& aſſouia:
O coraçam dos Mouros ſe quebranta,
O temor grande o ſangue lhe reſfria.
Ia foge o eſcondido de medroſo,
E morre o deſcuberto auenturoſo.

Não

Não se contenta a gente Portugueſa:
Mas ſeguindo a victoria eſtrue, & mata
A pouoação ſem muro, & ſem defeſa,
Esbombardea, acende, & desbarata.
Da caualgada ao Mouro ja lhe peſa,
Que bem cuidou comprala mais barata:
Ia blasfema da guerra, & maldizia,
O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a ſeta o Mouro vay tirando,
Sem força, de couarde, & de apreſſado,
A pedra, o pao, & o canto arremeſſando,
Dalhe armas o furor deſatinado:
Ia a Ilha, & todo o mais, deſemparando,
Aa terra firme foge amedrontado.
Paſſa, & corta do mar o eſtreito braço,
Que a Ilha em torno cerca ẽ pouco eſpaço

Hũs vão nas almádias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem ſe affoga nas ondas encuruadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamẽte:
Arrombão as meudas bombardadas
Os Pangaios ſotis da bruta gente.
Deſta arte o Portugues em fim caſtiga,
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

Tornão vitoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso promitido,
Que toda a má tenção no peito enserra.
Pera os guiar â morte lhe mandaua,
Como em final das pazes que trataua.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Pera yr buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro, atento
As vellas manda dar ao largo vento.

Desta

Deſt'arte deſpedida a forte armada,
As ondas de Amphytrite diuidia,
Das filhas de Nerèo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada,
Do enganoſo ardil, que o Mouro vrdia,
Delle muy largamente ſe informaua,
Da India toda, & coſtas que paſſaua.

Mas o Mouro inſtruido nos enganos,
Que o malèuolo Bacco lhe enſinàra
De morte, ou captiueyro nouos danos,
Antes que à India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente ſe temia.

E diz lhe mais co falſo penſamento,
Com que Synon os Phrygios enganou,
Que perto eſtà hũa Ilha, cujo aſſento,
Pouo antigo Chriſtão ſempre habitou:
O Capitão que a tudo eſtaua a tento,
Tanto co eſtas nouas ſe alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua
Que o leue à terra onde eſta gente eſtaua.

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda & pede
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mahamede:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muyto excede
A Moçambique, esta Ilha que se chama
Quîloa, muy conhecida pola fama.

Pera là se inclinaua a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deyxaua a certa rôta,
Por yr buscar a morte não cuydada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrairos a desuia,
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinação leuar auante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os leuàram por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Eram Christãos cõ Mouros juntamẽte.

Tambem

Tambem nestas palauras lhe mentia,
Como por regimento em fim leuaua,
Que aqui gente de Christo nam auia:
Mas a que a Mahamede celebraua.
O Capitão que em tudo o mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandaua:
Mas não querendo a Deosa guardadora,
Nam entra pela barra, & surge fora.

Estaua a Ilha à terra tam chegada,
Que hum estreyto pequeno a diuidia,
Hũa cidade nella situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rey de antigua idade,
Mõbaça he o nome da Ilha, & da Cidade

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rey, que já sabia a gente que era,
Que Bacco muyto de antes o auisara,
Na forma doutro Mouro que tomàra.

O recado, que trazem he de amigos:
Mas debaixo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes & grauissimos perigos,
O caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade auorrecida:
Onde pòde acolherse hum fraco humano,
Onde terà segura a curta vida?
Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno.
Contra hum bicho da terra tam pequeno?

FIN.

Canto Segundo.

A Neſte tempo o luzido Planeta,
Que as horas vay do dia diſtinguindo,
Chegaua à deſejada, & lenta Meta,
A luz Celeſte às gentes encobrindo:
E da caſa maritima ſecreta,
Lhe eſtaua o Deos Nocturno a porta abrindo:
Quando as infidas gentes ſe chegàram
As Naos, que pouco auia que ancoráram.

D'antre elles hum que traz encomendado,
O mortifero engano, aſſi dezia:
Capitam valeroſo, que cortado
Tens de Neptuno o Reyno, & ſalſa via,
O Rey que manda eſta Ilha, aluoraçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que nam deſeja mais que agaſalharte,
Verte, & do neceſſario reformarte.

E porque està em estremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso,
Traràs a gente debil, & cansada,
Diz que na terra pòdes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante:
D'aqui leuaràs tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageyro o Capitão responde,
As palauras do Rey agradecendo,
E diz, que porq̃ o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro obedecendo:
Porem que como a luz mostrar por onde
Và sem perigo, a frota não temendo,
Comprirà sem receo seu mandado,
Que a mais por tal senhor està obrigado.

Perguntalhe

Perguntalhe despois, se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageyro astuto, que não erra,
Lhe diz, q̃ a mais da gẽte em Christo cria:
Desta sorte do peyto lhe desterra
Toda a sospeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitam seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feytos vergonhosos,
Porque podessem ser auenturados,
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensayados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & porque vejão,
Os Christãos, que só tanto ver desejão.

E por estes ao Rey presentes manda,
Porque a boa vontade que mostraua,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estaua.
Ià a companhia perfida, enefanda
Das Naos se despedia, & o mar cortaua,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da fróta em terra recebidos.

E despois que ao Rey apresentàram,
Co recado os presentes que traziam,
A Cidade correrão, & notàrão
Muyto menos d'aquillo que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardàrão
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Que onde reyna a malicia, està o receo
Que a faz imaginar no peyto alheo.

Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foy nascido
De duas mãys: que vrdia a falsidade,
Por ver o nauegante destruydo:
Estaua nũa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido
Mostrandose Christão, & fabricaua
Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto & Sancto Spirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix virgem pura,
A companhia Sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, só das linguas que cayram,
De fogo, varias linguas referiram.

Aqui

Aqui os dous companheyros conduzidos,
Onde com este engano Bacco estaua
Poem em terra os giolhos, & os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo gouernaua
Os cheyros excellentes produzidos,
Na Panchaya o dorifera queymaua,
O Thioneû, & assi por derradeyro
O falso Deos adora o verdadeyro.

Aqui foram denoyte agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vẽdo q̃ enganado
Os tinha o falso, & sancto fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foram no mundo, & nũ momento,
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornam da terra os Mouros co recado
Do Rey, pera que entrassem, & consigo
Os dous que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rey mostrou sincêro amigo:
E sendo o Portugues certificado,
De nam auer receo de perigo.
E que gente de Christo em terra auia,
Dentro no falso Rio entrar queria.

Dizem

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,
Sacras aras, & Sacerdote Sancto,
Que ali se agasalhárão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rey, & gentes não sentirão
Se não contentamento, & gosto tanto,
Que não podia certo auer sospeyta,
Nũa mostra tão clara, & tão perfeyta.

Co isto o nobre Gama recebia
Alegramente os Mouros que subiam,
Que leuemente hum animo se fia
De mostras que tam certas pareciam:
A Nao da gente perfida se enchia,
Deyxando a bordo os barcos que trazião,
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauam,
Armas, & monições, que como vissem
Que no Rio os Nauios ancorauam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta treyçam determinauam,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geyto
O mal que em Moçambique tinhão feyto.

As ancoras tenaces vam leuando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sos ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andaua sempre a gente asinalada,
Uendo a cilada grande, & tam secreta,
Uoa do Ceo ao Mar como hũa setta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado Mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo lhe a causa a que deceo,
Com todos juntamente se partia:
Pera estoruar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

Ià na agua erguendo vão com grande pressa
Com as argẽteas caudas branca escuma,
Clotho co peyto corta, & atrauessa
Com mais furor o Mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da agua crespa, em força súma,
Abrem caminho as ondas encuruadas,
De temor das Nereydas apressadas.

Nos

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
Vay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Iâ chegão perto donde o vento teso,
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartemse, & rodeão nesse instante
As Naos ligeyras que hião por diante.

Poem se a Deosa com outras em dereyto
Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminho da barra estam de geyto,
Que em vão assopra o vento, a vella inchando:
Poem no madeyro duro o brando peyto,
Pera detras a forte Nao forçando.
Outras em derredor leuandoa estauam,
E da barra inimiga a desuiauam.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,
Leuando o peso grande acommodado,
As forças exercitam, de inimigas,
Do inimigo Inuerno congelado:
Ali são seus trabalhos, & fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andauam as Nimphas esforçando
A gente Portugueza o fim nefando.

Torna

Torna pera detras a Nào forçada,
A peſar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ſerue a gente irada,
O leme a hum bordo, & a outro atraueſſando
O Meſtre aſtuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os eſtaua hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nào lhe mete medo.

A celeuma medonha ſe aleuanta,
No rudo Marinheyro que trabalha,
O grande eſtrõdo, a Maura gẽte eſpanta,
Como ſe viſſem horrida batalha:
Nam ſabem a razão de furia tanta,
Nam ſabem neſta preſſa quem lhe valha,
Cuydão que ſeus enganos ſão ſabidos,
E que ande ſer por iſſo aqui punidos.

Eylos ſubitamente ſe lançauão,
A ſeus bateis veloces, que trazião,
Outros encima o mar aleuantauão,
Saltando nagoa a nado ſe acolhião:
De hũ bordo & d'outro ſubito ſaltauão,
Que o medo os compellia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturarſe,
Que nas mãos inimigas entregarſe.

Aſſi

Assi como em seluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agoa incautamente,
Daqui, & dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendo se ao couto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as Nàos guiâra,
Crendo que seu engano estaua noto,
Tambem foge saltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara:
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Cama, atentado a estranheza
Dos Mouros não cuydada, & juntamẽte,
O Piloto fugir lhe com presteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo sem contraste, & sem braueza
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
Que a Nao passar auante não podia,
Auendo o por milagre assi dezia.

O caso

O, caſo grande, eſtranho, & não cuydado,
O, milagre clariſsimo, & euidente,
O, deſcuberto engano inopinado,
O, perfida inimiga, & falſa gente,
Quem poderà do mal aparelhado
Liurarſe ſem perigo ſabiamente?
Se lá de cima a guarda ſoberana,
Não acudir à fraca força humana?

Bem nos moſtra a diuina prouidencia,
Deſtes portos, a pouca ſegurança,
Bem claro temos viſto na aparencia,
Que era enganada anoſſa confiança:
Mas pois ſaber humano, nem prudencia
Enganos tam fingidos nam alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem ſem ti nam póde ſer guardado.

E ſe te moue tanto a piedade,
Deſta miſera gente peregrina,
Que ſó por tua altiſsima bondade,
Da gente a ſaluas, perfida & malina,
Nalgum porto ſeguro de verdade,
Conduzirnos jà agora determina:
Ou nos amoſtra a terra que buſcamos,
Pois ſó por teu ſeruiço nauegamos.

Ouuido

Ouuiolhe estas palauras piadosas
A fermosa Dione, & commouida,
Dantre as Nimphas se vay, que saudosas
Ficàrão desta subita partida:
Iâ penetra as Estrellas luminosas,
Iâ na terceyra Esphera recebida
Auante passa, & là no sexto Ceo
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho
Tão fermosa no gesto se mostraua,
Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hũs espiritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados accendia,
E tornaua do Fogo a Esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, & cara
Se lha presenta assi como ao Troyano,
Na selua Idea jâ se apresentàra:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o matàrão,
Que primeyro desejos o acabârão.

Os cresp os

Os crespos fios d'ouro se esparzião
Pelo collo, que a neue escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremião,
Com quẽ Amor brincaua, & não se via.
Da alua petrina flammas lhe sahião,
Onde o minino as almas accendia.
Pelas lisas columnas lhe trepauão,
Desejos, que como Hera se enrolauão.

Cũm delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre,
O veo dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ià se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

E mostrando no angelico sembrante,
Co riso hũa tristeza misturada,
Como dama que foy do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueyxa, & se ri, nũm mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada.
Dest'arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

Sempre eu cuydey, ô Padre poderoso,
Que pera as cousas, que eu do peyto amasse,
Te achasse brando, affabil, & amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem quanto merecesse, nem te errasse.
Façase como Bacco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vão caydas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Tor elle ati rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo he mal tratado,
Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy. E nisto de mim sa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca rosa,
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Lhe impedîra a falla piedosa.
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.

E destas

E deſtas brandas moſtras commouido,
Que mouerão de hum Tygre o peyto duro,
Co vulto alegre, qual do Ceo ſubido,
Torna ſereno & claro o ar eſcuro.
As lagrimas lhe alimpa, & accendido
Na face a beija, & abraça o colo puro.
De modo que d'ali, ſe ſó ſe achara,
Outro nouo Cupido ſe geràra.

E co ſeu apertando o roſto amado,
Que os ſaluços, & lagrimas augmenta,
Como minino da ama caſtigado,
Que quem o affaga, o choro lhe acrecẽta,
Por lhe pór em ſoſſego o peyto irado,
Muytos caſos futuros lhe apreſenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Deſta maneyra em fim lhe eſtà dizendo.

Fermoſa filha minha não temais
Perigo algum, nos voſſos Luſitanos,
Nem que ninguem cõmigo poſſa mais,
Que eſſes choroſos olhos ſoberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
Eſquecerem-ſe Gregos & Romanos,
Pelos illuſtres feytos que eſta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Ulysses escapou,
De ser na Ogigia Ilha eterno escrauo:
E se Antenor os seos penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauo.
E se o piadoso Eneas nauegou,
De Scilla, & de Charibdis o Mar brauo.
Os vossos mòres cousas atentando,
Nouos mundos ao mũdo irão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos bellacissimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reys da India liures, & seguros,
Vereis ao Rey potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leys milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O caso nunca visto, & milagroso
Que trema, & ferua o Mar em calma estãdo!
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
Em que vão descansar da longa via,
As Nàos, que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagarà tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,
Tornar selhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o Reyno poderoso,
Duas vezes tomado, & sojugado:
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnauel Dio forte,
Que dous cercos terà, dos vossos sendo.
Ali se mostrarà seu preço, & sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo.
Enuejoso vereis o grão Mauorte,
Do peito Lusitano, ferc, & horrendo:
Do Mouro ali verão que a voz extrema,
Do falso Mahamede ao Cèo blasfema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virà despois a ser senhora,
De todo o Oriente, & sublimada
Cos triumphos da gente vencedora:
Ali soberba altiua, & exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora,
Duro freo porà, & a toda a terra,
Que cuydar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentarse,
De Cananor, com pouca força, & gente:
E vereis Calecu desbaratarse,
Cidade populosa, & tam potente:
E vereis em Cochim assinalarse,
Tanto hum peito soberbo, & insolente,
Que Cîtara ja mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo, & furiosa,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas ciuîs Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos poucos de Aurora, & do famosa
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egypcia linda, & não pudica.

Como

Como vereis o Mar feruendo aceſo,
Cos incendios dos voſſos pelejando,
Leuando o Idolatra, & o Mouro preſo,
De nações differentes triumphando:
E ſogeita a rica Aurea Cherſoneſo,
Atè o longico China nauegando.
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Occeano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
A moſtrarão eſforço mais que humano,
Que nunca ſe veria tam forte peito,
Do Cangetico Mar ao Caditano,
Nem das Boreais ondas, ao Eſtreito,
Que moſtrou o agrauado Luſitano:
Poſto que em todo o mundo, de affrontados
Reſucitaſſem todos os paſſados.

Como iſto diſſe, manda o conſagrado
Filho de Maia à terra, porque tenha,
Hum pacifico porto, & ſoſſegado,
Pera onde ſem receo a frota venha:
E pera que em Mombaça, auenturado
O forte capitão ſe não detenha,
Lhe manda mais, q̃ em ſonhos lhe moſtraſſe
A terra, onde quieto repouſaſſe.

Iá pelo ar o Cyenêo voaua,
Com as asas nos pês à terra dece,
Sua vara fatal na mão leuaua,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas reuocaua,
Do Inferno, & o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Consigo a Fama leua, porque diga
Do Lusitano o preço grande, & raro,
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado, & caro.
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, & preclaro
Ia Melinde em desejos ardo todo,
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as Nàos estauão temerosas,
Pera que à gente mande que se aparte,
Da barra imiga, & terras sospeitosas:
Porque muy pouco val esforço, & arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, & siso,
Se la dos Cèos não vem celeste auiso.

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Cèo co a luz alheia,
Tinhão o largo Mundo alumiado,
E sô co sono a gente se recrea,
O Capitão illustre, ja cansado,
De vigiar a noite, que arrecea,
Breue repouso entam aos olhos daua,
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
Da cilada, que o Rey maluado tèce,
Por te trazer ao fim, & extremo dano;
Fuge, que o Vento, & o Cèo te fauorece,
Sereno o tempo tẽs, & o Occeano,
E outro Rey mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

Não tens aqui se não apparelhado,
O hospicio, que o cru Diomedes daua,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cauallos a gente que hospedaua,
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolaua:
Terás certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas & feras:

Vaite

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharàs de mais verdade
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rey, com muitas obras de amizade,
Casalhado seguro te daria,
E pera a India certa, & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitão, que com muy grande espanto
Acorda, & vè ferida a escura treua,
De hũa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Não se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assoprana.

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Cèo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que sò em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento.
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,
Leuão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

Neste

Neſte tempo, que as ancoras leuauão,
Na ſombra eſcura os Mouros eſcondidos,
Manſamente as amarras lhe cortauão,
Por ſerem, dando à coſta, deſtruydos:
Mas com viſta de Linces vigiauão,
Os Portugueſes ſempre apercebidos;
Elles como acordados os ſentirão,
Voando, & não remando lhe fugirão.

Mas jà as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Aſſopralhe galerno o vento, & brando,
Com ſuaue, & ſeguro mouimento;
Nos perigos paſſados vão falando,
Que mal ſe perderão do penſamento,
Os caſos grandes, donde em tanto aperto
A vida em ſaluo eſcapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando virão
Ao longe dous Nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que reſpirão,
Porque auião de ſer da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas virão:
Hum de temor do mal que arreceaua,
Por ſe ſaluar a gente, à coſta daua.

Não

Não he o outro que fica tão manhoso:
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil, & medroso
Da pouca gente o fraco peito humano:
Não teue resistencia, & se a tiuêra,
Mais dãno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse,
Piloto pera a India, que buscaua,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeo como cuidaua,
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos Cèos a India estaua:
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuão do Rey os Mouros a bondade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito:
O Capitão o assella por verdade,
Porque jà lho dissera deste geito
O Cylenêo em sonhos, & partia,
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entraua,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua
E Flora derramaua o de Amalthea:
A memoria do dia renouaua,
O preſuroſo Sol, que o Ceo rodea.
Em que aquelle, a quem tudo eſtá ſogeito,
O ſello pòs a quanto tinha feyto.

Quando chegaua a frota àquella parte,
Onde o Reyno Melinde jà ſe via,
De toldos adornada, & leda de arte
Que bem moſtra eſtimar o Sancto Dia:
Treme a Bandeyra, voa o Eſtandarte,
A cor purpurea ao longe aparecia.
Soão os atambores & pandeyros,
E aſsi entrauão ledos & guerreyros.

Enche ſe toda a praya Melindana,
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeyra, & mais humana
Que toda a doutra terra atras deyxada.
Surge diante a frota Luſitana,
Pega no fundo a ancora peſada.
Mandão fora hum dos Mouros, q̃ tomàrão,
Por quem ſua vinda ao Rey manifeſtàrão.

O Rey

O Rey que jâ sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeyro, animo, & pureza,
Que os peytos generosos ennobrece.
Lhe manda rogar muyto que saissem,
Pera que de seus Reynos se seruissem.

São offerecimentos verdadeyros,
E palauras sinceras, não dobradas,
Ás q̃ o Rey manda aos nobres caualleyros,
Que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que antaõ na terra auia,
E a vontade à dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageyro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rey outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral, fino, & prezado.
Que debaxo das agoas molle crece,
E como he fora dellas se endurece.

E manda

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rey nobre as pazes concertasse,
E que de não sahir naquelle instante,
De suas Naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embayxador prestante,
Como na terra ao Rey se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinaua,
Estas palauras tais fallando oraua.

Sublime Rey, a quem do Olimpo puro,
Foy da summa Iustiça concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Não menos delle amado, que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro & a fogo, as gẽtes vão matando
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hũ Rey, que temos, alto, & sublimado.

Que

Que geração tam dura ahi de gente?
Que barbaro costume, & vsança fea,
Que não vedem os portos, tam somente:
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que mà tenção? que peyto em nos se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea.
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos
Acharse mais verdade, ó Rey benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguros nauegamos,
Conduzidos do interprete diuino.
Que pois a ti nos manda, està muy claro,
Que es de peyto sincèro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rey, que não saisse,
O nosso Capitão esclarecido
A verte, ou a seruirte, porque visse
Ou sospeitasse em ti peyto fingido:
Mas saberas que o fez porque comprisse,
O regimento em tudo obedecido,
De seu Rey, que lhe manda que não saya,
Deyxando a frota, em nenhũ porto, ou praya.

E porque

E porque he de vaſſallos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça
Não quereras, pois tẽs de Rey o officio
Que ninguem a ſeu Rey deſobedeça:
Mas as merçes, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo q̃ elle, & os ſeus poderẽ,
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Aſsi dizia, & todos juntamente,
Hũs com outros em pratica fallando,
Louuauão muito o eſtamago da gente,
Que tantos Ceos & mares vai paſſando,
E o Rey illuſtre, o peito obediente,
Dos Portugueſes, na alma imaginando.
Tinha por valor grande, & muy ſubido,
O do Rey que he tam longe obedecido.

E com riſonha viſta, & ledo aſpeito,
Responde ao Embaixador, q̃ tanto eſtima
Toda a ſoſpeita mà tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos ſe imprime:
Que voſſo preço, & obras ſam de geito,
Pera vos ter o mundo em muyta eſtima.
E quem vos fez molleſto tratamento,
Não pode ter ſobido penſamento.

De não sair em terra toda a gente,
Por obseruar a vsada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho regimento não consente,
Nem eu consentirey que a excelencia,
De peitos tão leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,
Ao mundo for, em minhas almádias
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias:
Aqui tira, de limpos pensamentos
Piloto munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
O filho de Latona, & o mensageiro
Coa embaixada alegre se partia
Pera a frota no seu batel ligeiro:
Enchem se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscauão,
E assi ledos a noite festejauão.

Não

Não faltão ali os rayos de artificio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio:
O ceo, a terra, & as ondas atroando.
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estão queimãdo,
Outros com vozes com que o Ceo ferião.
Instrumentos altissonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,
Co rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pò sulfureo escondido:
Agrita se aleuanta ao Ceo, da gente,
O Mar se via em fogos acendido:
E não menos a terra, & assi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
As gentes incitaua a seu trabalho,
Eja a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hião se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orualho,
Quando o Rey Milindano se embarcaua
A ver a frota que no mar estaua.

Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabayas,
Luſtrão os panos da tecida ſeda:
Em lugar de guerreiras azagayas,
E do arco, que os coruos arremeda
Da Lua, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de ſedas de diuerſas cores,
Traz o Rey de Melinde, acompanhado
De nobres de ſeu Reyno, & de ſenhores:
Vem de ricos veſtidos adornado,
Segundo ſeus coſtumes, & primores.
Na cabeça hũa ſota guarnecida,
De ouro, & de ſeda, & de algodão tecida

Cabaya de Damaſco rico, & dino,
Da Tiria cor entre elles eſtimada,
Hum colar ao peſcoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he ſuperada,
Cum reſplandor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo,

Com

Com hum redondo emparo alto de seda,
Nũa alta, & dourada astea enxerido,
Hum minist'ro asolar quentura veda,
Que não offenda, & queime o Rey subi do
Musica traz na proa, estranha, & leda,
De aspero som, horrissimo ao ouuido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindono,
Com lustrosa, & honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que agente tanto preza.

De botoẽs douro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta, & achega:
Ao Italico modo a aurea espada,
Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

Nos de sua companhia se mostraua,
Da tinta que dá o Murice excelente,
A varia cor, que os olhos alegraua,
E a maneira do trajo diferente:
Tal o fermoso esmalte se notaua,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,
Os animos alegres resoando,
Dos Mouros os bateis o Mar coalhauão,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horrissonas bramando,
Com as nuuẽs de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados accendidos,
Tapão cõ as mãos os Mouros os ouuidos.

Ia no batel entrou do Capitão
O Rey, que nos seus braços leuaua,
Elle coa cortesia, que a razão
(Por ser Rey) requeria, lhe fallaua:
Cũas mostras de espanto, & admiração,
O Mouro o gesto, & o modo lhe notaua,
Como quem em muy grãde estima tinha,
Gente que de tam longe á India vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offereçe,
Tudo o que de seus Reinos lhe cõprisse,
E que se mantimento lhe falleçe,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Dizlhe mais que por fama bem conheçe
A gente Lusitana, sem que a visse
Que ja ouuio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
Quando nella ganharão a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:
E com muitas palauras apregoa,
O menos que os de Luso merecerão:
E o mais que pela fama o Rey sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,
Rey benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade,
Dos mares experimenta a furia insana.
Aquella alta, & diuina eternidade,
Que o Ceo reuolue, & rege a gẽte humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros não podemos.

Tu ſo de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido, & jucundo:
Em quanto apacentar o largo Polo,
As eſtrellas, & o Sol der lume ao Mũdo,
Onde quer que eu viuer, cõ fama & gloia,
Viuirão teus louuores em memoria.

Iſto dizendo, os barcos vão remando,
Pera a frota, que o mouro ver deſeja,
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando.
A frota co as bombardas o feſteja,
E as trombetas canoras lhe tangião,
Cos anafis os Mouros reſpondião.

Mas deſpois de ſer tudo ja notado,
Do generoſo Mouro, que paſmaua,
Ouuindo o inſtrumento inuſitado,
Que tamanho terror em ſi moſtraua,
Mandaua eſtar quieto, & ancorado,
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas couſas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,
Se deleitaua,perguntando agora,
Pellas guerras famosas,& excelentes,
Co pouo auidas,que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pellas gentes
De toda a Hispheria vltima,onde mora:
Agora pelos pouos seus vezinhos,
Agora pelos humedos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,
Nos canta,lhe dizia,diligente,
Da terra tua o clima,& região
Do mundo onde morais distintamente,
E assi de vossa antiga geração,
E o principio do Reino tam potente:
Cos successos das guerras do começo,
Que sem sabellas,sey q̃ sam depreço.

E assi tambem nos contados rodeios
Longos,em que te traz o Mar yrado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado
Conta: que agora vem cos aureos freyos,
Os cauallos que o carro marchetado,
Do nouo Sol,da fria Aurora traz̃e
O Vento dorme,o Mar,& as ondas jaz̃e.

E não

E não menos co tempo se pareçe,
O desejo de ouuirte o que contares,
Que quem ha, que por fama não conheçe
As obras Portuguesas singulares:
Não tanto desuiado resplandeçe,
De nos o claro Sol, pera julgares,
Que os Melindanos tem tam rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorãtes
O Reino de Plutão horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam poßantes,
Não menos he trabalho illuſtre, & duro,
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dinas de memoria.

FIM.

CANTO TERCEIRO.

AGora tu Caliope me ensina,
O que contou ao Rey, o illustre Gama:
Inspira immortal canto, & voz diuina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inuentor da Medecina,
De quem Orpheo pariste, o linda Dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe
Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,
Como mereçe a gente Lusitana,
Que veja & saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre & mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banharme Apolo na agoa soberana,
Senão direy que tês algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

Promptos estauão todos escuitando,
O que o sublime Gama contraria
Quãdo,despois de hũ pouco estar cuidãdo,
Aleuantando o rosto,assi dizia:
Mandas me,ò Rey,que conte declarando,
De minha gente a grão geanolosia:
Não me manda contar estranha historia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se custuma,& se deseja,
Mas louuar os meus proprios,arrecyo,
Que louuor tão sospeito mal me esteja,
E Pera dizer tudo,tem & creio,
Que qual quer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas,tudo se te deue,
Irey contra o que deuo,& serey breue.

Alem disso,o que a tudo em fim me obriga
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais,por mais que diga
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas por que nisto a ordem leue & siga,
Segundo o que desejais de saber,
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
Com suas salsas ondas o Occeano,
E pela Austral, o Mar Mediterrano.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se auizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeyos vay correndo,
Na alagoa Meotis, curuo & frio
As diuide: & o Mar, que fero & horrēdo
Vio dos Gregos o yrado senhorio:
Onde agora de Troya triumfante,
Não vé mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo está do Polo,
Os montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome do sopros, se ennobrecem,
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo resplandecem.
Que a neue está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

Aqui dos Cytas, grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiuerão, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinhão antão a Egipcia terra:
Mas quem tão fora estaua da verdade,
(Ia que o juizo humano tanto erra)
Pera que do mais certo se informára
Ao campo Damasceno o perguntára.

Agora nestas partes se nomea,
A Lapia fria, a inculta Noruega,
Escandinauia Ilha, que se arrea,
Das victorias que Italïa não lhe nega
Aqui, em quanto as goas não refrea,
O congelado Inuerno, se nauega,
Hum braço do Sarmatico Occeano,
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
Sugeitos ao Imperio de Alenanha,
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias naçoẽs, que o Reno frio
Laua, e o Danubio, Amasis, e Albis Rio.

Entre

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Hemo, o Rodope sogeito
Ao Otomano está, que sometida,
Bizancio tem a seu seruiço indino,
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem laua do Axio a agoa fria
E vos tambem, ó terras excelentes,
Nos costumes, engenhos, & ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quẽ tu clara Grecia o Ceo penetras
E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,
Onde Antenor ja muros leuantou,
A soberba Veneza está no meio
Das agoas, que tam baxa começou
Da terra, hum braço vem ao mar, q̃ cheo
De esforço, naçoẽs varias sogeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

Em

Em torno o cerca o Reyno Neptunino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço ueyo, & bellica arte:
Pobre estâ ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,
Que do Sequána, & Ródano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantão, que segundo
Antiguidades contão, quando arderão,
Rios de ouro, & de prata então correrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força, ou manha
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha não tire o esforço & ousadia
Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com

Com Tingitania enteſta, & ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o ſabido eſtreito ſe ennobrece,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes ſe engrandece,
Cercadas com as ondas do Occeano.
Todas de tal nobreza, & tal valor
Que qualquer dellas cuida que he milhor.

Tem o Tarragones, ſe fez claro,
Sujeitando Parténope inquieta,
O Nauarro, as Aſturias, que reparo
Ia forão, contra a gente Mahometa,
Tem o Galego cauto, & o grande, & rar,
Caſtelhano, a quem fez o ſeu Planeta
Reſtituidor de Eſpanha, & ſenhor della,
Bethis, Lião, Granada, com Caſtella.

Eis aqui quaſi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reyno Luſitano,
Onde a Terra ſe acaba, & o Mar começa,
E onde Febo repouſa no Occeano:
Eſte quis o Ceo juſto, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano
Deitando de ſi fora, & la na ardente
Affrica eſtar quieto o nam conſente.

Esta he a ditosa patria minha amada,
A qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,
Filhos forão pareçe, ou companheiros,
E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vè que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,
Veo a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reyno illustre, & foy desta arte.

Hum Rey, por nome Affonso, foy na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força & manha,
A muitos fez perder a vida, & a terra:
Voando deste Rey a fama estranha,
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, pera na guerra esclarecerse,
Vinhão a elle, & à morte offerecerse.

E com

E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixãdo a patria amada, & proprios lares
Despois que em feitos altos & subidos.
Se mostrarão nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras tais,
Leuassem premio digno, & dões igoais.

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rey de Vngria exprimẽtado,
Portugal ouue em sorte, que no Mundo,
Entam não era illustre, nem prezado.
E pera mais final damor profundo,
Quis o Rey Castenhano, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,
Da escraua Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,
Hum filho, que illustrasse o nome vsano,
Do belicoso Reyno Lusitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da cidade Hyerosolima sagrada,
E do Iordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lauada,
Que não tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Iudea sojugada,
Muitos que nestas guerras o judarão,
Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, & famoso Vngaro estremado,
Forçado da falta necessidade,
O spiritu deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu traslado:
Que do Mundo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho se esperaua.

Mas o velho rumor, não sey se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãy tomando todo o estado
Do segundo Hymeneo, não se despreza:
O filho orfão deixaua deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, so sua era,
Porque pera casar seu pay lhas dera:

Mas

Mas o Principe Affonſo, que deſta arte
Se chamaua, do Auô tomando o nome,
Vendoſe em ſuas terras não ter parte,
Que a mãy cõ ſeu marido as mãde come,
Feruendo lhe no peito o duro Marte,
Imagïna conſigo como as tome,
Reuoluidas as cauſas no conceito,
Ao propoſito firme ſegue o effeito.

De Guimarães, o campo ſe tingia,
Co ſangue proprio da inteſtina guerra,
Onde a mãy, que tam pouco o parecia
A ſeu filho negaua o amor, & a terra,
Co elle poſta em campo ja ſe via,
E não vé a ſoberba, o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o ſenſual era maior.

Q Progne crua, o magica Medea,
Se em voſſos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhay que inda Tereſa peca mais:
Incontinencia ma, cubiça fea,
São as cauſas deſte erro principais,
Scilla por hũa mata o velho pay,
Eſta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
Do padrasto & da inica mãy leuaua,
Ia lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua:
Porem vencido de Ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tẽpo breue,
Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Pera vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitana,
A quẽ nenhum trabalho agraua, ou pesa:
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa.
Não so contra tal furia se sustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarões esta cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazerse o immigo magoado:
Mas com se offerecer á dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podéra ser perdido,
Segundo estaua mal aperçebido.

Mas

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vay ao Castelhano, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
De Egas Moniz: mas não cõsente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sogeito.

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rey Castelhano ja agoardaua,
Que o principe a seu mando sometido,
Lhe desse a obediencia que esperaua,
Vendo Egas, que ficaua fementido,
O que delle Castella não cuydaua,
Determina de dar a doçe vida,
A troco da palaura mal comprida.

E com seus filhos & molher se parte,
A aleuamar co elles a fiança,
Descalços, & despidos, de tal arte,
Que mais moue a piedade que a vingãça
Se pretendes Rey alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos sem peccado, & na consorte,
Se a peitos generosos, & excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquẽtes,
Nellas sos exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no çepo a gargãta: & ja entregada
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rey vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portugueſa,
De vaſſallo, que a tanto ſe obrigaua,
Que mais o Perſa fez naquella empreſa,
Onde roſto & narizes ſe cortaua,
Do que ao grande Dario tanto peſa,
Que mil vezes dizendo ſuspiraua.
Que mais o ſeu Zopiro ſaõ prezâra,
Que vinte Babilonias que tomára.

Mas

Mas ja o Principe Affonſo aparelhaua,
O Luſitano exercito ditoſo,
Contra o Mouro que as terras habitaua,
Dalem do claro Tejo deleitoſo:
Ia no campo de Ourique ſe aſſentaua,
O arraial ſoberbo, & belicoſo:
De fronte do inimigo Sarraceno,
Poſto q̃ em força, & gente tam pequeno

Em nenhũa outra couſa confiado,
Senão no ſummo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o pouo bautizado,
Que pera hum ſo cem Mouros aueria.
Iulga qualquer juyzo ſoſſegado,
Por mais temeridade que ouſadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hum caualleiro ouueſſe cento.

Cinco Reis Mouros ſam os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar ſe chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde ſe alcãça a illuſtre fama
Seguem guerreiras Damas ſeus amigos,
Imitando a fermoſa & forte Dama,
De quem tanto os Troyanos ſe ajudár ão
E as que o Termodonte ja goſtárão.

A matutina.

A matutina luz serena,& fria,
As Estrellas do Polo ja apartaua,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
A Mostrandose a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado assi gritaua,
Aos infieis Senhor,aos infieis,
E não amy que creio que podeis.

Com tal milagre,os animos dagente
Portugueſa, inflamados leuantauão,
Por ſeu Rey natural,eſte excelente
Principe,que do peito tanto amauão:
E diante do exercito potente,
Dos imigos,gritando o ceo tocauão,
Dizendo em alta voz,real real,
Por Affonso alto Rey de Portugal.

Qual cos gritos,& vozes incitado,
Pola montanha o rabido Moloſo,
Contra o Touro,remete,que fiado
Na força eſtà do corno temeroſo:
Ora pega na orelha,ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoſo,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do brauo a força horrenda ſe quebrãta.

Tal

Tal do Rey nouo, o estamago acendido,
Por Deos & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente,
Leuantão nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças & arcos tomão, tubas soão,
Instromentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateada,
Foy nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando,
A pastoral companha, que deitada,
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe o fato, & foge pera a aldea.

Desta arte o Mouro atonito & turuado,
Toma sem tento as armas muy depressa,
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa,
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraueſſa.
Hũs caem meios mortos, & outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.

Alĩ

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer hũa alta serrá,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andaua aceſa a guerra
Mas o de Luſo, arnes, couraça & malha,:
Rompe, corta desfaz, a bala & talha.

Cabeças pelo campo vão ſaltando,
Braços, pernas, ſem dono & ſem ſentido
E doutros as entranbas palpitando,
Palida a cor, o geſto amortècido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do ſangue deſparzido
Com que tambem do campo a cor ſe perde
Tornado Carmeſi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Luſitano
Recolhendo os trofeos & preſa rica,
Desbaratado & roto o Mouro Hispano,
Tres dias o gram Rey no campo fica:
Aqui pinta no branco eſcudo vſano,
Que agora eſta victoria certifica:
Cinco eſcudos azues eſclarecidos,
Em ſinal deſtes cinco Reis vencidos.

E neſtes

E neſtes cinco eſcudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Eſcreuendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque aſſi fica o numero comprido:
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues q̃ em Cruz pintando veyo.

Paſſado ja algum tempo que paſſada
Era eſta grão victoria, o Rey ſubido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com eſta a forte Arronches ſojugada
Foy juntamente: & o ſempre ennobrecido
Scabelicaſtro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo regas tam ſereno.

A eſtas nobres villas ſometidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco eſpaço,
E nas ſerras da Lua conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades eſcondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas ogoas acendendo fogo ardente.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta erão partidos,
Entrando á boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos
Cuja alta fama antão subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

Cinco vezes a Lũa se escondéra,
E outras tantas mostràra cheo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto,
Foy a batalha tam sanguina, & fera,
Quanto obrigaua o firme prosuposto:
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos, ja desesperados.

Desta

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos ja passados
Ao grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrõtados.
E em fim co Betis tanto algum podêrão,
Que â terra de Vandalia nome dérão.

Que cidade tam forte, por ventura
Auera que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas agoas, entre as pedras
Que murmurãdo laua, & Torres vedras.

E vos tambem, ô terras transtaganas,
Affamadas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando lhe os muros, & os poderes.
E tu laurador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do sal, estão rendidas.

Eis

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento, & cento
Nos ares se aleuantão nobremente,
Obedeceo, por meio, & ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que não sabe sosegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a causa viua, a gente yrada,
Trouando os fios vay da dura espada.

Cam estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio ó a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha diligente.
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

Rey

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cauallos furiosos,
Innumeros piões, darmas & de ouro:
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
Cos ciumes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto, & cego amante
Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrando,
Na gente dà, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rey Mouro, & só da vida cura,
Dum Panico terror todo assombrado,
Só de seguillo o exercito procura.
Sendo estes que fizerão tanto aballo,
Nomais que so sesenta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rey incansabil, ajuntando
Gente de todo o Reino, cuja vsança
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo, peleijando
Com tanto esforço & arte, & valentia,
Que a fez fazer ás outras companhia.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que omereçe,
Ou pera que se emmende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se atè qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offereçe.
Agora lhe não deixa ter defesa;
Da maldição da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercâra;
Cercado nella foy dos Lioneses;
Porque a conquista della lhe tomara;
De Lião sendo; & não dos Portugueses.
A pertinacia a qui lhe custa cara:
Assi como acontece muytas vezes:
Que em ferros quebra as pernas: indo aceso
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene:
De teus feitos illustres a ruyna:
Nem ver que ajusta Nemesis ordene:
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Posto que o friò Fasis: ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina.
O Beotes gellado: & a linha ardente:
Temessem o teu nome geralmente.

Posto que a rica Arabia, & que os feroces
Eniocos, & Colcos, cuja fama
O Veo dourado estende: & os Capadoces,
E Iudea, que hum Deos adora & ama,
E que o molles Sofenos, & os Atroces,
Silicios, com a Armenia, que der rama,
As agoas dos dous Rios, cuja fonte
Esta noutro mais alto & sancto Monte;

E posto em fim que desdomar de Atlante,
Ate o Scitico Tauro, monte erguido
Ia vencedor te visem, não te espante
Se o campo Emathio sò te vio vencido,
Porque Affonso veras soberbo & ouante,
Tudo render, & ser despois rendido.
Assi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro ati, & o genro a este,

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do diuino juyzo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado.
E despois que do martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado.
Do sacro promontorio conhecido,
A cidade Vlissea foy trazido.

Porque leuasse auante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que às terras se passasse dalem Tejo,
Com gente, & co beligeiro aparelho:
Sancho, desforço & danimo sobejo,
Auante passa, & faz correr vermelho,
O rio que Seuilha vay regando,
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobiçoso,
Ia não descansa o moço atê que veja,
Outro estrago como este temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

Ia se ajuntão do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teue o Ceo:
Ia vendo promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foy de Anteo.
O morador de Abila não se escusa,
Que tambem com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entraua

Entraua com toda eſta companhia
O Miramamolini em Portugal
Treze Reys Mouros leua de valia,
Entre os quaes tem o ſceptro Imperial:
E aſsi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal:
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem não lhe ſocede muyto bem.

Dalhe combates aſperos, fazendo
Ardîs de guerra mil, o Mouro iroſo,
Não lhe aproueita jà trabuco horrendo,
Mina ſecreta, Ariete forçoſo:
Porque o filho de Affonſo, não perdendo
Nada do esforço, & acordo generoſo,
Tudo proue com animo, & prudencia,
Que em toda a parte ha esforço, & reſiſtencia.

Mas o velho a quem tinhão jà obrigado
Os trabalhoſos annos, ao ſoſſego,
Eſtando na Cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho eſtà cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cèg
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a preſteza co a idade.

E co a famosa gente á guerra vsada,
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,
A Portugueſa furia costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados
De cauallos, jaezes, preſa rica,
De ſeus ſenhores mortos chea fica.

Logo todo o reſtante ſe partio
De Luſitania, poſtos em fugida,
O Miramamolini ſò não fogio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida,
A quem lhe eſta victoria permitio,
Dão louuores & graças ſem medida:
Que em caſos tão eſtranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumfana,
O velho Affonſo, Principe ſubido,
Quando, quem tudo em fim vencendo andaua,
Da larga, & muyta idade foy vencido,
A palida doença lhe tocaua,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagàrão ſeus annos deſte geito,
Aa triſte Libitina ſeu dereyto.

Os altos

Os altos promontorios o chorârão,
E dos rios as agoas ſaudoſas,
Os ſemeados campos alagârão,
Com lagrimas correndo piadoſas:
Mas tanto pelo mundo ſe alargarão,
Com fama ſuas obras valeroſas,
Que ſempre no ſeu Reyno chamarão,
Affonſo, Affonſo os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficàra
Imitando ſeu pay na valentia,
E que em ſua vida ja ſe exprimentâra,
Quando o Betis de ſangue ſe tingia,
E o barbaro poder desbaratâra,
Do Iſmaelita Rey de Andaluzia.
E mais quando os que Beja em vão cercârão,
Os golpes de ſeu braço em ſi prouârão.

Deſpois que foy por Rey aleuantado,
Auendo poucos annos que reynaua,
A cidade de Silues tem cercado,
Cujos campos o barbaro laurauа:
Foy das valentes gentes ajudado,
Da Germanica armada, que paſſaua:
De armas fortes & gente apercebida,
A recobrar Iudea jà perdida.

Passauão a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da cidade onde Christo prdeceo,
Quando Guido co a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejauão,
As agoas que os de guido desejauão.

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento, àquella parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Ià que em seruiço vay, do sancto Marte
Assi como a seu pay acontecèra,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador destrue, & doma.

E se tantos trophèos do Mahometa
Aleuantando vay: tambem do forte
Liones, não consente estar quieta
A terra vsada aos casos de Mauorte:
Atè que na ceruiz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Vio ter a muytas villas suas vizinhas,
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

Mas entre tantas palmas ſalteado
Da temeroſa morte, fica herdeyro
Hum filho ſeu de todos eſtimado,
Que foy ſegundo Affonſo, & Rey terceiro:
No tempo deſte, aos Mauros foy tomado
Alcacere do Sal por derradeyro:
Porque dantes os Mouros o tomarão,
Mas agora eſtruidos o pagarão.

Morto deſpois Affonſo lhe ſuccede
Sancho ſegundo, manſo, & deſcuydado,
Que tanto em ſeus deſcuydos ſe deſmede,
Que de outrem quẽ mandaua era mandado,
De gouernar o Reyno, que outro pede,
Por cauſa dos priuados foy priuado:
Porque como por elles ſe regia,
Em todos os ſeus vicios conſentia.

Não era Sancho não tão deshoneſto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & deſpois horrendo inceſto,
Com a mãy Agripina cometia:
Nem tão cruel às gentes, & moleſto,
Que a cidade queymaſſe onde viuia,
Nem tão màо, como foy Helio Cabàlo,
Nem como o mole Rey Sardanapâlo.

Nem

Nem era o pouo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reyno de altiuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rey não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

Por esta causa o Reyno gouernou,
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou,
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reyno segurado:
Em dilatalo cuyda, que em terreno
Não cabe o altiuo peyto tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupêra co braço, & deita fora
O Mouro, mal querido jà de Marte:
Este de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do brauo Affonso estirpe nobre & digna,
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberalidade Alexandrina.
Co este o Reyno prospero floresce,
(Alcançada jâ paz aurea diuina)
Em constituições, leys & costumes,
Na terra jâ tranquilla claros lumes.

Fez primeyro em Coimbra exercitarse
O valeroso officio de Minerua,
E de Helicona as Musas fez passarse,
A pisar de Mondego a fertil herua:
Quanto pode de Athenas desejarse,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
Aqui as capellas dà tecidas de ouro,
Do Baccaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reyno todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas despois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias já maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso: mas forte & excelente:

Este

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito desprezou firme, & sereno,
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder mayor, pormais pequeno
Mas porem quando as gentes Mauritanas,
A possuir o spherico terreno,
Entràrão pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta
Veo ôs campos Ydaspicos enchendo,
Nem Atila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos açoute horrendo;
Cottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessiuo de Granada,
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

E vendo o Rey sublime Castelhano,
A força inexpugnauel, grande, & forte,
Temendo mais o fim do pouo Hispano,
Ià perdido hũa vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandaua a carissima consorte,
Molher de quem a manda, & filha amada
Daquelle a cujo Reyno foy mandada.

Entraua a fermosissima Maria,
Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto: mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados,
Os cabellos Angelicos trazia,
Pelos eburneos ombros espalhados?
Diante do Pay ledo, que a agasalha,
Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio
De Africa toda gente fera & estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzia
Pera vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso Mar a terra banha.
Trazem ferocidade, & furor tanto:
Que a viuos medo; & a mortos faz espãto.

Aquelle que me deste por marido:
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder; offerecido
Ao duro golpe está: da Maura espada;
E se não for contigo socorrido:
Verme as delle & do Reino ser priuada:
Viuua & triste: & posta em vida escura:
Se mmarido: sem Reino; & sem ventura.

Por tanto

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor assella:
Acude & corre pay, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres:

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando està, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando,
Que a tanta piedade o comouia,
Que caido das mãos o rayo infando:
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
Os Eborenses campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, alança, a espada,
Vão rinchando os cauallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações à paz acostumados:
Vay as fulgentes armas incitando
Polas concauidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo aleuantado,
E somente co gesto esforça & anima,
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.

Iuntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem são pequenos campo & mõte.
Não ha peito tão alto & tam potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça, & claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja,

Estão de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
As terras como suas repartido,
Ante mão, entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta & nua,
Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
Do Rey Saul, com cauſa tam temido,
Vendo o Paſtor inorme eſtar diante,
So de pedras & eſforço apercebido,
Com palauras ſoberbas o arrogante,
Despreza o fraco moço mal veſtido:
Que rodeando a funda o deſengana,
Quãto mais pode a Fê que a força humana.

Deſta arte o Mouro perfido deſpreza,
O poder dos Chriſtãos, & não entendo
Que eſtá ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico ſe rende.
Co ella o Caſtelhano, & com deſtreza,
De Marrocos o Rey comete & offende.
O Portugues que tudo eſtima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & eſpadas retenião,
Por cima dos arneſes, brauo eſtrago,
Chamão (ſegundo as leis que ali ſeguião,)
Hũs Mafamede, & os outros Sanctiago,
Os feridos com grita o Ceo ferião,
Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
Onde outros meios mortos ſe afogauão,
Quando do ferro as vidas eſcapauão,

Com

Com esforço tamanho estrue & mata,
O Luso ao Granadil que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa,ou peito de aço:
De alcançar tal vitoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao brauo Castelhano,
Que pelejando está co Mauritano.

Ia se hia o sol ardente recolhendo,
Pera a casa de Thetis,& inclinado,
Pera o Ponente o vespero trazendo,
Estaua o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro grande & horẽdo
Foy pelos fortes Reys desbaratado,
Com tanta mortandade,que a memoria,
Nunca no mundo vio tam gram vitoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrerão neste vencimento,
Quando as agoas co sangue do aduersario
Fez beber ao exercito sedento,
Nem o Peno asperissimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de aneis do mortos toma.

E se tu tantas almas so podeste,
Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
Quando à sancta cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito·
Permissam & vingança foy celeste,
E não força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos vates foy profetizado,
E despois por IESV certificado.

Passada esta tão prospera vitoria,
Tornado Affonso â Lusitana terra,
A só lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, & mezquinha.
Que despois de ser morta foy Rainha,

Tu so, tu puro Amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga
Deste causa â molesta morte sua,
Como se fora perfido inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
E porque queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estauas

Estauas linda Ines posta em sosego
De teus annos, colhendo doçe fructo,
Naquelle engano da alma, ledo & cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinando, & âs eruinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Do teu Principe ali te respondião,
As lembranças que na alma lhe morauão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus fermosos se apartauão,
De noite em doçes sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos que voauão.
E quanto em fim cuidaua, & quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, & Princesas;
Os desejados tàlamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gesto suaue te sogeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita
O murmurar do pouo, & a fantasia
Do filho, que casar se não queria.

Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preſo
Crendo co ſangue ſô da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceſo
Que furor conſentio, que a eſpada fina,
Que pode ſuſtentar o grande peſo
Do furor Mouro, foſſe aleuantada,
Contra hũa fraca dama delicada?

Trazião aos horrificos algozes,
Ante o Rey, ja mouido a piedade:
Mas opouo com falſas, & ferozes,
Razões, á morte crua o perſuade:
Ella com triſtes & piedoſas vozes,
Saidas ſò da magoa, & ſaudade
Do ſeu Principe, & filhos que deixaua
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo criſtalino aleuantando,
Com lagrimas os olhos piedoſos,
Os olhos, porque as mãos lhe eſtaua atando,
Hum dos duros miniſtros riguroſos
E deſpois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, & tam mimoſos,
Cuja orfindade como mãy timia,
Pera o auò cruel aſſi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aues agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tam piadoso sentimento,
Como co a mãy de Nino ja mostrárão,
E cos yrmãos que Roma edificárão.

O tu que tens de humano o gesto & o peito
(Se de humano he, matar bũa donzella
Fraca & sem força, so por ter subjeito
O coração, a quem soube vencella)
A estas criançinhas tem respeito,
Pois o não tem á morte escura della,
Mouate a piedade sua & minha,
Pois te não moue culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem pera perdela não fez erro:
Mas se to assi merece esta inocencia,
Poem me em perpetuo & mísero desterro,
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viua eternamente.

Poem me onde se vse toda a feridade,
Entre Liões, & Tigres, & verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achey:
Ali co amor intrinseco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejão da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rey benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, & seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoão;
Arrancão das espadas de aço fino.
Os que por bom talfeito ali apregoão
Contra hũa dama ò peitos carniceiros
Feros vos amostrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãy velha,
Porque a sombra de Achiles a condena,
Coferro o duro Pirro se aparelha,
Mas ella os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente, & mansa ouelha)
Na misera mãy postos, que endondeçe
Ao duro sacrificio se offereçe.

Tais

Tais contra Inés os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sostinha
As obras com que o mar matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçauão, feruidos & yrosos,
No foturo castigo não cuidosos.

Bem podêras, ò Sol, da vista deste
Teus rayos apartar aquelle dia,
Como da seua mesa de Tyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia
Vos, ò concanos vales que podestes,
A voz extrema ouuir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,
Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,
Antes do tempo foy, candida & bella,
Sendo dar mãos laciuas mal tratada,
Da minina que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
Tal estâ morta a palida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca & viua cor, co a doçe vida.

As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memorarão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformarão:
O nome lhe poserão, que inda dura,
Dos amores de Ines que ali passarão.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomando do Reyno a gouernança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos immigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,
De latrocinios, mortes & adulterios,
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,
Erão os seus mais certos refrigerios,
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando à morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.

Do justo

Do justo & duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, & sem cuidado algum Fernando,
Que todo o Reyno pos em muito aperto,
Que vindo o Castelhano deuastando
As terras sem defesa, esteue perto
De destruirse o Reyno totalmente,
Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,
De tirar Lianor a seu marido,
E casarse co ella de enleuado,
Num falso parecer mal entendido:
Ou foy que o coração sogeito, & dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, & fraco. & bem parece
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado teuerão sempre a pena
Muitos, que Deos o quis & premitio:
Os que forão roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem Dauid Sancto se condena?
Ou quem o Tribo illustre destruio
De Benjamim? bem claro nolo insina,
Por Sarra Faraò, Sychem por Dina.

E pois

E pois se os peitos fortes enfraqueçe,
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se pareçe,
Quando em Omfale andaua transformado
De Marco Antonio a fama se escureçe,
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado:
Tu tambem Peno prospero o sentiste
Despois que hũa moça vil na Apulia viste:

Mas quem pode liurarse por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas & a noue humana pura,
O ouro, & o alabastro transparente
Quem de hũa pergrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coração conuerte que tem preso,
Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem via hum olhar seguro, hum gesto brando,
Hũa suane & Angelica excelencia,
Que em si està sempre as almas tranformãd
Que tiuesse contra ella resistencia:
Desculpado por certo está Fernando,
Pera quem tem de amor experencia:
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muyto mais culpado o julgaria.

Canto

Canto Quarto.

DESPOIS de procello
sa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante
vento,
Traz a manhaã serena claridade,
Esperança de porto, & saluamento,
Aparta o Sol a negra escuridade,
Remouendo o temor ao pensamonto
Assi no Reyno forte aconteceo,
Despois que o Rey Fernando falleceo:

Porque se muito os nossos desejarão
Quem os danos & offensas va vingando,
Naquelles que tambem se aproueitarão,
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançárão,
Ioanne sempre illustre aleuantando
Por Rey, como de Pedro vnico erdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser

Ser isto ordenação dos ceos diuina
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de hũa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo,& a voz aleuantou,
Portugal,Portugal,alçando a mão
Disse,polo Rey nouo Dom Ioão.

Alteradas então do Reyno as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas,& euidentes,
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos & parentes,
Do adultero Conde,& da Rainha,
Com quem sua incontinencia desoneſta
Mais(despois de viuua)manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima & corre:
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordens)de alta torre
A quem ordens nem aras,nem respeito,
Quem nu por ruas & empedaços feito.

Pod-se

Podense por em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Syla, quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano está, que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella aleuantada,
Dizendo que esta filha ao Pay sucede:
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,
(Se foy) ja teue nome diriuado
Das terras que Fernando, & que Rodrigo,
Ganharão do tirano & Mauro estado:
Não estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente,
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntauão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lauão,
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tirios habitauão:
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reyno de Toledo,
Cidade nobre & antiga, a quem cercando,
O Tejo em torno vay suaue & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
A aquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas rezões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro se ennobreçe,
Armou delle os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane, a quem do peito o esforço creçe,
Como a Sansam Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe pareçe
Cos poucos de seu Reymo se aparelha,
E não porque conselho lhe faleçe,
Cos principaes senhores se aconselha:
Mas so por ver das gentes as sentenças
Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se conuerte,
Em desusada & ma deslealdade,
Podendo o temor mais gelado, inerte
Que a propria & natural fidelidade,
Negão o Rey & a patria, & se conuem,
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
No forte dom Nuno aluerez: mas antes
Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,
Reprouando as vontades incostantes:
A aquellas duuidosas gentes disse,
Com palauras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, & não facundo,
Ameaçando a terra, o mar & o mundo.

Como

Como da gente illuſtre Portugueſa,
Ha de auer quem refuſe o patrio Marte?
Como, deſta prouincia que princeſa
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de ſair quem negue ter defeſa,
Quem negue a Fe, o amor o eſforço & arte
De Portugues, & por nenhum reſpeito
O proprio Reyno queira ver ſogeito?

Como, não ſois vos inda os deſcendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquez feros & valentes
Veneſtes eſta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poſeram em fugida, de maneira,
Que ſete illuſtres Condes lhe trouxerão
Preſos, afora a preſa que tiuerão?

Com quem forão contino ſopeados
Eſtes, de quem o eſtais agora vos,
Por Dinis & ſeu filho, ſublimados
Se não cos voſſos fortes pais & auôs?
Pois ſe com ſeus deſcuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza aſſi vos pos,
Torne vos voſſas forças o Rey nouo,
Se he certo que co Rey ſe muda o pouo.

Rey

Rey tendes tal, que se o valor tiuerdes
Igual ao Rei que agora aleuantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais aquem ja desbaratastes:
E se com isto em fim vos não mouerdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atay as mãos a vosso vão receio,
Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassalos, & com esta,
(E dizendo isto arranca mea espada)
Defenderey da força dura, & infesta
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade ja por vos negada,
Vencerey (não so estes aduersarios:)
Mas quãtos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mançebos recolhidos,
Em Camisio, reliquias sos dẽ Canas,
Ia pera se entregar quasi mouidos
A fortuna das forças Affricanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas, nam deixarão em quanto avida
Os nam deixar, ou nellas for perdida.

Deſtarte a gente força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouuir as vltimas razões
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgão de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremeſſoẽs,
Vão correndo & gritando a boca aberta,
Viua o famoſo Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão
A guerra com que apatria ſe ſoſtinha,
Hũs as armas alimpão & renouão,
Que a ferrugem da paz gaſtadas tinha:
Capaçetes eſtofam, peitos prouão,
Armaſe cada hum como conuinha.
Outros fazem veſtidos de mil cores,
Com letras & tenções de ſeus amores.

Com toda eſta luſtroſa companhia,
Ioanne forte ſae da freſca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy poſſantes,
Orientais exercitos, ſem conto,
Com que paſſaua Xerxes o Helesponto.

Dom

Dom Nuno Aluares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Huno o foy primeiro
Pera Franceses, pera Italianos,
Outro tambem famoso caualleiro.
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandalos, & regelos,
Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
Antão vazquez de Almada he Capitão,
Que despois foy de Abrãches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a sestra mão,
Logo não retagoarda não se esconde,
Das quinas & castellos o pendão,
Com Ioanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezãdo as mais, irmãs damas, & esposas
Prometendo jejũs, & romarias.
Ia chegão as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duuida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alferezes volteão as bandeiras,
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Baco das vuas tira o doçe mosto.

Deu final a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuio o monte Artabro, & Guadiana,
Atras tornou as ondas de medroso:
Ouuio o Douro, & a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
Eas mãis que o som terribil escuitárão,
Aos peitos os filhinhos apertárão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,
Que ao caração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E se o não he, pareçeo, que o furor
De offender, ou vencer o duro immigo,
Faz não sentir, q̃ he perda grande & rara
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

Começa-se a trauar a incerta guerra,
De ambas partes se moue a primeira ala,
Hũs leua a defensam da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira em quẽ se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala
Derriba, & encõtra, & a terra ẽ fim semea
Dos que a tanto desejão, sendo alhea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão,
Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cauallos, treme a terra, os vales soão:
Espedação se as lanças, & as frequentes
Quedas, co as duras armas tudo atroão:
Recreçem os immigos sobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
(Caso sea & cruel:) mas não se espanta,
Que menos he querer matar o yrmão,
Quẽ contra o Rei & a patria se alcuãta:
Destes arrenegados muitos sam,
No primeiro esquadrão, que se adianta,
Cõtra yrmãos & parentes (caso estranho)
Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Mogno.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coraçaõ, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes grauissimos castigos
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Esta ali Nuno, qual pellos outeiros
De Ceita está o fortissimo lião
Que cercado se ve dos caualleiros
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguemno com as lanças, & elle iroso
Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os vé, mas a natura
Ferina, & a yra não lhe compadecem
Que as costas dè, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o caualeiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente
Perde a vertude contra tanta gente.

Sentio

Sentio Ioanne a afronta que passaua
Nuno, que como sabio capitão,
Tudo corria, & via, & a todos daua
Com presença & palauras coração:
Qual parida Lioa fera & braua
Que os filhos que no ninho sós estão
Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos
Os montes sete Irmãos atroa & abala,
Tal Ioanne com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
O fortes companheiros, o subidos
Caualleyros, a quem nenhum se ygoala,
Defendey vossas terras que a esperança
Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
Que entre as lanças & sètas, & os arneses
Dos inimigos corro, & vou primeiro
Pelejay verdadeiros Portugueses.
Isto disse o magnanimo guerreyro
E so pesando a lança quatro vezes,
Com força tira & deste vnico tiro
Muytos lançarão o vltimo sospiro.

Porque eis os seus aceſos nouamente
Dhũa nobre vergonha & honroſo fogo
Sobre qualmais com animo valente,
Perigos vencerá, do Marcio jogo
Porfião tingio ferro o fogo ardente
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Aſsi recebem junto, & dão feridas
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Eſtigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro entrana
O Meſtre morre ali de Sanctiago
Que fortiſsimamente pelejaua
Morre tambem, fazendo grande eſtrago
Outro Meſtre cruel de Calatraua
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados

Muitos tambem do vulgo vil ſem nome
Vão, & tambem dos nobres ao profundo
Onde o Trifauce Cão perputua fome
Tem, das almas que paſsão deſte mundo
E porque mais aqui ſe amanſe & dome
A ſoberba do imigo furibundo,
A ſublime bandeira Caſtelhana
Foy derribada os pês da Luſitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes gritos, sangue & cutiladas
A multidão da gente que perece
Tem as flores da propria cor mudadas:
Ia as costos dão & as vïdas ja falece
O furor, & sobejão as lançadas,
Ia de Castella o Rey desbaratado
Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor
Contente de lhe não deixar a vida
Seguemno os que ficarão, & o temor
Lhe da não pés, mas asa, à fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da desonra, & triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando
Do primeyro que guerra fez no mundo
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçpso & sitibundo:
Que por tomar o alheo, o miserando
Pouo auentura às penas do profundo
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sam filhos, sem maridos desditosas.

Ho

O vencedor Ioanne esteue os dias
Costumados no campo, em grande gloria
Com offertas despois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno q̃ não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria
Se não por armas sempre soberanas
Pera as terras se passa Transtaganas.

Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo & o vencimento
Ia de Seuilha a Betica bandeira
E de varios senhores num momento
Se lhe derruba aos pés sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reys inimigos por maridos
Aas duas Illustrissimas Inglesas
Gentis, fermosas, inclitas princesas.

Não

Não sofre o peito forte vsado á guerra
Não ter imigo ja a quem faça dano,
E assi não tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo á ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, & o nobre fundamento
De Ceita toma, & o torpe Mabometa
Deita fora, & segura toda Espanha,
Da Iuliana, mà, & desleal manha.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quem o leuon, quem gouernasse,
E aumentasse a terra mais que dantes
Inclita geração altos Infantes.

Não

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na ſumma alteza,
Que aſsi vay alternando o tempo iroſo
O bem ca mal, o goſto co a triſteza:
Quem vio ſempre hum eſtado deleitoſo?
Ou quem vio em fortuna aver firmeza?
Pois inda neſte Reino, & neſte Rey
Não vſou ella tanto deſta ley.

Vio ſer catiuo o ſacto irmão Fernando
Que a tão altas empreſas aſpiraua
Que por ſaluar o pouo miſerando
Cercado, ao Sarraceno ſentregaua:
Sô por mor da patria eſtà paſsando
A vida de ſenhora feyta eſcraua,
Por não ſe dar por elle ha forte Ceita
Mais o publico bem que o ſeu reſpeita.

Codro porque o inimigo não venceſſe,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria não perdeſſe,
Quis mais a liberbade ver perdida:
Eſte porque ſe Eſpanha não temeſſe
A captiueiro eterno ſe conuida:
Codro, nem Corcio, ouuido por eſpanto
Nemos Decios leais fizerão tanto.

Mas

Mas Affonſo do Reino vnico herdeiro,
Nome em armas ditoſo, ẽ noſſa Heſperia,
Que a ſoberba do barbaro fronteiro,
Tornou em baxa & humilima miſeria,
Fora por certo inuicto caualleiro,
Se não quiſera yr ver a terra Iberia:
Mas Affrica dira ſer impoſsiuel,
Poder ninguem vencer o Rei terribel.

Eſte pode colher as maçãs de ouro,
Que ſomente o Terintio colher pode,
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
Aceruiz inda agora nam ſacode:
Na fronte a palma leua, & o verdelouro,
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcaçer forte villa,
Tangere populoſo, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaxarão de Diamante,
As Portugueſas forças coſtumadas,
A derribarem quanto achão diante,
Marauilhas em armas eſtremadas,
E de eſcriptura dinas alegante,
Fizerão caualleiros neſta empreſa
Mais, affinando a fama Portugueſa.

Porem

Porem deſpois tocado de ambição,
Egloria de mandar amara & bella,
Vay cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Caſtella,
Ajuntaſe a inimiga multidão,
Das ſoberbas & varias gentes della,
Deſde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo;

Não quis ficar nos Reinos occioſo,
O mancebo Ioanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioſo,
Que então lhe foy ajuda não pequena,
Saioſe em fim do trançe perigoſo,
Com fronte não toruada, mas ſerena
Desbaratado o pay ſanguinolento:
Mas ficou duuidoſo o vencimento.

Porque o filho ſublime & ſoberano,
Gentil, forte, animoſo caualleiro,
Nos contrarios fazendo imenſo dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Deſta arte foy vencido Octauiano.
E Antonio vencedor ſeu companheiro,
Quando daquelles que Ceſar matàrão
Nos Philipicos campos ſe vingarão.

Porem

Porem despois que a escura noite eterna,
Affonso aponsentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino então gouerna,
Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
Este por auer fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando ogora.

Manda seus mensageiros que passarão
Espanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcárão,
Onde ja foy Partenope enterrada,
Napoles onde os fados se mostrárão,
Fazendoa a varias gentes subjugada,
Tola illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegão,
Vão se ás praias de Rodes arenosas,
E dali ás ribeiras altas chegão,
Que com morte de Magno sam famosas:
Vão a Menfis, & ás terras que se regão,
Das enchentes Niloticas vndosas,
Sobem a Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito:

Passam

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficãolhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Patrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascẽ tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia
Do Indo, pellas ondas do Occeano,
Onde nam se atreueo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produze & cria:
Mas de vias tão asperas, tamanhas
Tornarse facilmente não podia,
La morrerão em fim, & la ficarão.
Que à desejada patria não tornarão.

Parece

Pareſce que guardaua o claro ceo
A Manoel, & ſeus merecimentos,
Eſta empreſa tão ardua, que o moueo
A ſubidos & illuſtres mouimentos:
(Manoel, que a Ioane ſuccedeo
No reyno, & nos altiuos penſamentos)
Logo como tomou do reyno cargo
Tomou mais a conquiſta do mar largo.

O qual, como do nobre penſamento
Daquella obrigação, que lhe ficâra
De ſeus antepaſſados (cujo intento,
Foy ſempre acrecentar a terra chara)
Não deyxaſſe de ſer hum ſó momento
Conquiſtaao: No tempo que a luz clara
Foge, & as eſtrellas nitidas que ſaem
A repouſo conuidão, quando caem.

Eſtando jâ deytado no aureo leyto
Onde imaginações mais certas ſão,
Reuoluendo contino no conceyto
De ſeu officio, & ſangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o ſonno aceyto,
Sem lhe deſoccupar o coração,
Porque tanto que laſſo ſe adormece
Morfeo em varias formas lhe apareçe.

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto, que tocaua a prima Esphera,
Donde diante varios mundos via
Nações de muyta gente estranha, & fera:
E lâ bem junto donde nace o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos longinquos, & altos mõtes
Nacerem duas claras, & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias
Pello monte seluatico habitauão,
Mil aruores syluestres & eruas varias
O passo & o trato ás gentes attalhàuão:
Estas duras montanhas aduersarias
De mais conuersação, por si mostràuão
Que desque Adão peccou aos nossos annos
Não as rompèrão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que sahião
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homẽs, que muy velhos parecião
De aspeyto, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe sahião,
Cotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça, & denegrida,
A barba ir suta, intonsa, mas comprida.

Dambos

Dambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos & eruas tinha,
Hum delles a presença traz cansada
Como quem de mais longe ali caminha,
E assi a agoa com impito alterada
Parecia que á outra parte vinha,
Bẽ como Alpheo de Arcadia e Syracusa
Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa
Dest' arte pera o Rey de longe brada,
O tu, a cujos reynos & coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nos outros, cuja fama tanto voa,
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
Te auisamos que he tempo que jâ mandes
A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeyro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra,
Que vês, seu nacimento tem primeyro:
Custartemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeyro,
Com nam vistas victorias, sem receo
A quantas gentes vês porás o freo.

Não disse mais o rio Illustre & Sancto,
Mas ambos desparecem num momento,
Acorda Emanuel cum nouo espanto
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Febo o claro manto
Pello escuro Emisspherio somnolento:
Veo a menham no Ceo pintando as côres
De pudibunda rosa, & roxas flores.

Chama o Rey os senhores a conselho
E propoem lhe as figuras da visão,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho
Pera que com sublime coração
Vâ a gẽte que mandar cortando os marès
A buscar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuydaua que em effeyto
Se posesse o que o peyto me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geyto
Presago o coração me prometia:
Não sey, porque razão, porque respeyto,
Ou, porque bom final que em mi se via,
Me poem o inclyto Rey nas mãos a chaue
Deste cometimento grande, & graue.

E com

E com rogo & palauras amorosas
Que he hũ mando nos Reys q̃ a mais obriga,
Me disse. As cousas arduas & lustrosas
Se alcanção com trabalho & com fadiga:
Faz as pessoas altas & famosas
A vida que se perde & que periga,
Que quando ao medo infame não se rende
Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para hũa empresa qual a vos se deue,
Trabalho illustre, duro & esclarescido,
O que eu sey que por mi vos será leue:
Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,
A uenturarme a ferro, a fogo, à neue,
He tão pouco por vos, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
Quaes Euristeo a Alcides inuentaua,
O Lião Cleonêo, Harpyas duras
O porco de Erimantho, a Ydra braua:
Decer em fim às sombras vans & escuras
Onde os campos de Dite a Estige laua,
Porque à mayor perigo, à môr affronta
Por vos, o Rey, o esprito, & carne he prompta.

Com merces sumptuosas me agradece
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanharme logo se offerece,
Obrigado d'amor & d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra & fama,
O charo meu Irmão, Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos são de valia & de conselho
D'experiencia em armas & furor:
Ià de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valor,
Todos de grande esforço, & assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel renumerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos succedessem:
Assi forão o Mynias ajuntados
Pera que o veo dourado combatessem,
Na Fatidica Nao, que ousou primeyra
Tentar o mar Euxinio, auentureyra.

E já

E já no porto da inclita Ulyſſea
Cum aluoroço nobre, & cum deſejo,
(Onde o licor meſtura & branca area
Co ſalgado Neptuno o doce Tejo:)
As Naos preſtes eſtão, & não refrea
Temor nenhum o iuuenil deſpejo,
Porque a gente maritima & a de Marte
Eſtão pera ſeguirme a toda parte.

Pelas prayas veſtidos os ſoldados
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de eſforço aparelhados
Pera buſcar do mundo nouas partes:
Nas fortes Naos os ventos ſoſſegados
Ondeão os aerios eſtandartes,
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ſer no Olimpo eſtrellas como a de Argos.

Deſpois de aparelhados deſta ſorte
De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte
Que ſempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o ſummo poder que a Etherea Corte
Soſtenta ſò coa viſta veneranda,
Imploramos fauor, que nos guiaſſe
E que noſſos começos aſpiraſſe.

Partimonos assi do sancto templo
Que nas Prayas do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mũdo dado:
Certificote, o Rey, que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado,
Cheo dentro de duuida & receo
Que apenas nos meus olhos ponho o freo.

A gente da cidade aquelle dia
(Hũs por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente) concorria
Saudosos na vista & descontentes:
E nos coa virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solenne a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidoso
Por perdidos as gentes nos julgauão,
As molheres cúm choro piadoso,
Os homẽs com suspiros que arrancauão:
Mãys, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentauão
A desesperação, & frio medo
De já nos não tornar a ver tam cedo.

Qual

Qual voy dizendo: O filho a quem eu tinha
Só pera refrigerio, & doce emparo
Deſta canſada já velhice minha,
Que em choro acabarâ penoſo & amaro:
Porque me deyxas, miſera & mezquinha?
Porque de mi te vas, o filho charo
A fazer o funereo enterramento
Onde ſejas de pexes mantimento?

Qual em cabello: O doce & amado eſpoſo
Sem quẽ nõ quis amor, que viuer poſſa,
Porque is auenturar ao mar iroſo
Eſſa vida que he minha, & nõ he voſſa?
Como por hum caminho duuidoſo
Vos eſquece a afeyçõ tão doce noſſa?
Noſſo amor, noſſo vão contentamento
Quereis que com as vellas leue o vento.

Neſtas & outras palauras que dizião
De amor, & de piadoſa humanidade,
Os velhos & os mininos os ſeguião,
Em quem menos eſforço poem a ydade:
Os mentes de mais perto reſpondião
Quaſi mouidos de alta piedade,
A branca area ás lagrimas banhauão,
Que em multidão cõ ellas ſe igualauão.

Nos

Nos outros sem a vista aleuantarmos
Nem a Mãy, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do preposito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor vsança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho d'aspeyto venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nôs os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco aleuantando,
Que nôs no mar ouuimos claramente,
Cum saber só d'experiencias feyto
Tais palauras tirou do experto peyto.

O gloria de mandar, o vãa cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
O fraudolento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que Honra se chama:
Que castigo tamanho & que justiça
Fazes no peyto vão que muyto te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles esprimentas.

Dura

Dura inquietaçam d'alma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de Reynos, & de Imperios:
Chamãote illustre, chamãote subida,
Sendo digna de infames vituperios,
Chamãote Fama, & Gloria soberana,
Nomes com quẽ se o pouo nescio engana.

A que nouos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de Reynos, & de minas
D'ouro, que lhe faràs tão facilmente?
Que famas lhe prometeràs, que historias?
Que triumphos, q̃ palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle insano
Cujo peccado & desobediencia,
Não sómente do Reyno soberano
Te pôs neste desterro & triste ausencia:
Mas inda d'outro estado mais q̃ humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Idade d'ouro, tanto te priuou
Que na de ferro & d'armas te deytou.

Iá

Iâ que nesta gostosa vaydade
Tanto enleuas a leue fantasia,
Iâ que à bruta crueza & feridade
Poseste nome esforço & valentia,
Iâ que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que deuia
De ser sempre estimada, pois que jâ
Temeo tanto perdella quem a dâ.

Nam tens junto cõtigo o Ismaelita
Com quem sempre teràs guerras sobejas?
Naõ segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu polla de Christo só pellejas?
Naõ tem cidades mil, terra infinita,
Se terras & riqueza mais desejas?
Naõ he elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louuado?

Deyxas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despouoe o Reyno antigo,
Se enfraqueça, & se vaa deytando a longe:
Buscas o incerto & incognito perigo
Porque a fama te exalte & te lisonge,
Chamando te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito

O, maldito, o primeyro que no mundo
Nas ondas vella pôs en seco lenho,
Digno da eterna pena do profundo
Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
Nunca juyzo algum alto & profundo,
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peyto humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo
Em mortes, em deshõras (grande engano)
Quanto milhor nos fora Prometeo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua Illustre não tiuera
Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometè a o moço miserando
O carro alto do pay, nem o âr vazio
O grande Architector co filho, dando
Hũ, nome ao mar, & o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto & nefando
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
Deyxa intentado a humana geração:
Mísera sorte, estranha Condição?

FIM.

Canto Quinto.

ESTAS sentenças tais o velho honrado
Vociferando estaua, quando abrimos
As asas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he jà no mar costume vsado
A vella desfraldando o Ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
No troncos fez o vsado mouimento.

Entraua neste tempo o eterno lume,
No animal Nemeyo truculento,
E o mundo que com tempo se consume
Na sexta idade andaua enfermo & leto:
Nella vè, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouenta & sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

Já a vista pouco & pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficàuão,
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
De Sintra, & nella os olhos se alongàuão:
Ficauanos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lâ deyxàuão,
E jà despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar, & Ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração algũa não abrio,
As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes & lugares
Terra que Antheo num tempo possuhio,
Deyxando à mão ezquerda, q̃ à dereyta
Não ha certeza d'outra, mas sospeyta.

Passamos a grande Ilha da madeyra,
Que do muyto aruoredo assi se chama,
Das que nos pouoamos a primeyra,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas, nem por ser do mũdo a derradeyra,
Se lhe auentajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecèra
De Cypro, Cuido, Paphos, & Cythêra.

Deyxamos

Deyxamos de Massilia a esteril costa
Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as eruas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fruto em fim despostа,
Onde as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbarîa de Ethiopia.

Passamos o lemite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas laua & rega
Do negro Sanagâ a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo jâ as Canareas Ilhas
Que tiuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras por onde nouas marauilhas
Andarão vendo jâ nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Eſpanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo eſtrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenſo lago,
Do ſalgado Occeano, & aſſi deixamos
A terra onde o refreſco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
De africa, que ficaua ao Oriente,
A prouincia Ialofo, que reparte
Por diuerſas nações a negra gente:
A muy grande Mandinga, por cuja arte,
Logramos o metal rico & luzente,
Que do curuo Gambea as agoas bebe
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas paſſamos, pouoadas
Das Irmãas, que outro tempo ali viuião,
Que de viſta total ſendo priuadas
Todas tres dhum ſo olho ſe ſeruião:
Tu ſo, tu cujas tranças encreſpadas
Neptuno la nas agoas acendião,
Tornada ja de todas a mais fea
De biuoras encheſte a ardente area.

Sempre em fim pera o Auſtro a aguda proa
No grandiſſimo golfaõ nos metemos,
Deixando a ſerra aſperrima Lyoa
Co Cabo, a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo ſoa
O mar nas prayas notas, que ali temos,
Ficou, co a Ilha illuſtre que tomou
O nome d'hum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno eſtâ de Congo
Por nos ja conuertido á fé de Chriſto,
Por onde o Zaire paſſa claro & longo
Rio pellos antigos nunca viſto:
Por eſte largo mar em fim me alongo
Do conhecido pollo de Caliſto,
Tendo o termino ardente ja paſſado
Onde o meyo do mundo he limitado

Ia deſcuberto tinhamos diante
La no nouo Hemiſperio noua eſtrella,
Não viſta de outra gente, que ignorante
Algũs tempos eſteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta deſtrellas menos bella
Do Polo fixo, onde inda ſe não ſabe
Que outra terra comece, ou mar acabe:

Aſſi

Aſsi paſſando aquellas regioẽs
Por onde duas vezes paſsa Apolo,
Dous inuernos fazendo & dous veroẽs
Em quanto corre d'hum ao outro Polo:
Por calmas por tormentas & opreſsoẽs
Que ſempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Vrſas a peſar de Iuno
Banharemſe nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigoſas
Couſas do mar, que os homẽs não entendem,
Subitas trouoadas temeroſas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebroſas,
Bramidos de trouoẽs que o mundo offendem,
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que tiueſſe a voz de ferro.

Os caſos vi que os rudos marinheiros
Que tem por moſtra a longa experiencia,
Contão por certos ſempre & verdadeiros,
Iulgando as couſas ſo polla aparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros
Que ſo por puro engenho & por ſciencia,
Vem do mundo, os ſegredos eſcondidos
Iulgão por falſos, ou mal entididos.

Vi claramente visto o lume viuo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiuo
De tempestade escura & triste pranto:
Não menos foy a todos eccessiuo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Veras nuuẽs do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Occeano.

Eu o vi certamente (& não presumo
Que a vista me enganaua) leuantar se,
No ar hum vaporzinho & sutil fumo
E do vento trazido, rodearse:
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergarse
Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuuẽs parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando
E mais que hum largo masto se engrossaua
Aqui se estreita aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupaua,
Estauase co as ondas onde ando,
Encima delle hũa nuuem se espassaua,
Fazendose mayor mais carregada
Co cargo grande dagoa em si tomada.

Qual

Qual roxa Sangue fuga ſe veria
Nos beiços da alimaria(que imprudẽte,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co ſangue alheyo a ſede ardente:
Chupãdo mais & mais ſe engroſſa & cria,
Ali ſe enche & ſe alarga grandemente,
Tal a grande coluna,enchendo aumenta
Aſi,& a nuuem negra que ſuſtenta.

Mas deſpois que de todo ſe fartou
O pê que tem no mar a ſi recolhe,
E pello ceo chouendo em fim voou
Porque c'o agoa a gente agoa molhe:
Aas ondas torna ás ondas que tomou:
Mas o ſabor do ſal lhe tira,& tolhe,
Vejão agora os ſabios na eſcriptura
Que ſegredos ſam eſtes da Natura.

Se os antigos Philoſophos,que andarão
Tantas terras,por ver ſegredos dellas,
As marauilhas que eu paſſei,paſſarão
A tão diuerſos ventos dando as vellas:
Que grandes eſcripturas que deixarão
Que influição de ſinos & de eſtrellas,
Que eſtranhezas,que grãdes qualidades,
E tudo ſem mentir,puras verdades.

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita cinco vezes apreſſada,
Agora meyo roſto, agora inteiro
Moſtrara ẽ quãto o mar cortaua a armada
Quando da Eterea gauea hũ marinheiro
Prompto coa viſta, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoraçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de naũes ſe começão
A deſcubrir os montes que enxergamos,
As ancoras peſadas ſe adereção,
As vellas ja chegados amainamos:
Espera que mais certas ſe conheção
As partes tão remotas onde eſtamos,
Pello nouo inſtrumento do Aſtrolabio
Inuenção de ſutil juizo, & ſabio.

Deſembarcamos logo na eſpaçoſa
Parte, por onde a gente ſe eſpalhou
De ver couſas eſtranhas deſejoſa
Da terra que outro pouo não piſou:
Porem eu cos pilotos na arenoſa
Traya, por vermos em que parte eſtou,
Me detenho em tomar do Sol á altura
E compaſſar a vniuerſal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro peixe a grande mata,
Estando entre elle, & o circolo gelado
Austral, parti do mundo mais secreta:
Eis de meus companhtiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão per força, em quanto apanha
De mel os doces fauos na montanha.

Turbado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Saluagem mais que o bruto Polisemo,
Começoulhe a mostrar da rica pelle
De Colços o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especearia:
A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos
Contas de Christalino transparente,
Alguns soantes cascaueis pequenos.
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinais, & por acenos
Que com isto se alegra grande mente,
Mando o soltar cõ tudo, & assi caminha
Pera a pouoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nús, & da cor da escura treua,
Decendo pellos asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domasticos ja tanto & companheiros
Se nos mostrão, què fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grãde espaço ja passado,
Em que algum bom final saber procuro:
Estando a vista alçada, co cuidado
No auentureyro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apreßado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de preßa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro & outro lhe saem: vesse em preßa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & em quãto o remo aperto
Se mostra hum bando negro descuberto.

Da

Da espossa nuuem sétas & pedradas
Chouem sobre nos outros sem medida,
E não forão ao vento em vão deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
A reposta lhe demos tão decida,
Que em mais que nos barretes se sospeita:
Que a cor vermelha leuão desta feita.

Estendo ja Velloso em saluamento
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia fea & rudo intento
Da gente bestial, bruta & maluada:
De quem nenhum milhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della
Assi torney a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oula, Velloso amigo, aquelle outeiro
He milhor de decer que de subir?
Si he, responde o ousado auentureiro
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
Daquelles caẽs, de pressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaueis ca sem mim.

Contou

Contou então que tanto que passdrão
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o não deixarão,
Querendo,se não torna,ali matallo,
E tornandose,logo se emboscarão
Porque saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados
Que dali nos partimos,cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha,& carregada,
Que pos nos corações hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo:
O poteſtade,disse,sublimada
Que aneaço diuino,ou que segredo,
Este clima,& este mar nos apresenta,
Que mòr cousa parce que tormenta?

Nas

Não acabaua, quando hũa figura
Se nos mostra no ar, robusta, & valida,
De disforme, & grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba escalida:
Os olhos encouados, & a postura
Medonha, & má, e a cor terrena, e palida,
Cheos de terra, & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hũ dos sete milagres foy do mundo:
Cum tõ de voz na fala horendo, & grosso
Que pareceo sair do mar profundo,
Arrepião se as carnes, & o cabello
A mi, & a todos, só de ouuillo, & vello:

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas
Tu que por guerras cruas, taes, & tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares ousas,
Que eu tão tempo ha ja q̃ guardo, e tenho
Nũca arados estranho, ou proprio lenho

Pois

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar & polla terra
Que inda has de sojugar cõ dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas
Inimiga terão esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja môr o dano que o perigo,

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio suma vingança,
E não se ocabarà so nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se be verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições detoda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro Illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serey eterna & noua sepultura
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porâ da Turca armada dura
Os soberbos & prosperos tropheos
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virà de honrada fama
Liberal, caualeiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por gram merce lhe terà dado:
Triste ventura, & negro fado os chama
Neste terreno meu que duro & yrado,
Os deixarâ dhum crù naufragio viuos
Pera verem trabalhos ecessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos
Em tanto amor gérados & nacidos,
Verão os Cafres asperos & auaros
Tirar à linda dama seus vestidos,
Os cristalinos membros & perclaros
A a calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pisada longamente
Cos delicados pês a area ardente

E verão

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desuentura,
Os dous amantes miseros ficarem,
Na feruida & implacabil espessura:
Ali despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dòr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltaram
Da fermosa & miserrima prisam.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse ou Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem marauilhado.
A boca & os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso & grande brado,
Me respondeo, com voz pesada & amara
Como quem da pregunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
A quem chamais vos outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passarão fuy notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que pera o Polo Antartico se estende
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que posesse serra sobre serra
Mas conquistando as ondas do Occeno,
Fuy capitão domar, por onde andaua
A armada de Neptuno, que eu buscaua.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizerão tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princesa,
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sayr nua na praya, & logo presa,
A vontade sinti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossiuel alcançalla
Polla grandeza sea de meu gosto,
Determiney por armas de tomalla
E a Doris este caso manifesto,
De medo a Deosa então por milhe falla,
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo. Qual sera o amor bastante
De Nimpha que sustente o d'hum Gigante.

Com

Com tudo por liurarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneira.
Com que com minha honra escuse o dano,
Tal reposta me torna a mensageira,
Eu que cair não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherãome com grandes abondanças
O peito de desejos & esperanças.

Ia nescio ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica despida,
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços pera aquella que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amaua,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua,
Estando cum penedo fronte a fronte
Queu pollo rosto angelico apertaua,
Não fiquey homem não mas mudo & quedo
E junto dhum penedo outro penedo.

O nimpha

O Nimpha a mais fermoſa do Oceano
Ia que minha preſença não te agrada,
Que te cuſtaua terme neſte engano,
Ou foſſe monte, nuuem, ſonho, ou nada,
Daqui me parto irado, & quaſi inſino
Da magoa & da deſonra ali paſſada,
Abuſcar outro mundo, onde não viſſe
Quem de meu pranto, & de meu mal ſe riſſe.

Erão ja neſte tempo meus Irmãos
Vencidos & em miſeria eſtrema poſtos,
E por mais ſegurarſe os Deoſes vãos
Alguns a varios montes ſotto poſtos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu que chorando andaua meus deſgoſtos,
Comecey a ſentir do fado imigo
Por meus atriuimentos o caſtigo.

Conuerteſeme a carne em terra dura,
Em penedos os oſſos ſe fizerão,
Eſtes membros que ves & eſta figura
Por eſtas longas agoas ſe eſtenderão:
Em fim minha grandiſſima eſtatura
Neſte remoto cabo conuerterão
Os Deoſes, & por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando deſtas agoas.

aſsi contaua & cum medonho choro
Subito dante os olhos ſe apartou,
Desfez ſe a nuuem negra, & cum ſonoro
Bramido, muito longe o mar ſoou:
Eu leuantando as mãos ao ſancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que remoueſſe os duros
Caſos, que Adamaſtor contou futuros.

Ia Phlegon, & Pyrois vinhão tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta ſe nos foy moſtrando
Em que foy conuertido o grão gigante:
Ao longo deſta coſta, começando
Ia de cortar as ondas do Leuante,
Por ella abaixo hum pouco nauegamos
Onde ſegunda vez terra tomamos.

A gente que eſta terra poſſuya
Poſto que todos Etiopes erão,
Mais humano no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailos & com feſtas de alegria
Pella praya arenoſa a nos vierão,
As molheres conſigo & o manſo gado
Que apacentauão gordo & bem criado.

As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratarão,
Trazendonos galinhas & carneiros
A troco doutras peças que leuarão:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palaura sua algũa lhe alcançarão
Que desse algum final do que buscamos:
As vellas dando, as ancaras leuamos.

Ia aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornaua
Aproa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscaua
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas triſtes & bonanças,
No largo mar fazendo nouas vias
So conduzidos de arduas eſperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias
Que como tudo nelle ſam mudanças,
Corrente nelle achamos tão poſſante
Que paſſar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demaſia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar que cantro nos ali corria
Que por nos a do vento que aſſopraua:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar(parece)tanto eſtaua
Os aſſopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a grão corente

Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reys das partes do Oriente,
Forão buſcar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neſte dia outro porto foy tomado
Por nos, da meſma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em qne por elle nos metemos.

Deſta

Desta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No pouo com nos outros casi mudo:
Ora vè Rey quamanha terra andamos
Sem sair nunca deste pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem final,
Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas & por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar ja compellidos,
Por ceos não naturais de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento
Danoso, & mao ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento
Que se quer da esperança fosse engano:
Cres tu que se este nosso ajuntamento
De soldados, não fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rey & a seu regente?

Cres tu ja não forão leuantados
Contra seu capitão se os resistira,
Fazendo se Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo estão prouados
Pois que nenhũ trabalho grande os tira
Daquella Portugueſa alta eccellencia
De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar à agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desuio
Deitando pera o pego toda â armada:
Porque ventando Noto manso & frio
Não nos apanhasse á agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme
Emcomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa brada & geme
A proa inclina dhũa & doutra nao.
Quãdo indo o coração que espera & teme
E que tanto fiou dhum fraco p 10,
Do que esperaua ja desesperado
Foy dhũa nouidade aluoraçado.

E foy

E foy, que estando ja da costa perto
Onde as prayas & vellas bem se vião
Num rio, que alisae ao mar aberto
Bateis á vela entrauão & sayão:
Alegria muy grande foy porcerto
Acharmos ja pessoas que sabião
Nauegar, porque entrellas esperamos
De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece
Que com gente milhor comunicauão,
Palaura algũa Arabia se conhece
Entre a lingoagem sua que falauão,
E com pano delgado que se tece
De algodão, as cabeças apertauão,
Com outro que de tinta azul se tinge
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,
E que Fernão martinz muy bem entende
Dizẽ, que por nos, q̃ emgrãdeza ygoalão
As nossas, o seu mar se corta & fende,
Mas que la donde sae o Sol, se abalão
Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estende,
E do Sul pera o Sol, terra onde auia
Gente assi como nos da cor do dia.

Muy grandemente aqui nos alegramos
Co a gente, & com as nouas muito mais.
Pellos ſinais que neſte rio achamos
O nome lhe ficou dos bons ſinais:
Hum padrão neſta terra aleuantamos
Que pera aſinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, caſcas & doſtrinhos,
Nojoſa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vẽ ſordidas & immũdas:
Dos oſpedes que tinhamos vizinhos
Com moſtras apraziueis & jocundas,
Ouuemos ſempre o vſado mantimento
Limpos de todo o falſo penſamento.

Mas não foy, da eſperãça grãde & immenſa
Que neſta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompenſa
A Ramnuſia com noua deſuentura:
Aſſi no ceo ſereno ſe diſpenſa,
Co eſta condição peſada & dura
Nacemos, o peſar ter â firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

E foy que de doença crua & feya
A mais que eu nunca vi, desemparārão
Muitos a vida & em terra estranha & alheia
Os ossos pera sempre sepultarão:
Quem auerà que sem o ver o creya
Que tão disformemente ali lhe incharão,
As gingiuas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia com fetido & bruto
Cheiro, que o àr vizinho inficionaua,
Não tinhamos ali medico astuto,
Sururgião sutil menos se achaua:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pella carne ja podre assi cortaua,
Como se fora morta, & bem conuinha
Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos pera sempre os companheiros,
Que em tal caminho & em tanta desuentura
Forão sempre com nosco auentureiros
Quam facil he ao corpo a sepultura
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi

Assi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança & mor tristeza:
E pella costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade & má vileza
Ia seras sabedor,& dos enganos
Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no tou seguro porto,
Cuja brandura & doce tratamento,
Dará saude a hum viuo,& vida a hũ morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repousou,aqui doce conforto,
Noua quietação do pensamento
Nos deste,& vès aqui se atente ouuiste,
Te contey tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey se ouue no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crès tu que tanto Eneas & o facundo
Vlisses,pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que delle se escreuessem,
Do que eu vi,a poder desforço & de arte,
E do que inda ei de ver,a oitaua parte?

Esse

Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
Atenas, Ios, Argo, & Salamina:
E soutro que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona & diuina
Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos
Desses seus Semideoses, & encareção,
Fingindo Magas Circes, Polifemos,
Syrenas que co canto os adormeção:
Dem lhe mais nauegar á vella & remos
Os Cicones, & a terra onde se esquecem
Os companheiros em gostando o Loto,
Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lhe finjão & imaginem
Dos odres, & Calipsos namoradas,
Harpias, que o manjar lhe contaminem
Decer aas sombras nuas ja passadas:
Que por muito & por muito que se afinem
Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,
A verdade que eu conto nua & pura
Vence toda grandiloca escriptura:

Da

Da boca do facundo capitão
Pendendo estauão todos embibidos,
Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos grandes & subidos:
Louua o Rey o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
Da gente louua á antiga fortaleza,
A lealdade d'animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira
O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Par vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria
Dos proprios feitos, quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença ou ygoale os grandes ja passados:
As enuejas da illustre & alhea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor alheo muito o esperta & incita.

Não

Não tinha em tanto os feitos glorioſos
De Achiles, Alexandro na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numeroſos
Verſos, iſſo ſo louua, iſſo deſeja:
Os tropheos de Melciades famoſos
Temiſtocles deſpertão ſo de enueja,
E diz, que nada tanto o deleitaua
Como a vez que ſeus feitos celebraua.

Trabalha por moſtrar Vaſco da Gama
Que eſſas nauegaçõẽs que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria & fama.
Como a ſua, que o ceo & a terra eſpanta:
Si mas aquelle Heroe que eſtima. & ama
Com doẽs, merces, fauores, & honra tanta
Alira Mantuana faz que ſoe
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dá a terra Luſitana Scipoẽs
Ceſares, Alexandros, & da Auguſtos,
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões
Cuja falta os faz duros & robuſtos.
Octauio, entre as mayores opreſſoẽs
Compunha verſos doutos & venuſtos,
Não dirá Fuluia certo que he mentira
Quando a deixaua Antonio por Glafira.

Vay Cesar sojugando toda França
E as armas não lhe empedem a sciencia,
Mas nũa mão a pena, & noutra alança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe & alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

Em fim não ouue sorte capitão
Que não fosse tambem douto & sciente,
Da Lucia, Grega, ou Barbara nação
Se não da Portuguesa tão somente:
Sem vergonha o não digo, que a razão
Dalgum não ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso & rima,
Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de Natura
Não ha tambem virgilios nem Homeros,
Nem auerá se este costume dura
Pois Eneas, nem Achiles feros,
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tão asperos os fez, & tão Austeras,
Tão rudos, & de ingenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Aas

Aas Muſas agardeça o noſſo Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos ſeus na lira nome & fama
De toda a illuſtre & bellica fadiga:
Que elle, nem quem na eſtirpe ſeu ſe chama,
Caliope não tem por tão amiga
Nem as filhas do Tejo, que deixaſſem
As tellas douro fino, & que o cantaſſem.

Porque o amor fraterno & puro goſto
De dar a todo o Luſitano feito
Seu louuor, & ſomente o proſupoſto
Das Tagides gentis, & ſeu reſpeito:
Porem não deixe em fim de ter deſpoſto
Ninguem a grandes obras ſempre o peito,
Que por eſta ou por outra qualquer via
Não perdera ſeu preço & ſua valia.

FIM.

Canto Seisto.

NAM sabia em que modo
festejasse
O Rey Pagão os fortes nauegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tão possantes:
Pesalhe que tão longe o apousentasse
Das Europeas terras abundantes,
Aventura, que namno fez vizinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias
A segundo a policia Melindana,
Com vsadas & ledas pescarias
Cõ que a Lageia Antonio alegra & engana:
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

Mas vendo o Capitão que se detinha,
Ia mais do que deuia,& o fresco vento
O conuida que parta,& tome asinha,
Os Pilotos da terra,& mantimento,
Não se quer mais deter,que ainda tinha
Muito pera contar do falso argento,
Ia do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais,que aquelle porto seja,
Sempre com suas Frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja
Que dar a tais baroẽs seu reino,& estado:
E que em quanto seu corpo o sprito reja,
Estará de contino aparelhado,
A pòr a vida,& reino totalmente,
Por tão bom Rey,por tão sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia,
O Capitão,& logo às vellas dando,
Pera âs terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
No Piloto que leua não auia
Falsidade,mas antes vay mostrando
A nauegação certa,& assi caminha
Ia mais seguro do que dantes vinha.

As ondas nauegauão do Oriente
Ia nos mares da India,& enxergauão
Os talamos do Sol,que nace ardente,
Ia quaſi ſeus deſejos ſe acabauão:
Mas o mao de Tioneo,que na alma ſente
As venturas,que então ſe aparelhauão
Aa gente Luſitana dellas dina,
Arde,morre,blasfema & deſatina.

Via eſtar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa noua Roma,
Não no pode eſtoruar,que deſtinado
Eſtâ doutro poder que tudo doma,
Do Olimpo dece em fim deſeſperado,
Nouo remedio em terra buſca,& toma,
Entra no humido reino,& vaiſe à corte
Daquelle,a quem o mar cayo em ſorte.

No mais interno fundo das profundas
Cauernas altas,onde o mar ſe eſconde,
La donde as ondas ſaem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar reſponde,
Neptuno mora,& morão as jocundas
Nereidas,& outros Deoſes do mar,onde
As agoas campo deixão âs cidades,
Que habitão eſtas humedas deidades.

Deſcobre

Descobre o fundo nunca descuberto
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristal o que vè, se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Baco a vista pace:
E vè primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tão confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados
Em diuersos officios occupados.

Ali sublime o fogo estaua encima,
Que em nenhũa materia se sustinha,
Daqui as cousas viuas sempre anima,
Despois que Prometeo furtado o tinha:
Logo apos elle leue se sublima
O inuisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

Estaua a terra em montes reuestida
De verdes eruas, & aruores floridas,
Dando pasto diuerso, & dando vida
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma ali estaua esculpida
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantẽdo os corpos todos.

Noutra parte esculpida estaua a guerra
Que tiuerão os Deoses cos Gigantes,
Esta Tifeo debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes:
Esculpido se vè ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira
De Minerua pacifica Oulineira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando,
Nos paços de Neptuno, que auisado
Da vinda sua, o estaua ja aguardando:
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Nimphas, q̃ se estão marauilhando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.

O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque tambem cos grandes & possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouuirme o mais quiseres,
Verão da desuentura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão dbũa & doutro banda,
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, & de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro & feyo
Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos ombros, todos erão,
Hũs limos prenhes dagoa, & bẽ parecem
Que nunca brando pentem conhecerão
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros Misilhoẽs, que ali se gerão,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa muy grande casca de Lagosta

O corpo nù, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento, & cento:
Camaroẽs, & Cangrejos, & outros mais,
Que recebem de Phebe crecimento,
Oſtras, & Camaroẽs do muſco çujos,
As coſtas coa caſca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocaua,
A voz grande canora foy ouuida
Por todo o mar, que longe retumbaua:
Ia toda a companhia apercebida
Dos Deoſes, pera os paços caminhaua
Do Deos, que fez os muros de Dardania
Deſtruidos deſpois da Grega inſania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy caſado,
Que todo o mar de Nimphas pouoara:
O Propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tambem, mas ja ſabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo, & Vesta filha,
Graue, & leda no gesto, & tão fermosa
Que se amansaua o mar de marauilha:
Vestida hũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino dexa verse,
Que tanto bem não he pera esconderse.

Anfitrite fermosa como as flores,
Neste caso não quis que faleceſſe,
O delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedeceſſe:
Cos olhos que de tudo sam senhores
Qualquer parecera que o Sol venceſſe,
Ambas vem pella mão, ygual partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & ás vezes pella arrea
No colo toma a bella Panopea.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em pexe, & deste dano
Lhe resultou deidade glorioſa,
Inda vinha chorando o feyo engano,
Que Circes tinha vſado coa fermoſa
Scylla, que elle ama, desta ſendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ia finalmente todos aſſentados
Na grande ſala nobre, & diuinal,
As Deoſas em riquiſſimos eſtados,
Os Deoſes em cadeiras de criſtal:
Forão todos do Padre agaſalhados,
Que co Thebano tinha aſſento ygual:
De fumos enche a caſa a rica maſſa
Que no mar nace, & Arabia ẽ cheiro paſſa

Eſtando ſoſſegado ja tumulto
Dos deoſes, & de ſeus recebimentos,
Começa a deſcobrir do peito occulto,
A cauſa o Tyoneo de ſeus tormentos.
Hum pouco carregando ſe no vulto,
Dando moſtra de grandes ſentimentos,
So por dar aos de Luſo triſte morte
Co ferro albeyo, fala deſta ſorte.

principe

Principe que de juro senhoreas
Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, & o tens cercado:
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que não soffreis
Injuria algũa em vosso reyno grande,
Que com castigo ygoal vos não vingueis,
De quemquer que por elle corra, & ande:
Que descuido foy este em que viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande,
Os peitos, com razão endurecidos?
Contra os humanos fracos, & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia
Forão ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella, & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia.
Soberbas, & insolencias tais, que temo
Que do mar, & do Ceo em poucos annos,
Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

Vedes agora a fraca geração
Que dhum vaſſallo meu o nome toma,
Com ſoberbo, & altiuo coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma;
Vedes o voſſo mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o voſſo reyno deuaſſando
Os voſſos eſtatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No voſſo reyno eſte caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquillo, & os outros todos reſiſtirão:
Pois ſe do ajuntamento auentureiro
Os ventos eſta injuria aſſi ſentirão,
Vos a quem mais compete eſta vingança,
Que eſperais, porq̃ a pondes em tardança?

E não conſinto Deoſes que cuideis
Que por amor de vos do ceo deci,
Nem da magoa da injuria que ſofreis,
Mas da que ſe me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que ſabeis
Que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas deſta gente.

Que

Que o grão Senhor, & fados q̃ diſtinão,
Como lhe bem parece, & o baxo mundo,
Famas mores que nunca determinão
De dar a eſtes baroẽs no mar profundo:
Aqui vereis o Deoſes como inſinão
O mal tambem a Deoſes, que a ſegundo
Se vè, ningem ja tem menos valia
Que quem com mais razão valer deuia.

E por iſſo do Olimpo ja fugi,
Buſcando algum remedio a meus peſares
Tor ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharey nos voſſos mares:
Mais quis dizer, & não paſſou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe ſaltarão dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que ſubito alterado
O coração dos Deoſes foy num ponto,
Não ſoffreo mais conſelho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum deſconto:
Ao grande Eolo mandão ja recado
Da parte de Neptuno, que ſem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não aja no mar mais nauegantes.

Bem

Bem quisera primeiro ali Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia lá o soberbo Hypotades soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varoẽs audaces & animosos:
Subito o ceo sereno se obumbraua,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão nouas forças yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa Frota
Com vento sossegado proseguia
Pelo tranquilo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Emisperio está remota,
Os do quarto da prima se deitauão
Pera o segundo os outros despertauão.

Vencidos

Vencidos vem do ſono, & mal deſpertos
Bocejando a miudo ſe encoſtauão,
Pellas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares que aſſoprauão:
Os olhos contra ſeu querer abertos
Mas eſtragando os membros eſtirauão,
Remedios contra o ſono buſcar querem
Hiſtorias contão, caſos mil referem.

Com que milhor podemos, hum dizia,
Eſte tempo paſſar, que he tão peſado,
Se não com algum conto de alegria
Com que nos deixe o ſono carregado?
Reſponde Lionardo, que trazia
Penſamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter milhores
Pera paſſar o tempo, que de amores.

Não he, diſſe Veloſo, couſa juſta
Tratar branduras em tanta aſpereza,
Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
Não ſoffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra feruida, & robuſta
A noſſa hiſtoria ſeja, pois dureza
Noſſa vida ha de ſer, ſegundo entendo
Que o trabalho por vir mo eſtá dizendo.

Conſente

Consentem nisto todos,& encomendão
A Veloso que conte isto que aprouа,
Contarei disse,sem que me reprendão
De contar cousa fabulosa,ou noua:
E porque os q̄ me ouuirem daqui aprēdão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direy na nosso terra.
E estes sejão os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Despois que sossegado,& liure o teue
Do vizinho poder que o molestaua:
La na grande Inglaterra,que da neue
Boreal sempre abunda,semeaua
A fera Ermis dura ,& mà cizania
Que lustre fosse a nossa Lusitania:

Entre as damas gentis da corte Ingleza,
E nobres cortesaõs,a caso hum dia
Se leuantou discordia em ira aceza,
Ou foy opinião,ou foy porfia:
Os Cortesaõs a quem tam pouco peza
Soltar palauras graues de ousadia
Dizem q̄ prouarão,que honras,& famas
Em tais damas não ha,pera ser damas.

E que

E que se ouuer alguem com lança & espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe darão sea infamia, ou morte crua:
A femenil fraquezo pouco vsada
Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua
De forças naturais conuenientes,
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
No reino os inimigos não se atreuem
Nem parentes nem feruidos amantes
A sustentar as damas, como deuem:
Com lagrimas fermosas & bastantes
A fazer que em socorro os Deoses leuem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militara
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouara
Dos companheiros, & benigna estrella:
Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

Este que socorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas
Lhe diz quando o direito pretendia
Do reino la das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tão diuinas,
Que elles sos poderião, se não erro
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

Ese agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras dafagos & damores,
Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali tereis socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: & descuberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cadhũa escreue ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a corte aluoroça a nouidade,
Quisera o Rey sublime ser primeyro,
Mas não lho soffre a Regia Magestade:
Qualquer dos cortesãos auentureyro
Deseja ser, com feruida vontade,
E sô fica por bemauenturado,
Quem já vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeyro leue
Manda o que tem o leme do gouerno:
Apercebem se os doze em tempo breue
D'armas, & roupas de vso mais moderno,
De elmos, cimeras, letras, & primores
Cauallos, & Concertos de mil cores.

Jâ do seu Rey tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Ingles esprimentado:
Não ha na companhia differença
De caualleyro, destro, ou esforçado:
Mas hum sô, que Magriço se dizia,
Dest'arte falla à forte companhia.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muyto já de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,
Varias gentes, & leys, & varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero se me deyxais, ir só por terra,
Porque eu serey cõ vosco em Inglaterra.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he vltima linha,
Não for com vosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he diuido:
Mas se a verdade o Sprito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,
Não farão que eu com vosco là não seja.

Assi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Lião, Castella vendo antigos
Lugares, que ganhàra o patrio Marte:
Nauarra, cos altissimos perigos
Do Perineo, que Espanha & Calia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emperio foy parar de Frandes.

Alì

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteue muytos dias,
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pera Londres jà fazem todos vias,
Do Duque são com festa agasalhados,
E das Damas seruidos, & amimados.

Chegasse o prazo, & dia asinalado,
De entrar em campo jà cos doze Ingleses,
Que pelo Rey jâ tinhão segurado,
Armãose d'elmos, greuas, & de arneses:
Iâ as damas tẽ por si fulgente & armada
O Mauorte feroz dos Portugueses,
Vestem se ellas de cores & de sedas
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu caualleyro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Serà o negocio asi na corte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheção:
Posto que dous & tres dos seus falleção.

Ià num sublime & pubrico theatro
Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Não são vistos do Sol do Tejo ao Batro,
De força, esforço, & danimo mais forte,
Outros doze sayr como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os cauallos escumando
Os aureos freos, com feroz sembrante,
Estaua o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num & noutro bando
Partido desigual & dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluoroçar se geralmente.

Virão todos o rostro aonde auia
A causa principal do reboliço,
Eis entra hum caualleyro, que trazia
Armas, cauallo, ao bellico seruiço.
Ao Rey & ás damas falla, & logo se hia
Pera os onze, q̃ este era o gram Magriço,
Abraça os companheyros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A dama

A dama como ouuio, que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome, & fama,
Se alegra, & veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que vertude ama:
Ia dão final, & o som da tuba impelle
Os belicosos animos, que inflama,
Picão desporas, largão redeas logo
Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos cauallos o estrepito parece
Que faz, que o chão debaixo todo treme,
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se aluoroça, & teme:
Qual do cauallo voa, que não dece,
Qual co cauallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breue intervalo,
Correndo algum cauallo vay sem dono,
E noutra parte o dono sem cauallo:
Cae a soberba Ingleza de seu trono,
Que dous ou tres já fora vão do valo,
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja que arnes, escudo, & malha.

Gastar palauras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas & assamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas & alegria,
Cozinheiros occupa, & caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Ate tornar à doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
La se deixou ficar, onde hum seruiço
Notauel á condessa faz de Frandes:
E como quem não era ja nouiço
Em todo trãce, onde tu Marte mandes,
Hũ Frances mata em campo, que o destino
La teue de Torçato & de Coruino.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, & teue hum fero desafio
Cum Germano enganoso, que com manha
Não diuida o quis pôr no estremo fio:
Contando assi Veloso, ja a companha
Lhe pede, que não faça tal desuio
Do caso de Magriço, & vencimento
Nẽ deixe o de Alemanha em esquecimẽto.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordão despertando
Os marinheiros dhũa & doutra banda:
E porque a vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaueas tomar manda,
Alerta, disse, estay, que o vento crece
Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande & subita procella
Amaina, disse o mestre a grandes brados
Amaina, disse, amaina a grande vella,
Não esperãa os ventos indinados
Que amainassem, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, cum ruido
Que o mundo pareceo ser destruydo.

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, & desacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente
Toma gram suma dagoa pello bordo,
Alija, disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar á bomba não cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba, & tanto que chegarão,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão à Não, num bordo os derribarão:
Tres marinheiros duros, & forçosos,
A menear o leme não bastarão,
Talhas lhe punhão dhũa & doutra parte
Sẽ aproueitar dos homẽs força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão
Mostrar mais força dimpeto cruel
Se pera derubar então vierão
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crecerão,
A pequena grandura dhum batel,
Mostra a possante nao, que moue espanto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

Anao

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,
Quebrado leua o masto pello meyo,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a saluar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a Nao de Coelho, com receyo,
Com quanto teue o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento:

Agora sobre as nuuens os subião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que decião
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra & feya se alumia,
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto
Iunto da costa braua leuantarão,
Lembrando se de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhe causarão:
Os Delfins namorados entre tanto
La nas couas maritimas entrarão,
Fugindo á tempestade, & ventos duros
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluuio donde sôs viuerão
Os dous que em gẽte as pedras cõuerterão.

Quantos montes então, que derribarão
As ondas que batião denodadas,
Quantas aruores velhas arrancarão
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidarão
Que nunca pera o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arèas que podessem
Tanto os mares q̃ encima as reuolueſsem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto & forte
Que o impossiuel pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeſte,
Que os ceos, o mar & terra ſenhoreas,
Tu que a todo Iſrael refugio deſte
Por metade das agoas Eritrias:
Tu que liaraſte Paulo & defendeſte
Das Syrtes arenoſas & ondas feas,
Guardaſte cos filhos o ſegundo
Pouoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigoſos
Doutra Scylla & Caribdis ja paſſados,
Outras Syrtes, & baxos areno ſos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos caſos trabalhoſos,
Por que ſomos de ti deſemparadoſ,
Se eſte noſſo trabalho não te offende,
Mas antes teu ſeruiço ſo pretende?

O ditoſos aquelles que puderão
Entre as agudas lanças Affricanas
Morrer, em quanto fortes ſoſtiuerão
A ſancta Fê, nas terras Mauritanas:
De quem feitos, illuſtres ſe ſouberão,
De quem ficão memorias ſoberanas,
De quem ſe ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

Aſſi

Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais atromenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos não cessauão,
Feros trouões que vem representendo
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

Mas ja á amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia,, & visitaua
A terra, & o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a gouernaua,
De quem foge o ensefero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas não serâ, que auante leue
Tão danada tenção que descuberto
Me será sempre o mal a que se atreue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nimpbas amorosas
Grinaldas nas cabeças por de rosas

Grinaldas

Grinaldas manda por de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem não dirâ, que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos anojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Nimphas bellas,
Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegàrão
A vista dellas, logo lhe faliecem
As forças com que dantes pellejàrão,
E jâ como rendidos lhe obedecem.
Os pês & mãos, parece, que lhe atàrão
Os cabellos que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peyto mais queria,
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creo
Que me tiueste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreo,
E não conuem furor a firme amante:
Se jâ não pões a tanta insania freo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuyda que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauão
Subitamente os outros amadores,
E logo à linda Venus se entregauão,
A mansadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem
De lho serem leais esta viagem.

Ià a menham clara daua nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheyros
Enxergarão terra alta pella proa,
Ià fora de tormenta, & dos primeyros
Mares, o temor vão do peyto voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he Calecu, se não me engano.

Esta

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeyra India, que aparece:
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao Ceo
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, & razão tinha
Que não somente a terra lhe mostraua,
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esprimentaua,
Mas via se liurado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhaua
O vento duro, feruido, & medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos
Destes trabalhos graues & temores,
Alcanção os que são de fama amigos
As hõras immortais, & graos mayores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus anteceſſores,
Não nos leytos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

Não cos manjares nouos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ociosos,
Não cos varios deleytes & infinitos
Que afeminão os peytos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhũ que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades, & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo soffrimento.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro ledo, inteyro,
Pera o pelouro ardente, que assouia
E leua a perna, ou braço ao cõpanheyro:
Dest'arte o peyto hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheyro,
Das honras, & dinheyro, que a ventura
Forjou, & não vertude justa, & dura.

Dest'arte

Deſtarte ſe eſclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repouſado,
E fica vendo, como de alto aſſento,
O baxo tracto humano embaraçado,
Eſte onde tiuer força o regimento
Direito, & nam de affeitos occupado,
Subirà (como deue) a illuſtre mãdo,
Contra uontade ſua, & não rogãdo.

FIM.

CANTO SEPTIMO.

JA ſe viam chegados junto aa terra,
Que deſejada ja de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas ſe encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora:
Ora ſus gente forte que na guerra
Quereis leuar a palma vencedora,
Ia ſois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

A vos, ó geraçam de Luſo digo,
Que tam pequena parte ſois no mundo:
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem gouerna o ceo rotundo:
Vos, a quem não ſomente algum perigo
Eſtorua conquiſtar o pouo inmundo:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, q̃ nos ceos eſtà em eſſencia.

Vos Portugueſes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder voſſo não peſais,
Vos q̃ aa cuſta de voſſas varias mortes
A ley da vida eterna dilatais:
Aſſi do ceo deitadas ſam as ſortes,
Que vos por muito poucos que ſejais,
Muito façais na ſancta Chriſtandade
q̃ tanto, ó Chriſto exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, ſoberbo gado,
Que por tam largos campos ſe apaceta,
Do ſuceſſor de Pedro rebelado,
Nouo paſtor, & noua ceita inuenta.
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error ſe nam contenta
Não contra o ſuperbiſſimo Otonano:
Mas por ſair do jugo ſoberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingles, que se nomea
Rei da velha & sanctissima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tam lõge da verdade)
Entre as Boreais neues se recrea,
Noua maneira faz de Christandade,
Pera os de Christo tem a espada nua,
Nam por tomar a terra que era sua.

Cuardalhe por entanto hum falso Rei,
A cidade Hierosolima terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei,
Da cidade Hierosolima celeste:
Pois de ti Callo indigno qae direy?
Que o nome Christianissimo quiseste,
Nam pera defendelo, nem guardalo,
Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tẽs direito em senhorios
De Christãos, sẽdo o teu tão largo & tãto
E nam contra o Cynistio & Nilo rios
Inimigos do antigo nome sancto,
Ali se ande prouar da espada os fios,
En quẽ quer reprouar da Ygreja ocãto
De Carlos, de Luis, o nome & a terra
Erdaste, Eas causas não da justa guerra

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz cõsigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem desi inimigo,
Contigo Italia falo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa

O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desprazidos,
q̃ hũs aos outros sedão aa morte dura,
Sendo todos de hũ ventre produzidos?
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra
Fazendo se famosos pela guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,
Do qual sam tão inteiros obseruantes
Ajuntarem o exercito inquieto,
Cõtra os pouos, q̃ sã de Christo amãtes
Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De samear cizanias repugnantes,
Olhay se stais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.

Se cobiça

Se cobiça de grandes senhorios
Vos fazyr conquistar terras alheas,
Nam vedes que Pactolo & Hermorios,
Ambos voluem auriferas areas,
Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
Affrica esconde em si luzentes veas,
Mouauos ja se quer riqueza tanta,
Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuenções feras & nouas,
De instrumentos mortais da artelharia,
Ia deuem de fazer as duras prouas,
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Fazei que torne la ás siluestres couas,
Dos Caspios montes, & da Citia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
Bradando vos estão, que o pouo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do alcorão (duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriay de peito forte, & astuto,
E não queirais louuores arrogantes,
De serdes cõtra os vossos muy possantes.

Mas em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sange, ó gente insana
Não faltarão Christãos atreuimentos,
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
E na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegàra.

E vejamos em tanto que aconteçe
Aaquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Venus enfraqueçe
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a largo terra lhe apareçe,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde vẽ samear de Christo a ley.
E dar nouo costume, & nouo Rey.

Tanto que à noua terra se chegàrão,
Leues embarcações de pescadores
Acharão, que o caminho lhe mostrârão
De Calecu onde eram moradores:
Pera lá logo as proas se inclinarão,
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malauar melhor, onde viuia
O Rey que a terra toda possuia.

Alem

Alem do Indo jaz, & á quem do Gange,
Hũ terreno muy grande, & aſſaz famoſo,
Que pela parte Auſtral o mar abrange,
E per a o Norte o Emodio cauernoſo.
Iugo de Reys diuerſos o conſtrange
A varias leys algũs o vicioſo
Mahoma, algũs os Idolos adorão,
Algũs os animais, que entre elles morão,

La bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Aſia diſcorre,
Que nomes tam diuerſos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes ſaem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peſo
Do terreno, fazendo o Cherſoneſo.

Entre hum & o outro rio, em grande eſpaço
Sae da larga terra hũa longa ponta
Quaſi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão inſula confronta,
E junto donde naſce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta.
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro ſe mantem das finas flores.

Mas agora de nomes, & de vsança,
Nouos & varios sam os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em posança
De terra, & gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua saluação nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala
Fertil de sorte que outra não lhe igoala.

O Reyno de Cambaya bellicoso
(Dizem que foy de Poro Rey potente)
O Reyno de Narsinga poderoso
Mais de ouro & pedras, q̃ de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que cõbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portugues mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rey gentio
Da vinda sua a tam remota parte:
Entrando o mensageiro pelo Rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte
A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
La onde fora Anteo obedecido:
Ou pela vizinhança ja teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foy ja assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana
Lhe disse, quẽ te trouxe a estoutro mundo
Tam longe da tua patria Lusitana?
Abrindo lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Ley diuina se acrecente.

Espantado

Espantado ficou da gram viajem,
O Mouro que Monçaide se chamaua,
Ouuindo as opressões que na passajem
Do mar, o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em fim, q̃ a força da mensajem
So pera o Rey da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade.
Mas de caminho pouca quantidade

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Coelle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vezinha ẽ terra estranha.

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come & bebe, & lhe obedeçe:
Ambos se tornão logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conheçe,
Sobem á Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

O capitao

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouuindo clara a lingoa de Caſtalla,
Iunto de ſi o aſſenta, & prompto & quedo
Pela terra pergunta, & couſas della:
Qual ſe ajuntaua em Rodope o aruoredo,
So por ouuir o amante da donzella
Euridiçe, tocando a lira de ouro,
Tal agente ſe ajunta a ouuir o Mouro:

Elle começa, a gente que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que deſtino tam grande, ou que ventura,
Vos trouxe a cometer des tal caminho:
Nam he ſem cauſa não occulta, & eſcura
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reynos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum ſeruiço ſeu por vos obrado:
Por iſſo ſo vos guia, & vos defende
Dos imigos do mar, do vento yrado:
Sabey que eſtais na India, onde ſe eſtende,
Diuerſo pouo, rico & proſperado,
De ouro luzente, & fina pedraria,
Cheiro ſuaue, ardente eſpeciaria.

Eſta

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes Malabar se chama,
Do culto antigo os Ydolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reys he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramá Perimal foy derradeiro
Rey, que este Reyno teue vnido & inteiro

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que prosupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso
Onde o propheta jaz, que a ley pubrica:
Antes que parta, o Reyno poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

A hum Cothim, & a outro Cananor
A qual Chale, a qual a ilha da pimẽta,
A qual Coulão, a qual dà Cranganor
E os mais, a quẽ o mais serue & cõtẽta
Hum somoço, a quem tinha muito amor
Despois que tudo deu, selhe apresenta,
Pera este Calecu somente fica,
Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dà co ticulo excelente
De Emperador, q̃ sobre outros mande,
Isto feito se parte diligente,
Pera onde em sãcta vida acabe, & ande,
E daqui fica o nome de potente
Camori, mais que todos digno, & grãde
Ao moço & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio manda & tem

A ley da gente toda rica & pobre
De fabulas composta se imagina:
Andão nus, & somente hũ pano cobre
As partes, que a cubrir natura insina:
Dous modos ha de gente, porque a nobre
Naires chamados sã, & a menos digna
Poleàs tem por nome, a quem obriga
A ley não mesturar a casta antiga

Porque

Porq̃ os q̃ usaram sempre hũ mesmo officio,
De outro nam podẽ receber consorte,
Nem os filhos teram outro exercicio,
Senão o de seus passados a te morte,
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocadas de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura

Desta sorte o Iudaico pouo antigo
Nam tocaua na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Naires sos sam dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rey, trazendo sempre vsada
Naezq̃rda adarga, e na dereita a espada

Brámenes samos seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia
Obseruão os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia
Nam matão cousa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.

Cerais

Cerais ſam as molheres: mas ſomente
Pera os da geraçã̃o de ſeus maridos:
Ditoſa condiçam, ditoſa gente,
Que nam ſam de ciumes offendidos.
Eſtes & outros coſtumes variamente
Sam pelos Malabares admitidos,
A terra hegroſſa emtrato, ẽ tudo aquilo
Que as õdas podẽ dar da China ao Nilo:

Aſſi contaua o Mouro: mas vagando
Andaua a fama ja pela cidade,
Da vinda deſta gente eſtranha, quando
O Rei ſaber mandaua da verdade,
Ia vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo ſexo, & idade,
Os principaes q̃ o Rei buſcar mandàra
O Capitão da armada que chegàra,

Mas elle, que do Rei ja tem licença
Pera deſembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueſes ſem detença
Parte dericos panos adornado:
Das cores a fermoſa diferença
A viſta alegra ao pouo aluoroçado,
O remo compaſſado fere frio
Agora o mar, despois o freſco rio.

Na

Na praia hum Regedor do Reino estaua,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa o nobre Gama:
Ia na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama,
Lhe offerece em que va, costume vsado,
Que nos hõbros dos homens he leuado.

Desta arte o Malabar, destarte o Luso,
Caminhão la pera onde o Rei o espera:
Os outros Portugueses vão ao vso
Que infantaria segue esquadra fera:
O pouo que concorre vay confuso
De ver a gente estranha, & bẽ quisera
Perguntar: mas no tempo ja passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretãdo
As palauras que de ambos entẽdia:
Assi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso tẽplo ja chegauão,
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Alli

Ali estam das deidades as figuras
Esculpidas em pao, & em pedra fria,
Varios degestos, varios de pinturas,
A segundo o Demonio lhe fingia:
Vem se as abominaueis esculturas,
Qual a Chimèra em membros se varia,
Os Christãos olhos a ver Deos vsados
Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
Outro num corpo rostos tinha vnidos,
Bem como o antigo Iano se pintaua:
Outro com muitos braços diuididos
A Briareo pareçe que imitaua:
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio
A superstitiosa adoração,
Direitos vão sem outro algum desuio,
Pera onde estaua o Rey do pouo vão:
Engrossando se vay da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitão,
Estão pelos telhados & janellas
Velhos & moços, donas & donzellas:

Ia chegão perto, & não paſſos lentos,
Dos jardins odoriferos fermoſos,
Que em ſi eſcõdem os regios apouſentos,
Altos de torres não, mas ſumptuoſos,
Edificão ſe os nobres ſeus aſſentos,
Por entre os aruoredos deleitoſos,
Aſſi viuem os Reis daquella gente,
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a ſutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras moſtrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As hiſtorias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela ſombra conheçe a verdadeira.

Eſtaua hum grande exercito que piſa
A terra Oriental, que o Idaſpe laua,
Rege o hum capitam de fronte liſa,
Que com frondentes Tirſos pelejaua,
Por elle edificada eſtaua Niſa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tão proprio que ſe ali eſtiuer Semelle,
Dirá por certo, que he ſeu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio,
Mui grande multidão da Assiria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De hũa tam bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de Grecia glorioſas,
Terceira Monarchia, & ſojugauão,
Ate as agoas Gangeticas vndoſas:
Dum capitão mancebo ſe guiauão,
De palmas rodeado valeroſas,
Que ja não de Filipo, mas ſem falta
De progenie de Iupiter ſe exalta,

Os Portugueſes vendo eſtas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virá que outras vitorias,
Eſtas que agora olhais abaterão:
Aqui ſe eſcreuerão nouas hiſtorias,
Por gentes eſtrangeiras que virão
Que os noſſos ſabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro eſpeculârão.

E dizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Não valerâ dos homẽs resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz, da gente estranha,
Sera tal, que sera no mundo ouuido
O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauão ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nũa camilha jaz, que nam se igoala
De outra algũa no preço & no lauor:
No recostado gesto se assinala
Hum veneraudo & prospero senhor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe daua a verde folha da erua ardente
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Principe o aprensenti
Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leyto,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estaua o Samori no trajo & geyto
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançado a graue voz do sabio peyto,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rey, & do pouo todo
O Capitão lhe falla deste modo.

Hum grande Rey, de la das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar coa terra esconde,
Tingindo a que deyxou de escura noda,
Ouuindo do rumor que la responde
O eco, como em ti da India toda
O principado estâ, & a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sobre o mar, q̃ sobre as terras anda
De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:
E desda fria plaga de Celanda,
Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu Reyno em grande copia.

E se queres com pactos, & liançcas
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundançcas
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creção as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reynos, sera certamente
De ti proueyto, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o nô desta amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reyno se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por irmão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a mi certissima reposta.

Tal embaxada daua o Capitão,
A quem o Rey gentio respondia,
Que em ver embaxadores de nação
Tam remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informando se certo de quem era
O Rey, & a gente, & terra que dissera.

E que

E que em tanto podia do trabalho
Passado yr repousar, & em tempo breue
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rey reposta alegre leue:
Já nisto punha a noite o vsado atalho
As humanas canseyras, porque ceue
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupado ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente,
O Cama, & Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas & geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rey, tinha jâ por regimento
Saber da gente estranha donde vinha
Que costumes, que ley, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do fermoso
Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
Manda chamar Monçayde, desejoso
De poderse informar da gente noua:
Iâ lhe pergunta prompto & curioso,
Se tem noticia inteyra, & certa proua,
Dos estranhos quem sâo, que ouuido tinha
Que he gente de sua patria muy vizinha.

Que particularmente ali lhe desse
Informação muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rey, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçayde torna, posto que eu quisesse
Dizer te disto mais nam saberia,
Sòmente sey que he gente là de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foy sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por bafo estâ aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deytàrão dos campos abundosos
Do rico Tejo, & fresca Guadiana,
Com feytos memoraueis, & famosos:
E não contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos
Nos não querem deyxar viuer seguros,
Tomandonos cidades, & altos muros.

Não

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,
Em quaesquer outras guerras que aconteçã.
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou la d'algũs que do Pyrene deção.
Assi que nũca em fim cõ lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheção,
Nẽ se sabe inda não, te afirmo & assello
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E sesta informação nam for inteyra
Tanto quanto conuem, delles pretende
Informarte, que he gente verdadeyra,
A quem mais falsidade enoja & offende:
Vay verlhe afróta, as armas, & a maneira:
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaràs de veres a policia
Portuguesa na paz, & na milicia.

Já com desejos o Idelatra ardia,
De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
Mãda esquipar bateis, que yr ver queria
Os lenhos em que o Gama nauegaua.
Ambos partem da praya, a quem seguia
A Nayra geraçam, que o mar coalhaua,
Aa Capitaina sobem forte & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

Purpureos são os toldos, & as bandeyras
Do rico fio são, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreyras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campais auentureyras,
Desastos crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Cama
Lhe pedia primeyro que se assente,
E que aquelle deleyte que tanto ama
A ceyta Epicurea, esperimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrâra à gente:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceyta que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostraua sempre ternos singulares
Feytos dos homẽs, que em retrato breue
A muda poesia ali descreue.

Alçase em pê, co elle os Gamas junto
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeyto venerando,
Cujo nome nam pode ser defuncto
Em quãto ouuer no mũdo trato humano
No trajo a Grega vsança tstâ perfeyta,
Hum ramo por insignia na dereyta.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
Eu que cometo insano, & temerario,
Sem vos Nimphas do Tejo, & do Mõdego,
Por caminho tam arduo, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que nauego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ey grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos:
Agora o mar, agora esprimentando
Os perigos Mauorcios inhumanos,
Qual Canace que â morte se condena,
Nũa mão sempre a espada, & noutra a pena:

Agora

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospicios alheos degradado,
Agora da esperança jà adquirida,
De nouo mais que nunca derribado:
Agora às costao escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foy saluarse,
Que pera o Rey Iudaico acrecentarse.

E ainda Nimphas minhas não bastaua,
Que tamanhas miserias me cercassem:
Senão q̃ aquelles que eu cãtando andaua,
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca vsados me inuentârão,
Com q̃ em tam duro estado me deytârão.

Vede Nimphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com tais fauores
A quem os faz cantando glorioſos:
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espertar engenhos curioſos,
Pera porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que so vosso fauor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diuersos engrandeça:
Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
Que não no empregue em quẽ o noã mereça
Nem por lisonja louue algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais Nimphas nam que fama desse
A quem ao bem comum, & do seu Rey
Anteposer seu proprio interesse,
Inigo da diuina & humana ley,
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, contarey,
So por poder com torpes exercicios
Vsar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante
Pera seruir a seu desejo feo,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteo,
Nem Camenas tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto & graue veo,
Por contentar o Rey no officio nouo,
A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

Nem quẽ acha que he justo & que he dereito
Guardase a ley do Rey seueramente,
E não acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da seruil gente.
Nem quẽ sempre cõ pouco experto peito
Razões aprende, & cuida q̃ he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheyos, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturárão
Por seu Deos, por seu Rey, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilatárão,
Tambem de suas obras merecida.
Apolo, & as Musas que me acõpanharão,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIM.

CANTO OCTAVO.

NA Primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada.
Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
Quem era, & porque causa lhe conuinha
A diuisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos
Este que ves he Luso, donde a fama
O nosso Reyno Lusitania chama.

Foi

Foy filho & companheiro de Thebano
Que tam diuerſas partes conquiſtou
Parece vindo ter ao ninho Hiſpano
Seguindo as armas que contino vſou,
Do Douro, Guadiana o campo vſano,
Ia dito Eliſio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja canſados oſſos
Eterna ſepultura, & nome aos noſſos.

O ramo que lhe ves pera diuiſa,
O verde Tyrſo foi de Baco vſado,
O qual à noſſa idade amoſtra & auiſa
Que foi ſeu companheiro & filho amado,
Ves outro, que do Tejo a terra piſa,
Deſpois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edefica,
Etemplo a Palas, que em memoria fica.

Vliſſes he o que faz a ſancta caſa
Aa Deoſa, que lhe dà lingoa facunda,
Que ſe lá na Aſia Troia inſigne abraſa,
Ca na Europa Lisboa ingente funda,
Quem ſera eſtoutro ca que o cãpo arraſa
De mortos, com preſença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Agueas nas bãdeiras tẽ pintadas.

Assi o Gentio diz, respondet o Gama,
Este que ves pastor jâ foi de gado,
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor inuenciuel affamado,
Nam tem com elle não, nem ter pudèrão
O primor, que com Pirro ja tiuerão.

Com força não com manha vergonhosa,
A vida lhe tirárão, que os espanta,
Que o grãde aperto em gẽte, inda q̃ hõrosa
Aas vezes leys magnanimas quebranta:
Outro está aqui, que contra a patria yrosa,
Degradado com nosco se aleuanta,
Escolheo bem com quem se aleuantasse,
Peraque eterna mente se illustrasse.

Ves com nosco tambem vence as bandeiras
Dessas aues de Iupiter validas,
Que jà naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nos souberam ser vencidas:
Olha tam sotis artes, & maneiras,
Pera adquirir os pouos tam fingidas
Afatidica Cerua que o auisa,
Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

Olha estoutra bandeira, & ve pintado
O gram progenitor dos Reys primeiros,
Nos Vngaro ofazemos, porem nado
Crë ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter cos Mouros superado
Galegos & Leoneses caualleiros,
A casa Sancta passa ò santo Enrique,
Porque o tronco dos Reys se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me spanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tam pouca, tem roto & destroçado,
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dà nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pes derribados, & estandartes?

Este he oprimeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a Fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zelozo, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reyno abaixa os muros
Nada deixando jà pera os futuros.

Se

Se Cesar, se Alexandre Rey tiuerão,
Tam pequeno poder, tam pouca gente,
Contra tantos imigos quantos erão,
Os que desbaratava este excelente,
Nam creas que seus nomes se estendèrão
Com glorias immortais tam largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaueis,
Ve que os de seus vassallos sam notaueis.

Este que ves olhar com gesto yrado,
Pera o rompido Alumno mal sofrido,
Dizendo lhe que o exercito espalhado,
Recolha, & torne ao campo defendido,
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas monis se chama o forte velho
Pera leais vassalos claro espelho.

Vello ca vay cos filhos a entregarse,
A corda ao collo, nu de seda & pano,
Porque nam quis o moço sogeitarse,
Como elle promettèra ao Castelhano:
Fez com siso & promessas leuantarse
O cerco, que jà estaua soberano,
Os filhos & molher obriga a pena,
Pera que o senhor salue, a si condena,

Nam fez o Consul tanto que cercado
Foy, nas forças Caudinas de ignorante
Quando a passar por baixo foy forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pello seu pouo injuriado
Assi se entrega so firme, & constante,
Estoutro assi; & os filhos naturais,
Ea consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,
Dà sobre o Rey que cerca a villa forte,
Ià o Rey tem preso, & a villa descercada,
Illustre feito digno de Mauorte,
Vello cavay pintado nesta armada
No mar tambẽ aos Mouros dãdo amorte,
Tomando lhe as galès, leuando a gloria,
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na tèrra,
E no mar resplandece junta mente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas galès da Maura gente
Olha como então justa & sancta guerra
De acabar peleiando està contente?
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos Ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamẽto de eſtrangeiro
Trajo, ſair da grande armada noua,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de ſi dando ſancta proua:
Olha Enrique famoſo caualleiro,
A Palma que lhe naſce junto aa coua,
Por elles moſtra Deos milagre viſto,
Germanos ſam os Martyres de Chriſto.

Hum Sacerdote vè brandindo a eſpada,
Contra Arronches q̃ toma, por vingãça
De Leiria, que de antes foi tomada,
Por quẽ por Maphamede enreſta a lãça
He Teotonio Prior: mas vé cercada
Sanctarem, & veras a ſegurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

Vello ca donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o Alferez mata,
E Hiſpalico pendão derriba em terra,
Mem Moniz he, q̃ em ſi o valor retrata,
Que o ſepulchro do pay cos oſſos cerra,
Digno deſtas bandeiras, pois ſem falta
A contraria derriba, & a ſua exalta.

Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada esconde, com q̃ alcança
A cidade por manhas & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Ciraldo sem pauor he o forte peito.

Nam vès hum Castelhano, que agrauado,
De Afonso nono Rei, pelo o dio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vé q̃ hum Portugues cõ pouca gẽte
O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro.
Que destes leuar pode a palma, è o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que ẽ lança de aço torna o Bago de ouro
Vello entre os duuidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o final no çeo que lhe apareçe,
Com que nos poucos seus o esforço creçe.

Vés

Vés vam os Reis de Cordoua & Seuilha,
Rotos, cos outros dous, & nam de espacio
Rotos? mas antes mortos, maravilha
Feita de Deos, que nam de humano braço
Vés ja villa de Alcaçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa,

Olha hum Mestre que dece de Castella,
Portugues de naçam, como conquista
A terra dos Algarues, & ja nella
Não acha que por armas lhe resista,
Cõ manha, esforço, & có begnina estrella
Villas, castellos toma a escalla vista:
Ves Tauila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores,

Vès com belica astucia ao Mouro ganha
Silues, q̃ elle ganhou com força ingente,
He dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz enueja aa gente:
Mas não passes os tres q̃ ẽ frãça è Espanha
Se fazen conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas & torneos,
Nelles deixando publicos trofeos.

Vellos co nome vem de auentureiros,
A Castella, onde o preço sos leuàrão
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitàrão,
Vé mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiarão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do pouo, & faz que tome odoce freyo,
De Rei seu natural, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada so, & de sancta Estrella
So pode o que impossible parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso, & Coadiana habita

Mas

Mas nam ves quaſi ja desbaratado,
O poder Luſitano, pela auſencia
Do Capitan deuoto, que apartado
Orando inuoca a ſuma & trina eſſencia
Vello com preſſa ja dos ſeus achado,
Que lhe dizem que falta reſiſtencia
Contra poder tamanho, & que vieſſe,
Porque conſigo, esforço aos fracos deſſe.

Mas olha com que ſancta confiança,
Que inda nam era tempo reſpondia,
Como quẽ tinha em Deos a ſegurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Aſsi Pompilio, ouuindo que a poſſança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua eſtaua dando,
Pois eu, reſponde, eſtou ſacrificando.

Se quem cõ tanto esforço em Deos ſe atreue
Ouuir quiſeres como ſe nomea,
Portugues Cipião chamar ſe deue:
Mas mais de dõ Nuno aluarez ſe arrea,
Ditoſa patria que tal filho teue:
Mas antes pay, q̃ em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres & Neptuno,
Sempre ſuſpirarà por tal aluno.

Na

Na mesma guerra vé que presas ganha,
Este outro Capitam de pouca gente,
Comendadores vence, & o gado apanha,
Que leuauam roubado ousadamente:
Outra vez vè q̃ a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O preso amgio, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez & vil engano,
Cil Fernandez he de Eluas q̃e o estraga,
E faz vir a passar o vltimo dano:
De Xerez rouba o campo, & quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhano:
Mas olha Rui Pireira que co rostro
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezesete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendẽ,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo & no moderno.

Sabese

Sabeſe antigamente que trezentos
Ia contra mil Romanos peleiaraõ,
No tempo que os virís atreuimentos
De Viriato tanto ſe illuſtraram,
E delles alcançando vencimentos
Memoraueis, de eraça nos deixaram,
Que os muitos por ſer poucos nam temamos
O que deſpois mil vezes amoſtramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,
Progenie generoſa de Ioane,
Aquelle faz que fama illuſtre fique
Delle ẽ Germania, cõ q̃ a morte engane:
Eſte, que ella nos mares o pubrique,
Por ſeu deſcobridor, & deſengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Vès o Conde dom Pedro que ſuſtenta
Dous cercos contra toda a Barbaria,
Vés outro Conde eſtà que repreſenta
Em terra Marte, em forças & ouſadia
De poder defender ſe nam contenta
Alcaçere da ingente companhia:
Mas do ſeu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a ſua, ali perdida,

Outros

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintarão:
Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as rates crião,
Culpa dos vicioſos ſuceſſores,
Que degenerão certo, & ſe deſuião
Do luſtre, & do volor dos ſeus paſſados,
Em goſtos & vaidades atolados.

Aquelles pais illuſtres que ja derão
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizerão,
E por deixar a caſa que deſcende,
Cegos, que dos trabalhos que teuerão,
Se alta fama & rumor delles ſe eſtende,
Eſcuros deixão ſempre ſeus menores,
Com lhe deixar deſcanſos corrutores.

Outros tambem ha grãdes & abaſtados,
Sem nenhũ tronco illuſtre donde venhão,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais q̃ a mil, q̃ eſforço & ſaber tenhã
Eſtes os ſeus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,
E como a ſeu contrairo natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, & casa rica,
Que com custumes altos & excellentes
Sustentão a nobreza que lhe fica:
E se ha luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha poucos a pintura.

Assi està declarando os grandes feitos,
O Gama que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tam claros, tão perfeitos
Do singular artifice ali pinta,
Os olhos tinha promptos & dereitos,
O Catual na historia bem destinta,
Mil vezes preguntaua, & mil ouuia
As gostosas batalhas, que ali via.

Mas ja a luz se mostraua duuidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do Orizonte, & luminosa
Leuaua aos Antipodas o dia,
Quando o Gentio, & a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa,
Os lassos animais, na noite mansa.

entre

Entre tantos os Aruſpices famoſos
Na falſa opinião, que em ſacrificios
Anteuem ſempre os caſos duuidoſos,
Por ſinais diabolicos, & indicios,
Mandados do Rey proprio, eſtudioſos
Exercitauão a arte, & ſeus officios,
Sobre eſta vinda deſta gente eſtranha,
Que às ſuas terras vẽ da ignota Eſpanha.

Sinal lhe moſtra o Demo verdadeiro,
De como a noua gente lhe ſeria
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
Deſtruiçam de gente, & de valia:
Vaiſe eſpantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rey (ſegundo o que entendia)
Os ſinais temeroſos que alcançàra
Nas entranhas das victimas que olhára.

A iſto mais ſe ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto
Contra a diuina Fè, que tudo excede,
Em forma do Propheta falſo & noto,
Que do filho da eſcraua Agar procede,
Bacho odioſo em ſonhos lhe apparece
Que de ſeus odios inda ſe nam deçe.

E diz

E diz lhe aſsi, guardaiuos gente minha,
Do mal que ſe aparelha pelo imigo
Que pellas agoas humidas caminha,
Antes que eſteis mais perto do perigo:
Iſto dizendo acorda o Mouro aſsinha,
Eſpantado do ſonho: mas conſigo
Cuida que não he mais que ſonho vſado
Torna a dormir quieto, & ſoſſegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gram legiſlador, que a teus paſſados
Tem moſtrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu perti rudo velho, & tu adormeces?
Pois ſaberàs que aquelles que chegados
De nouo ſam, ſeram muy grande dano
Da ley que eu dei ao neſcio pouo humano.

Em quanto he fraca a força deſta gente,
Ordena como em tudo ſe reſiſta,
Porque quando o Sol ſae facilmente
Se pode nelle por a aguda viſta.
Porẽ deſpois que ſobe claro & ardente,
Se agudeza dos olhos a conquiſta,
Tam cèga fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Iſto dito

Isto dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno,
Salta da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz, que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe Ceita,
Aos quais do que sonhou dà cõta estreita:

Diuersos pareceres & contrarios
Ali se dáo segundo o que entendião,
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inuentauam, & tecião:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruiçam da gente pretendião,
Por manhas mais sotis & ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Cencilião da terra os principais,
E com razoẽs notaueis, & discretas
Mostram ser perdiçam dos naturais;
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares descorrendo Occidentais,
Viuem só de piraticas rapinas,
Sem Rey, sem leys humanas ou, diuinas.

O qanto

O quanto deue o Rey que bem gouerna,
De olhar que os conselheiros, ou priuados,
De consciencia, & de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados:
Porque como estè posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios, ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingoa conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
Em grosso, a consciencia limpa & certa
Que se enleue num pobre & humilde mãto
Onde ambição a caso ande encuberta,
E quando hũ bõ em tudo he justo & santo
E em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderà ter conta,
A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,
Que o Gentilico pouo gouernauão,
Induzidos das gentes infernais,
O Portugues despacho dillatauão:
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quando os Mouros ordenauão,
Que leuar a seu Rey hum final certo
Do mundo, que deixaua descuberto.

Nisto trabalha sò, quem bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas, & nàos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo & ley sometería
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedirse quanto desejasse:
O Rey que da noticia falsa, & indina
Nam era despantar se s'espantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cubiça,
A quem por natureza esta sugeito,
Hũ desejo immortal lhe acende, & atiça,
Que bem vè que grandissimo proueito
Fara se com verdade, & com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comette o Rey dos Lusitanos.

Sobre

Sobre iſto nos conſelhos que tomaua,
Achaua muy contrarios pareceres,
Que naquelles, com quem ſe aconſelhaua,
Executa o dinheiro ſeus poderes,
O grande Capitão chamar mandaua,
A quem chegado diſſe, ſe quiſeres
Confeſſarme a verdade limpa, & nua,
Perdam alcançaràs da culpa tua.

Eu ſou bem informado, que a embaxada
Que de teu Rey me deſte, que he fingida;
Porque nem tu tẽs Rey, nẽ patria amada,
Mas vagabundo vás paſſando a vida:
Que quem da Hiſperia vltima alongada
Rei, ou ſenhor de inſania deſmedida,
Ha de vir cometter com náos, & frottas
Tam incertas viagẽs, & remotas?

Eſe de grandes Reynos poderoſos,
O teu Rey tem a regia mageſtade,
Que preſentes me trazes valeroſos,
Sinais de tua incognita verdade?
Com pèças, & dões altos ſumptuoſos
Se lia dos Reys altos a amizade;
Que final nem penhor não he baſtante,
As palauras dum vago nauegante.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homẽs dalta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda aterra he patria pera o forte,
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte,
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital nesicidade.

Isto assi dito, o Gama que já tinha
Sospeitas das insidias, que ordenaua
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tam mal o Rei cuydaua,
Cũa alta confiança, que conuinha,
Com que seguro credito alcançaua,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Nam causáram, que o vaso da niquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na geraçam de Adão, co a falsidade
O poderoso Rey da torpe seita,
Nam conceberas tu tam mà sospeita.

Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, & em todo o feyto
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor viue sempre de seu peyto,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade: sem respeyto
Das rezões em contrario que acharias
Senão cresses a quem não crer deuias.

Porque se eu de rapinas so viuesse
Vndiuago, ou da patria desterrado,
Como cres que tão longe me viesse,
Buscar assento incognito & apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria esprimentando o mar yrado,
Os Autarticos frios, & os ardores
Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais q̄ a achar o estranho Clima
Onde a natura pos teu Reyno antigo:
Mas se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha patria, & Reyno am.
Então verâs o dom soberbo & rico
Com que minha tornada certifico.

Se te pareçe inopinado feito,
Que Rey da vltima Hiſperia ati me mãde,
O coraçam ſublime, o regio peito,
Nenhum caſo poſſibil tem por grande.
Bem pareçe que o nobre & gram conceito
Do Luſitano eſpirito demande
Mayor credito, & fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reys noſſos firmemente propuſerão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que ſempre às grandes couſas ſe opuſerão
E deſcobrindo os mares inimigos
Do quieto deſcanſo, pretenderão
De ſaber que fim tinhão, & onde eſtauão
As deradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoſo Rey, que arou primeiro
O mar, por yr deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Eſte por ſua induſtria, & engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Deſcobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, la Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Creſcendo

Crescendo cos successos bons primeyros
No peyto as ousadias, descobrirão
Pouco & pouco caminhos estrangeyros,
Que hũs succedendo aos outros proseguirão
De Affrica os moradores derradeyros
Austrais, que nunqua as sete flammas virão
Forão vistos de nos, atras deyxando
Quantos estão os Tropicos queymando.

Assi com firme peyto, & com tamanho
Proposito vencemos á Fortuna
Ate que nos no teu terreno estranho
Viemos pòr a vltima coluna:
Rompendo a força do liquido Estanho
Da tempestade horrifica, & importuna
Ati chegamos de quem so queremos
Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio
Qual não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo tão fingido, & vão proemio:
Mas antes descansar me deyxaria
No nunca descansado & fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico
Dos trabalhos alheyos feyto rico.

Assi que ò Rey, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera, & não dobrada,
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se ïnda te parece falsidade,
Cuyda bem na rezão que esta prouada,
Que com claro juyzo pode verse,
Que facil he a verdade dentendersе.

Atento estaua o Rey na segurança,
Com que prouaua o Gama o que dezia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança,
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais currutos, mal julgados.

Juntamente a cobiça do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
O fez obedecer, & ter respeyto,
Co Capitão, & não co Mouro engano:
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vé, & seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.

Que

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
Salgũa traz idonea la da banda
Donde a terra se acaba, & o mar começa.
Iá da Real presença veneranda
Se parte o Capitão pera onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo
Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue ds naos lhe pede:
Mas o mao Regedor, que nouos laços
Lhe machinaua, nada lhe concede,
Interpondo tardanças & embaraços:
Coelle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto poder dos regios paços,
Onde, sem que seu Rey tenha noticia,
Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcaçam bastante, em que partisse,
Ou que pera a luz crastina do dia
Futuro, sua partida diffirisse:
Ia com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na tençam dos Mouros, torpe & fera,
O que delle ate li nam entendéra:

Era

Era este Catual, hum dos que estauão
Corrutos pela Maumetana gente
O principal por quem se gouernauão
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperauão
E feyto a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande por nas naos, & não lhe val,
E que assi lho mandàra, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razão lhe empede & lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reys ja tem mandado
Nam pode ser por outrem derrogado?

Pouco obedece o Catual corruto
A tais palauras, antes reuoluendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano diobolico, & estupendo,
Ou como banhar posso o ferro bruto
No sangue auorrecido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa à patria mais tornasse.

Que

Que nenhum torne á patria ſo pretende
O conſelho infernal dos Maumetanos,
Porque nam ſaiba nunca onde ſe eſtende
A terra Eoa o Rey dos Luſitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem ſem licença ſua yrſe podia,
Que as almádias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão
Reſponde o Idolatra, que mandaſſe
Chegar à terra as naos, que longe eſtão,
Porque milhor dali foſſe, & tornaſſe:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que la tam longe a frota ſe alargaſſe,
Lhe diz, porque do certo & fido amigo
He nam temer do ſeu nenhum perigo.

Neſtas palauras o diſcreto Gama
Enxerga bem, que as naos deſeja perto
O Catual, porque com ferro, & flama
Lhas aſſalte, por odio deſcuberto:
Em varios penſamentos ſe derrama:
Fantaſiando eſtà remedio certo,
Que deſſe a quanto mal ſe lhe ordenaua,
Tudo temia, tudo em fim cuidaua.

Qual

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso
E sendo da ociosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo, aqui & ali, & dessosegado.

Tal o vago juyzo fluctuaua
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praya cos bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse á frota, que deixára,
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos:

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte
Imitar os illustres, & igoalados.
Voar co pensamento a toda parte,
Adiuinhar perigos, & euitallos:
Com militar engenho, & sutil arte
Entender os imigos, & enganalos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste o Malabar em tello preso,
Senão manda chegar a terra a armada,
Elle constante, & de yra nobre aceso,
Os ameaços seus nam teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso,
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que por em ventura
A fróta de seu Rey, que tem segura.

Aquella noite esteue ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rey mas impedido
Foy da guarda, que tinham não pequena:
Commettelhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rey castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberà, se mais tempo ali o detinha.

Dizlhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, pera a terra,
Pera que de vagar se troque, & venda,
Que quẽ não quer comercio, busca guerra:
Posto que os maos prepositos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertãse

Concertãse que o negro mande dar,
Embarcações idoneas, com que venha,
Que os seus bateis não quer auenturar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almãdias abuscar
Mercadoria Hispana, que conuenha,
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Coella ficam Aluaro & Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigação, que mando & rogo
No peito vil opremio pode, & val,
Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda
Pois o Gama solta pela fazenda.

Por ella o soltou, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse mayor do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiuesse;
Elle vendo que já lhe nam conuinha
Tornar aterra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo a as nãos chegado
Nellas estar se deixa descansado.

Nas

Nas nàos estar se deyxa vagaroso,
Atè ver o que o tempo lhe descobre,
Que nam se fia jà do cubiçoso
Regedor corrompido, & pouco nobre:
Veja agora o juyzo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre
Pòde o vil interesse, & sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,
Sò por ficar senhor do grão tesouro,
Entra, pelo fortissimo edificio,
Com a filha de Acriso a chuua douro,
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

Este vende munidas fortalezas,
Faz tredores, & falsos os amigos,
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos,
Este corrompe virginais purezas,
Sẽ temer de honra, ou fama algũs perigos,
Este depraua as vezes âs sciencias,
Os juyzos cegando, & as consciencias.

este

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos, este faz, & desfaz leys:
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tirannos torna os Reys.
A tè os que só a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, & illude:
Mas não sem cor com tudo de virtude.

FIM.

CANTO NONO.

TIuerão longamente na cidade.
Sem vender se a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha, & falsidade
Fazem, que não lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, & vontade
Era, deter ali os descubridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Mèca as nãos, que as suas desfizessẽ.

La

Là no ſeyo Eritreo, onde fundada
Arſinoe foy do Egipcio Ptholomeo,
Do nome da irmã ſua aſsi chamada,
Que deſpois em Suez ſe conuerteo,
Não longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que ſe engrandeceo
Com a ſuperſtiçaõ falſa, & profana,
Da religioſa agoa Maumetana.

Gidâ ſe chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais floreſcia,
De que tinha proueito grande, & grato
O Soldão que eſſe Reyno poſſuia:
Daqui aos Malabares, per contrato
Dos infieis, fermoſa companhia
De grandes Naos, pelo Indico Oceano,
Eſpeciaria vem buſcar cada anno.

Por eſtas Naos os Mouros eſperauão,
Que como foſſem grandes & poſſantes
Aquellas, que o comercio lhe tomauão
Com flamas abraſaſſem crepitantes:
Neſte ſocorro tanto confiauão,
Que já nam querẽ mais dos nauegantes,
Se nam que tanto tempo ali tardaſſem,
Que da famoſa Meca as Naos chegaſſem.

Mas o Gouernador dos Ceos, & gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meyos dâ conuenientes,
Por onde vem a effeyto o fim fadado,
Influio piadosos accidentes
De affeyção em Monçayde, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merecer por isso o Paraiso.

Este dequem se os Mouros não guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tençam lhe descobre torpe, & fera:
Muytas vezes as Naos que longe estauão
Visita, & com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano,
Que agora são dos seus tam desejadas,
Pera ser instrumento deste dano:
Dá lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opremido,
Segundo estaua mal apercebido:

O Gama

O Gama que tambem conſideraua
O tempo, que pera a partida o chama,
E que deſpacho jâ não eſperaua
Melhor do Rey, que os Maumetanos ama,
Aos feitores, que em terra eſtão, mandaua
Que ſe tornem às Naos: & porque a fama
Deſta ſubita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizeſſem eſcondida.

Porem não tardou muyto, que voando
Hum rumor nam ſoaſſe com verdade,
Que forão preſos os feitores, quando
Foram ſentidos virſe da cidade:
Eſta fama as orelhas penetrando
Do ſabio capitão, com breuidade
Faz repreſaria nũs, que às Naos vierão,
A vender pedraria que trouxerão.

Eram eſtes antigos merccadores
Ricos em Calecu, & conhecidos
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foy, que eſtão no mar retidos:
Mas já nas Naos os bõs trabalhadores
Voluem o cabreſtante, & repartidos
Pelo trabalho, hũs puxão pela amarra,
Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros pendem da verga, & jà desatão
A vella, que com grita se soltaua,
Quando com mayor grita ao Rey relatão
A pressa, com que a armada se leuaua:
As molheres & filhos, que se matão
Daquelles que vão presos, onde estaua
O Samorim, se aqueixão que perdidos
Hũs tem os pays, as outras os maridos.

Manda logo os feytores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A pesar dos imigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rey de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos, que as desculpas, & tornando
Algũs negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rey gentio trabalhaua,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o comercio que tratauа:
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida jà deyxaua,
Com estas nouas torna à patria cara,
Certos sinais leuando do que achara.

Leua algũs Malabares, que tomou
Ter força, dos q̃ o Samorim mandàra,
Quando os preſos feitores lhe tornou:
Leua pimenta ardente que comprâra:
A ſeca flor de Banda não ficou,
A noz, & o negro crauo, que faz clara
A noua ilha Maluco, coa canella,
Com que Ceilão, he rica illuſtre, & bella.

Iſto tudo lhe ouuera a diligencia
De Moncaide fiel, que tambem leua,
Que inſpirado de Angelica influencia,
Quer no liuro de Chriſto que ſe eſcreua,
O ditoſo Affricano, que a clemencia
Diuina aſſi tirou deſcura treua,
E tam longe da patria achou maneira,
Pera ſubir á patria verdadeira.

Apartadas aſſi da ardente coſta,
As venturoſas naos, leuando a proa
Pera onde a natureza tinha poſta
A Meta Auſtrina da eſperança boa,
Leuando alegres nouas, & reposta,
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, temidos, & ledos.

O prazer de chegar à patria cara,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Nauegaçam, os varios ceos, & gentes,
Vir a ograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum, tem por gosto tam perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia,
Darlhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido
Na mente, o largo mar que nauegárão,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causarão,
Ia trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passarão,
Buscarlhe algum deleite, algum descanso
No Reyno de cristal liquido, & manso.

Algum

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos nauegantes seus, como interesse
Dó trabalho, que incurta a breue idade:
Parecelhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deoses faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina
De terlhe aparelhada la no meo
Das agoas, algũa insula diuina,
Ornada desmaltado & verde arreo:
Que muitas tem no reino, que confina
Da mãy primeira co terreno seo,
Afora as que possue soberanas,
Pera dentro das portas Herculanas.

Ali quer que as aquaticas donzellas,
Esperem os fortissimos barões,
Todas as que tem titolo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças, & coreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

Tal manha buſcou ja, pera que aquelle
Que de Achiſes pario, bem recebido
Foſſe no campo que a bouina pelle
Tomou de eſpaço por ſutil partido:
Seu filho vai buſcar, porque ſo nelle
Tem todo ſeu poder, fero Cupido,
Que aſsi como naquella impreſa antiga
A ajudou ja, neſtoutra a ajude, & ſiga.

No carro ajunta as aues, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi conuertida
Periſtera, as boninas apanhando:
Em deredor da Deoſa ja partida,
No ar laſciuos beijos ſe vão dando
Ella por onde paſſa o ar, & o vento
Sereno faz, com brando mouimento.

La ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro eſtaua então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famoſa expedição
Contra o mundo reuelde, por q̃ emende
Erros grandes, que ha dias nelle eſtão,
Amando couſas que nos forão dadas,
Nam pera ſer amadas, mas vſadas.

Via Acteon na caça tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana:
E por castigo quer doçe, & sereno,
Mostralhe a fermosura de Diana,
E guardese não seja inda comido
Desses cães q̄ agora ama, & consumido.

E vé do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina,
Vé nelles, que não tem amor a mais
Que a si somẽte, & a quẽ Philaucia insina
Vè que esses que frequentão os reais
Paços, por verdadeira, & saã doctrina
Vendem adulação, que mal consente
Mandarse o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem á pobreza
Amor diuino, & ao pouo charidade,
Amão somente mandos, & riqueza,
Simulãdo justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & de aspereza
Fazem direito, & vãa seueridade:
Leis em fauor do Rey se estabelecem,
As em fauor do pouo so perecem.

Ve em

Vé em fim que ninguem ama o que deue,
Se não o que somente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias obras trabalhando,
Hũs amolando ferros passadores,
Outros astea de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauão,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por linha, corações ardendo estauão,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauão,
Lagrimas sam de miseros amantes,
A viua flama, o nunca morto lume,
Desejo he so q̃ queima, & não consume.

Algũs

Algũs exercitando a mão andauão,
Nos duros corações da plebe ruda,
Crebros sospiros pelo ar soauão,
Dos que feridos vão, da seta aguda,
Fermosas Nimphas sam, as que curauão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dâ vida aos mal feridos:
Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas sam algũas, & outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas,
Curãono ás vezes asperas triagas
Algũs ficão ligados em cadeas,
Por palauras sutis de sabeas Magas,
Isto acontece ás vezes quando as setas
Acertão de leuar eruas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirãdo,
Nascem amores mil desconcertados,
Entre o pouo ferido miserando,
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças, Bibli, & Cynirea
Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.

E vos

E vos ô poderosos por pastoras
Muitas vezes ferido o peyto vedes,
E por baxos,& rudos vos senhoras
Tambẽ vos tomão nas Vulcanias redes,
Hũs esperãdo andais nocturnas horas,
Outros subis telhados,& paredes,
Mas eu creyo que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy,q̃ a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione,que as rosas entre a neue
No rosto traz,decia diligente:
O frecheiro,que contra o ceo se atreue,
A recebella vem ledo,& contente,
Vendo todos os cupidos seruidores,
Beyjar a mão á Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho,confiada
Lhe diz,amado filho,em cuja mão
Todo minha potencia está fundada:
Filho em quẽ minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Tifeas tẽs em nada,
A socorrer me a tua potestade,
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem vês ás Luſitanicas fadigas,
Que eu jà de muyto longe fauoreço,
Porque das Parcas ſey minhas amigas,
Que me hão de venerar & ter em preço,
E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto poſſo,
A quanto ſe eſtender o poder noſſo.

E porque das inſidias do odioſo
Bacco foram na India moleſtados,
E das injurias ſôs do mar vndoſo,
Poderão mais ſer mortos, que canſados:
No meſmo mar, que ſempre temeroſo
Lhe foy, quero que ſejão repouſados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera iſſo queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
Damor dos Luſitanos encendidas,
Que vem de deſcobrir o nouo mundo,
Todas nũa ilha juntas & ſubidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano, terey aparelhada,
De dões de Flora, & Zefiro adornada:

Ali

Ali com mil refrescos, & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leytos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleytes não vulgares,
Os esperem as Nimphas amorosas,
D'amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Quero que aja no Reyno Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte, & bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se revela,
Porque entendão que muro Adamantino
Nem triste hypocresia val contra ella.
Mal auerâ na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assi Venus propos: & o filho inico
Pera lhe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe:
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Ha redea larga âs aues, cujo canto
Ha Phaetontea morte chorou tanto,

Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria
Hũa famosa, & celebre terceyra,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muytas ha tem por companheyra:
A Deosa Gigantea temeraria,
Iactante, mentirosa, & verdadeyra,
Que com cem olhos ve, & por onde voa
O que vè com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louuores da gente nauegante,
Mais do que nunca os doutrẽ celebràra:
Ià murmurando a fama penetrante
Pellas fundas cauernas se espalhàra,
Falla verdade, auida por verdade,
Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louuor grande, o rumor excellente
No coraçaõ dos Deoses, que indignados
Forão por Bacco contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
O peyto feminil, que leuemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Ià julga por màu zelo, & por crueza.
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despe

Despede nisto o fero moço as settas
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algũas vão, & algũas fazem giros:
Caem as Nimphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos sospiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Com força o moço indomito excessiua,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
Ia nam fica na aljaua setta algũa,
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,
E se feridas inda estam viuendo,
Serà pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redõdas
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor à flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro ſe aparelha
Das Nereidas, & junto caminhaua
Em coreas gentis, vſança velha,
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
Ali a fermoſa Deoſa lhe aconſelha
O que ella fez mil vezes, quando amaua,
Ellas que vão do doçe amor vencidas,
Eſtão o ſeu conſelho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, pera a patria amada,
Deſejando prouerſe de agoa fria,
Pera a grande viajem prolongada:
Quando juntas com ſubita alegria,
Ouuerão viſta da ilha namorada,
Rompendo pelo çeo a mãy fermoſa
De Menonio, ſuaue & deleitoſa.

De longe a Ilha virão freſca, & bella,
Que Venus pelas ondas lha leuaua,
(Bem como o vento leua branca vella)
Pera onde a forte armada ſe enxergaua,
Que por que não paſſaſſem, ſem que nella
Tomaſſem porto, como deſejaua,
Pera onde as naos nauegão a mouia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

Mas firme a fez & immobil, como vio
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa à caça vsada:
Pera la logo a proa o mar a brio,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, & quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornauão,
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa
Claras fontes & limpidas manauão
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriua,
A sonorosa Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Aruoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está pera afeitarse,
Vendose no cristal respandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil

Mil aruores estão ao Ceo subindo,
Com pomos odoriferos & bellos,
A Larangeira tem no fruito lindo,
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que está caindo
A Cidreira cos pesos amarellos,
Os fermosos limoẽs ali cheirando
Estam virgineas tetas imitando.

As aruores agrestes, que os outeiros
Tem comfrondente coma emnobrecidos
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros
Do louro Deos amados, & queridos:
Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
Está apontando o agudo Cipariso
Pera onde he posto o Etereo paraiso.

Os doẽs que dâ Pomona, ali natura
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem elle se dão muito melhores.
As Cereijas porpureas na pintura,
As Amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veio,
Milhor tornado no terreno alheyo

Abre a Romã moſtrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:
Entre os braços do Vlmeiro eſtâ a jocunda
Vide, cũs cachos roxos, & outros verdes:
E vos ſe na voſſa aruore fecunda
Peras pyramidais viuer quiſerdes:
Entregaiuos ao dano, que cos bicos,
Em vos fazem os paſſaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos dina:
Mas o ſombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça o flor Cyfiſia inclina,
Sobollo tanque lucido & ſereno,
Florece o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deoſa Paphia inda ſuſpiras.

Pera julgar dificil couſa fora,
No ceo vendo, & na terra as meſmas cores,
Se daua âs flores cor a bella Aurora,
Ou ſe lha dam a ella as bellas flores:
Pintando eſtaua ali Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a freſca Roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

A can

A candida Cecém das Matutinas
Lagrimas ruciada, & a Manjarona,
Venſe as letras nas flores Hyacintinas:
Vam queridas do filho de Latona:
Bem ſe enxerga nos pomos & boninas
Que competia Cloris com Pomona:
Pois ſe as aues no ar cantando voão,
Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Ciſne canta,
Reſponde lhe do ramo Philomela,
Da ſombra de ſeus cornos nam ſe eſpanta
Acteon nagoa criſtalina & bella:
Aqui a fugace Lebre ſe leuanta
Da eſpeſſa mata, ou temïda Gazella,
Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento ô leue paſſarinho.

Neſta freſcura tal deſembarcauão
Ia das naos os ſegundos Argonautas,
Onde pela floreſta ſe deixauão
Andar as bellas Deoſas como incautas,
Algũas doces Cytaras tocauão,
Algũas arpas, & ſonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro ſe fingião
Seguir os animais, que nam ſeguião.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas,
Que vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeyro desejadas
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estauão confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
Nuas lauarse deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya
Punhão os pes de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum delles, que não saya
De acharem caça agreste desejosos
Não cuydão que sem laço ou redes caya
Caça naquelles montes deleytosos
Tão suaue, domestica, & benina,
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas
Pera ferir os Ceruos se fiauão,
Pelos sombrios matos, & florestas
Determinadamente se lançauão
Outros nas sombras, que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeauão
Ao longo da agoa, que suaue, & queda
Por aluas pedras corre â praya leda.

Começão

Começão de enxergar ſubitamente
Por entre verdes ramos varias cores,
Cores de quem a viſta julga, & ſente,
Que não erão das roſas, ou das flores,
Mas da lam fina, & ſeda diferente
Que mais incita a força dos amores,
De que ſe veſtem as humanas roſas,
Fazendoſe por arte mais fermoſas.

Da Veloſo eſpantado hum grande grito,
Senhores caça eſtranha diſſe he eſta,
Se inda durão o Gentio antigo rito,
A Deoſas he ſagrada eſta floreſta:
Mais deſcobrimos do que humano eſprito
Deſejou nunca, & bem ſe manifeſta
Que ſam grandes as coſas, & excellentes
Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.

Sigamos eſtas Deoſas, & vejamos,
Se fantaſticas ſam, ſe verdadeiras,
Iſto dito velloces mais que Gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos
Mas mais induſtrioſas que ligeiras,
Pouco & pouco ſurrindo, & gritos dando,
Se deixão yr dos Galgos alcançando.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo,& da outra as fraldas delicadas,
Acende se o desejo que se ceua
Nas aluas carnes subito mostradas,
Hũa de industria cae,& ja releua
Com mostras mais masias,que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas,que se lauão,
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal nam esperauão,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha,que a força,se lançauão
Nuas por entre o mato,aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
A a vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo nagoa,outra se apressa
Por tomar os vestidos,que tem fora:
Tal dos mançebos ha,que se arremessa
Vestido assi & calçado(que co a mora)
Desse despir,ha medo que inda tarde
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

Qual

Qual tão de caçador ſagaz, & ardido,
Vſado a tomar na agoa a aue ferida
Vendo roſto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
Antes que ſoe o eſtouro, mal ſofrido
Salta nagoa, & da preſa nam duuida,
Nadando vay & latindo, aſsi o mancebo
Remete ha que nam era yrmãa de Phebo.

Lionardo ſoldado bem deſpoſto,
Manhoſo, caualleiro, & namorado,
A quem amor não dera hum ſo deſgoſto,
Mas ſempre fora delle mal tratado:
E tinha ja por firme proſuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porem não que perdeſſe a eſperança,
De inda poder ſeu fado ter mudança.

Quis aqui ſua ventura, que corria
Apos Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera darſe a natureza,
Ia canſado correndo lhe dizia.
O fermoſura indigna de aſpereza,
Pois deſta vida te concedo a palma,
Eſpera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

Todas de correr cansam, Nimpha pura,
Rendendo se á vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O nam na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me cansas: & se queres
Fugirme, porque nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella farà que nam possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escaparte,
E notarás no fim deste successo,
Tra la spica & la man, qual muro he meesso.

O não me fujas, assi nunca o breue
Tempo fuja de tua fermosura,
Que so com refrear o passo leue,
Vencerás da fortuna a força dura
Que Emperador, que exercito se atreue.
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto deseje y me vay seguindo,
O que tu so faras nam me fugindo?

Põeste

Põeste da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:
Leuas me hum coração, que liure tinha?
Soltamo, & correras mais leuemente.
Não te carrega essa alma tam mezquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada leuas? ou despois de presa
Lhe mudaste aventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,
Que ou tu nam sofrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste & dura estrellá:
E se se lhe mudar, nam vas fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarâs, se Amor te fere,
E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia não fugia a bella Nimpha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por yr ouuindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia:
Voluendo o rosto ja sereno & sancto,
Toda banhada em riso, & alegria,
Cair se deixa aos pês do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

O que

O que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soaua,
Que afogos tam suaues, que yra honesta,
Que em risinhos alegres se tornaua:
O que mais passam na menhã, & na sesta
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas
Nimphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornão de capellas deleitosas,
De louro, & de ouro, & flores abundantes,
As mãos aluas lhe dauão como esposas
Com palauras formais, & estipulantes
Se prometem eterna companhia
Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Nimphas, & obedece,
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra & o mar de marauilha,
O Capitão illustre que o merece,
Recebe ali com pompa honesta, & règia,
Mostrando se senhora grande, & egregia.

Que

Que despois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dando lhe a entender, que ali viera
Por alta influiçam do imobil fado,
Pera lhe descobrir da vnida esphera,
Da terra immensa, & mar não nauegado
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua naçam so merecia.

Tomando o pela mão o leua, & guia
Pera o cume dum monte alto, & diuino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino,
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, & em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
Nũa alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tam longos compensando,
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte & famosa, o mundo está guardando
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, & nome alto & subido.

Que

Que as Nimphas do Occeano tam fermosas
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra cousa nam he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias glorioſas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma, & Louro, a gloria & marauilha
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
La no eſtellante Olimpo a quem ſubia,
Sobre as aſas inclitas da fama,
Por abras valeroſas, que fazia,
Pelo trabalho immenſo, que ſe chama
Caminho da virtude alto & fragoſo,
Mas no fim doce, alegre, & deleitoſo:

Nam erão ſenão premios, que reparte
Por feitos immortais & ſoberanos,
O mundo, cos varoẽs, que esforço & arte
Diuinos os fizerão, ſendo humanos,
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte
Eneas & Quirino, & os dous Thebanos
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana
Todos forão de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
De Deoses, Semideoses immortais
Indigentes, Eroicos, & de Magnos
Por isso, o vos que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai ja do sono do ocio ignauo,
Que o animo de liure faz escrauo.

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambiçam tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, & no torpe & escuro
Vicio da tirannia infame, & vrgente,
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor nam dão à gente,
Melhor he merecellos, sem os ter
Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leys iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vistinas armas rutilantes,
Contra a ley dos imigos Sarracenos,
Fareis os Reynos grandes, & possantes
E todos tereis mais, & nenhum menos
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustrão tão as vidas.

E fareis

E fareis claro o Rey, que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados,
Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pode, & numerados,
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

Canto Decimo & vltimo.

MAS ja o claro amador dà *Larissea*
Adultera, inclinaua os animais,
La pera o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,
Co sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a agoa serena, & despertaua
Os Lirios, & jazmins que a calma agraua.

Quando

Quãndo as fermoſas Ninfas cos amantes
Pella mão jâ conformes & contentes,
Subião pera os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Raynha, que abundantes
Meſas, d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Reſtaurem da canſada natureza.

Ali em cadeyras ricas criſtalinas,
Se aſſentão, dous & dous, amante & damã,
Noutras à cabeceyra d'ouro finas,
Eſtâ coa bella Deoſa o claro Gama:
De iguarias ſuaues & diuinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama,
Se acumulão os pratos de fuluo ouro,
Trazidos lâ do Athlantico teſouro.

Os vinhos odoriferos, que acima
Eſtão nam ſô do Italico Falerno,
Mas da Ambroſia, q̃ Ioue tanto eſtima,
Com todo o ajuntamento ſempiterno:
Nos vaſos, onde em vão trabalha a lima
Creſpas eſcumas erguem, que no interno
Coraçaõ mouem ſubita alegria,
Saltando coa miſtura d'agoa fria.

Mil praticas alegres se tocauão,
Rîsos doces, sutis, & argutos ditos,
Que entre hũ & outro mãjar se aleuantauão,
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos não faltauão,
Quais no profundo Reyno, os núsespritos
Fizerão descansar da eterna pena,
Cũa voz d'hũa angelica Syrena.

Cantaua a bella Nimpha, & cos accentos
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaues vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz hir docemente murmurando
As agoas, & nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos varões, que estão por vir ao mũdo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Num globo vão, diafano, rotundo,
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & despois no Reyno fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Nimpha a clara historia.

Materia

Materia he de Coturno, & não de Soco
A que a Nimpha aprendeo no immenso lago.
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui minha Caliope te inuoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do q̃ escreuo, & em vão pretendo,
O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & jâ do Estio
Ha pouco que passar até o Otono,
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual jà não me jacto, nem me abono
Os desgostos me vão leuando ao rio
Do negro esquecimento, & eterno sono,
Mas tu me dâ q̃ cumpra, ò grão Raynha
Das Musas, cô que quero à naçã̃o minha.

Cantaua a belia Deosa, que virião
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrîra,
Armadas que as ribeyras venceriã̃o,
Per onde o Oceano Indico sussira:
E que os Gentios Reys, que não dariã̃o
A ceruiz sua ao jugo, o ferro & ira
Prouariã̃o do braço duro & forte,
Atè renderse a elle, ou logo à morte.

Cantaua d'hum que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio adignidade,
Que só por não quebrar cos singulares
Barões, os nôs que dera damizade,
Sofrerâ suas cidades, & lugares,
Com ferro, incendios, ira, & crueldade
Uer destruir do Samorim potente,
Que tais odios terâ coa noua gente.

E canta como là se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achiles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curuo lenho, & o feruido Occeano,
Quando mais nagoa os troncos, q̃ gemerẽ,
Contra sua natureza se meterem.

Mas jâ chegado aos fins Orientais,
E deyxado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curuo rio,
Desbaratarâ os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente,
Que verâ tanto obrar tão pouca gente.

Chamarà

Chamará o Samorim mais gente noua:
Vierão Ryis Bipur, & de Tànôr,
Das ſerras de Narſinga, que alta proua
Eſtarão prometendo a ſeu ſenhor:
Fará que todo o Naire em fim ſe moua,
Que entre Calicú jaz, & Cananor,
Dambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra, & mar, ogrão Pacheco ouſado,
A grande multidão que yrà matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Cometerá outra vez não dilatando
O Gentio os combates apreſsado,
Injuriando os ſeus, fazendo votos
Emvão aos Deoſes vãos, e ſurdos, e immotos

Ia não defenderá ſomente os paſsos,
Mas queimar lhe ha lugares, tẽplos, caſas:
Aceſo de yra o Cão, não vendo laſſos
Aquelles que as cidades fazem raſas:
Farâ que os ſeus de vida pouco eſcaſſos,
Cometão Pacheco que tem aſas
Por dous paſsos num tempo, mas voando
Dhum noutro, tudo yrá desbaratando.

Virà ali o Samorim, porque em peſſoa
Veja a batalha, & os ſeus esforce, & anime
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De ſangue o tingirà no andor ſublime:
Ia não verà remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito eſtime,
Inuentara traiçoẽs, & vãos venenos,
Mas ſempre (o ceo querendo) forá menos.

Que tornarâ a vez ſeptima, cantaua,
Pelleijar co inuicto & forte Luſo,
A quẽ nenhum trabalho peſa, & agraua,
Mas com tudo eſte ſo o farà confuſo:
Trarà pera a batalha horrenda, & braua,
Machinas de madeiros fora de vſo,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leuarâ ſerras de fogo
Pera abraſarlhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farà ſer vaã a braueza com que venha:
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Que nas aſas da fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illuſtre Grecia, ou Roma.

Porque

Porque tantas batalhas sostentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, & artes inuentadas
Tantos Cães não imbelles profligados:
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros inuocados
Decerão a ajudallo, & lhe darão
Esforço, força ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonicos
O grão poder de Dario estrue, & rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Termopilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro
Abaxando, fez ronco, & entristecido,
Cantando em baxa voz enuolta em choro
O grande esforço mal agradecido:
O Belisario, disse, que no coro
Das Musas seras sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o brauo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
Como no galardão injusto, & duro,
Em ti, & nelle veremos altos peitos,
A baxa estado vir humilde, & escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, & á lei seruem de muro,
Isto fazem os Reys, cuja vontade
Manda mais q̃ a justiça, & q̃ a verdade.

Isto fazem os Reys, quando embebidos
Nũa aparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
A lingoa vaã de Vlisses fraudulenta:
Mas vingome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios caualeiros,
Dão os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se não es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolioneos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre e claro
E tu nisto culpado por auaro.

Mas

Mas eis outro, cantaua, intitulado
Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, & humano,
Deitando fora o perfido Tirano.

Tambem forão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,
Em pago dos passados maleficios:
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, & artificios,
Contra os Lusos: com vellas, & com remos
O mancebo Lourenço fará estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,
Que sae com trouão do cobre ardente,
Farâ pedaços leme, masto, vela,
Despois lançando arpeos ousadamente
Na capitaina immiga: dentro nela
Saltando, a farâ so com lança, & espada
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

Mas de Deos a escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se serue,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá auer, que a vida lhe reserue:
Em Chaul, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe farão, que com vida se não saya
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força rẽde,
Os ventos que faltarão, & os perigos
Do mar, que sobejárão, tudo o ofende:
Aqui resurjão todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,
Outro Sceua verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado:

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços,
Lhe leua hum cego tiro, que passara,
Se serue inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficára:
Ate que outro pilouro quebra os laços,
Com que co alma o corpo se liára,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceſte paz ſerena,
Que o corpo que em pedaços ſe apreſenta,
Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem ja dar a dura, & eterna pena.
De Eſperas, Baſiliſcos, & Trabucos,
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo eſtupendo,
Trazendo furia & magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe eſtá mouẽdo
Fogo no coração, agoa nos olhos:
A nobre yra lhe vinha prometendo,
Que o ſangue fará dar pellos giolhos
Nas inimigas naos ſentilo ha o Nilo,
Podèlo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

Qual o Touro cioſo, que ſe enſaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No tronco dhum Craualho, ou alta Faya
E o ár ferindo, as forças eſprimenta:
Tal, antes que no ſeyo de Cambaya
Entre Franciſco irado na opulenta
Cidade de Dabul, a eſpada afia,
Abaxandolhe a tumida ouſadia.

E logo

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos, & batalhas
Fará espalhar a fraca, & grande armada,
De Calicu, que remos tem por malhas:
A de Milique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará yr ver o frio, & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
À furia esperarâ dos vingadores,
Verà braços, & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,
Rayos de fogo yrão representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentirão olhos, & ouuidos,
E fumo, ferro, flamas, & alaridos.

Mas ha, que desta prospera vitoria,
Com que despois virâ ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, & negro vejo,
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardará não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tirarão toda a India, & Egito.

Ali

Ali Cafres ſeluagens poderão,
O que deſtros immigos não podèrão,
E rudos paos toſtados ſôs farão,
O que arcos, & pelouros não fizerão,
Occultos os juizos de Deos ſão,
As gentes vaãs, que não nos entenderão,
Chamãolhe fado mào, fortuna eſcura,
Sendo ſo prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir ſinto,
Dizia a Ninfa, & a voz aleuantaua,
Lá no mar de Melinde em ſangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
Pello Cunha tambem, que nunca extinto
Serâ ſeu nome, em todo o mar que laua
As ilhas do Auſtro, & prayas, que ſe chamão
De S. Lourẽço, & em todo o Sul ſe afamão.

Eſta luz he do fogo, & das luzentes
Armas, cõ q̃ Albuquerque irà amanſando
De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valentes,
Que refuſão o jugo honroſo & brando:
Ali verão as ſettas eſtridentes
Reciprocarſe, aponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem eſtende a Fè da Madre Igreja.

Ali

Ali do sal os montes nam defendem
De corrupçam os corpos no combate,
Que mortos pela praya, & mar se estendẽ
De Cerum, da Mazcate, & Calayate:
Atè queà força sò de braço aprendem
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o Reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.

Que glorioſas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa:
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deyxa, & ocasião espera boa,
Com q̃ a torne a tomar, q̃ esforço & arte
Vencerão a Fortuna, & o proprio Marte.

Eis jà sobrella torna & vây rompendo
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
Abrindo cõ a espada o espesso, & horrẽdo
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que Liões famelicos, & Touros,
Na luz que sempre celebrada & digna
Serà da Egypcia Sancta Caterina.

Nem

Nem tu menos fugir poderàs deste,
Posto que rica, & posto que assentada
Là no gremio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada:
As settas venenosas que fizeste,
Os Crises com que jâ te vejo armada,
Malaios namorados, Iaos valentes
Todos faràs ao Luso obedientes.

Mais estanças cantâra esta Syrena
Em louuor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembroulhe hũa ira que ocondena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hũ brando companheyro
Pera os seus, que juiz cruel & inteyro,

Mas em tempo que fomes, & asperezas
Doenças, frechas, & troũões ardentes,
A sazão, & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes:
Parece de seluaticas brutezas,
De peitos inhumanos & insolentes,
Dar extremo suplicio pela culpa
Que a fraca humanidade & Amor desculpa.

Não

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas cũa escraua vil lasciua, & escura:
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de vsado a crueza fera, & dura,
Cos seus hũa ira insana não refrea,
Poem na fama alua noda negra, & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, & deulha alegremẽte,
Não sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendose num cerco duro & vrgente:
Sentio Ciro que andaua já abrasado
Araspas, de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomarà em guarda, & prometia
Que nenhum mào desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor, q̃ em fim não tem defensa,
Leuemente o perdoa, & foy seruido
Delle num caso grande em recompensa:
Per força de Iudita foy marido
O ferreo Balduuino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proſeguindo a Nimpha o longo canto,
De Soarez cantaua, que as bandeiras
Faria tremolar, & por eſpanto,
Pellas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, & Gidà, coas derradeiras
Prayas de Abaſia: Barborá ſe teme,
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana
Ia pello nome antigo tão famoſa,
Quanto agora ſoberba, & ſoberana,
Pella Cortiça calida, cheirоſa,
Della darâ tributo á Luſitana
Bandeira, quando excelſa, & glorioſa
Vencendo ſe erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tam timida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas
Diuidindo, abrirá nouo caminho,
Pera ti grande Imperio que te arreas
De ſeres de Candace, & Saba ninho:
Maçua com Ciſternas de agoa cheas
Verá, & o porto Arquico ali vizinho,
E fara deſcubrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo nouas marauilhas.

Virà deſpois Meneſes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá prouado:
Caſtigarà de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do deſterro,
Em que eſtás, & ſerâs inda tornado,
Cos titolos de Conde, & d'honras nobres,
Virás mandar a terra que deſcobres.

Mas aquella fatal neceſsidade,
De quem ninguem ſe exime dos humanos,
Illuſtrado coa Regia dignidade,
Te tirará do mundo & ſeus enganos.
Outro Meneſes logo, cuja ydade
He mayor na prudencia, que nos annos
Gouernarâ & farà o ditoſo Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerà ſomente os Malabares,
Deſtruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares,
Se vingão ſo do peito que as comete:
Mas com virtudes certo ſingulares,
Vence os immigos dalma todos ſete,
De cubiça triumpha, & incontinencia,
Que em tal idade he ſuma de excellencia.

Mas

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Socederás ó forte Mazcarenhas,
Ese injustos o mando te tomarem,
Prometote que fama eterna tenhas:
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
Amandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terâ a Malaca muito tempo feitos,
Num so dia as injurias de mil annos
Vingarâs, co valor de illustres peitos,
Trabalhos & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubiça & ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & Iustiça, te farão
Vituperio nenhum, mas so desgosto:
Quem faz injuria vil, & sem rezão
Com forças & poder, em que está posto,
Não vence, que a vitoria verdadeira,
He saber ter justiça nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampayo
Será no esforço illustre, & asinalado,
Mostrando se no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verá qualhado:
Em Bacanór fará cruel ensayo
No Malabar, pera que amedrontado
Despois a ser vencida delle venha
Cutiále, com quanto armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota
Que Chaul temerá de grande & ousada,
Farà coa vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira, & destroçada:
Por Heitor Portugues, de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chale as torres altas erguerà,
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Baçáim se lhe dará,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique porque a força so de espada,
A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo Auſpicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio que o peyto & bellico exercicio
De Antonio da ſilueyra bem ſuſtenta:
Farâ em Noronha a morte o vſando officio,
Quando hũ teu ramo, ô Cama, ſe eſprimenta
No gouerno do Imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar farâ amarelo,

Das mãos do teu Eſteuão vem tomar
As redeas hum, que jà ſerá illuſtrado
No Braſil, com vencer, & caſtigar
O Pirata Frances ao mar vſado:
Deſpois Capitão mòr do Indico mar,
O muro de Dâmão ſoberbo & armado,
Eſcala, & primeyro entra a porta aberta
Que fogo, & frechas mil terão cuberta.

A eſte o Rey Cambayco ſoberbiſſimo
Fortaleza darà na rica Dio,
Porque contra o Mogòr poderoſiſſimo
Lhe ajude a defender o ſenhorio:
Deſpois irà com peyto eſforçadiſſimo
Atolher que nam paſſe o Rey Gentio
De Calecu, que aſsi com quantos veo
O farâ retirar de ſangue cheo

Destruirâ a Cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muytos em fugida:
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruyr o mundo não duuida,
Vencerâ co furor do ferro & fogo,
Em si verâ Beadâla o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos immigos,
Virâ despois com cetro a gouernala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhum fala:
So quis prouar os asperos castigos
Baticalâ, que vira jà Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou chea,
E de fogo & trouoẽs desfeyta & fea.

Este sera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em tod'aparte,
Quanto em conselho sabio & bẽ cuydado:
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte
Portuguez terâ sempre leuantado,
Conforme successor ao succedido
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

Persas

Perſas feroces, Abaſis & Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes
Que mil naçoes ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes
Porque hũs poucos a terra lhe detem,
Em ſangue Portuguez juram deſcridos
De banhar os bigodes retorcidos.

Baſiliſcos medonhos & Liões,
Trabucos feros, minas encubertas,
Suſtenta Mazcarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Atè que nas mayores opreſſões
Caſtro libertador, fazendo offertas
Das vidas de ſeus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos ſe ſacrifiquẽ.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Será ali arrebatado, & ao ceo ſubido:
Aluaro quando o inuerno o mũdo eſpanta
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & deſpois os inimigos.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana
E com força & saber, que mais importa,
Batalha dá felice & soberana:
Hũs paredes subindo escusão porta,
Outros a abrẽ, na fera esquadra insana,
Feytos faram tam dignos de memoria,
Que não caybão em vêrso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido, ao possante
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que castigando vay Dâbul na costa
Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes & outros Barões por varias partes,
Dignos todos de fama & marauilha,
Fazendose na terra brauos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
E achàrão estas Nimphas & estas mesas,
Que glorias & hõras são de arduas empresas.

Assi

Assi cantaua a Nimpha & as outras todas
Com sonoroso aplauso vozes dauão,
Com que festejão as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebrauão:
Por mais que da Fortuna andẽ as rodas
Nũa consona voz todas soauão,
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor, & fama glorioſa.

Despois que a corporal neceſsidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia, & doce suauidade,
Virão os altos feytos, que descobre,
Thetis de graça ornada, & grauidade,
Pera que com mais alta gloria dobre,
As festas deste alegre & claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia
Suprema, de cõs olhos corporais
Veres, o que não póde a vãa sciencia
Dos errados & miseros mortais:
Segueme firme, & forte, com prudencia
Por este monte espesso, tu cos mais:
Assi lhe diz, & o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não

Não andão muyto que no erguido cume
Se acharão, onde hũ campo se esmaltaua,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro está euidente,
Como a sua superficia, claramente.

Qual a materia seja nam se enxerga,
Mas enxergase bem, que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, & hum centro a todos só tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaxa, & hũ mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda a parte
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Uniforme, perfeyto, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, cõmouido
De espanto & de desejo ali ficou,
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, & irás, & o que desejas.

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, & elemental, que fabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & mèta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficia tão limada,
He Deos, mas o que he Deos ninguẽ o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Este orbe que primeyro vay cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, & a mente vil tambem,
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho, q̃ elle so se entende & alcança,
De quem nam ha no mundo semelhança.

Aqui só verdadeyros glorioſos
Diuos estão, porque eu, Saturno & Iano,
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal & cego engano:
Sò pera fazer versos deleytosos
Seruimos, & se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas pôs o engenho vosso.

E tambem

E tambem porque a ſancta prouidencia,
Que em Iupiter aqui ſe repreſenta,
Por eſpiritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo, que ſuſtenta:
Inſinalo a prophetica ſciencia,
Em muytos dos exemplos, que apreſenta,
Os que ſaõ bõs, guiando fauorecem,
Os màos, em quanto pòdem, nos empecẽ.

Quèr logo aqui a pintura que varîa,
Agora deleytando, ora enſinando,
Darlhe nomes, que a antiga Poeſia
A ſeus Deoſes já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeſte companhia
Deoſes o ſacro verſo eſtâ chamando,
Nem nega que eſſe nome preminente,
Tambem aos màos ſe dà, mas falſamente.

Em fim que o ſummo Deos, que por ſegundas
Cauſas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deſte circulo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que não anda,
Outro corre tam leue, & tam ligeyro,
Que não ſe enxerga, he o Mobile primeyro.

Com

Com este rapto, & grande mouimento,
Vão todos os que dentro tem no seyo,
Pro'obra deste, o Sol andando atento
O dia & noite faz, com curso alheyo:
Debaixo deste leue anda outro lento,
Tam lento, & sojugado a duro freyo,
Que em quãto Phebo, de luz nunca escasso,
Dozentos cursos faz, dá elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda, & radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintilantes:
Bem ves como se veste, & faz ornado
Co largo cinto douro, que estellantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a carreta, atenta a Cinosura,
Andromeda, & seu pay, & odrago horrẽdo:
Vé de Cassiopea a fermosura,
E do Oriente o gesto turbulento,
Olha o Cisne morrendo que sospira,
A Lebre, & os Cãos, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, differente
Curso veras, nũs graue, & noutros leue:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente,
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,
Os quaes veras que jazem mais adentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil esprimentão,
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dinidem, onde se apousentão
Varias nações, que mandão varios Reys,
Varios costumes seus, & varias leys.

Ves

Ves Europa Christaã mais alta & clara
Que as outras em policia & fortaleza,
Ves Africa dos bens do mundo auara,
Inculta, & toda chea de bruteza,
Co Cabo que ate qui se vos negàra,
Que assentou pera o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem ley, quasi infinita:

Vê do Benomotapa o grande imperio
De seluatica gente, negra & nua:
Onde Gonçalo morte & vituperio
Padecerâ, polla fe sancta sua:
Nace por aste incognito Hemisperio
O metâl, por que mais a gente sua,
Ve que do lago, donde se derráma
O Nilo, tambem vindo estâ Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos
Na justiça real, & defensam,
E na fidelidade dos vizinhos,
Olha delles a bruta multidão
Qual bando espesso & negro de Estorninhos,
Combaterà em Sofala a fortaleza,
Que defenderâ Nhaya com destreza.

Olha

Olha la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não souberão os antigos,
Velo rega, gerando o Crocodilo,
Os pouos Abaßis de Chriſto amigos,
Olha como ſem muros (nouo eſtilo)
Se defendem milhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá ſe chama.

Neſta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos ſerá claro,
Ha de ſer dom Criſtouão a nome ſeu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Veca a Coſta do mar, onde te deu
Melinde hoſpicio gaſalhoſo & caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O cabo ve ja Aromàta chamado,
E agora Goardofú dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores
Eſte como limite eſta lançado
Que diuide Aſia de Africa, & as milhores
Pouoações, que a parte Africa tem
Maçuâ ſam, Arquico, & Suamquem.

Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foy dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade:
Olha as agoas, nas quaes abrio potente
Estrada o gram Mouses na antiga ydade
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
Co sepulchro de sancta Caterina,
Olha Toro, & Gidá, que lhe falece
Agoa das fontes doce, & cristalina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reyno da seca Adem, que confina
Com a serra Darzira, pedra viua
Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomão, todas da gente vaga, & baça,
Donde vem os caualos pera a guerra
Legeiros, & feroces, de alta raça:
Olha a costa que corre ate que cerra
Outro estreito de Persia, & faz a traça
O Cabo, que co nome se apellida,
Da cidade Fartaque ali sabida:

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destoutra banda
De Roçalgate, & prayas sempre auaras,
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras, que inda serão claras
Quãdo as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castel banco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abundãtes.
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos:
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
Que da cidade Armuza, que ali esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meneſes
Se moſtrarà a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueſes
Os muitos Parſeos vencerà de Lara:
Virão prouar os golpes & reueſes
De dom Pedro de Souſa, que prouàra
Ia ſeu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força ſo de eſpada.

Mas deixemos o eſtreito, & o conhecido
Cabo de Iaſque dito ja Carpella,
Com todo ſeu terreno mal querido
Da natura, & dos dões vſados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoſo Indo, que daquella
Altura nace junto à qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertiliſſima,
E de Iaquete a intima enſeada,
Do mar a enchente ſubita grandiſſima,
E a vazante que foge apreſſurada:
A terra de cambaya veriquiſſima,
Onde do mar o ſeo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou paſſando;
A voſoutros aqui ſe eſtão guardando.

Ves corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, ate o Cabo Comori
Ia chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas uirá despois de ti,
Terà vitorias terras, & cidades
Nas quais ham de veuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum, & o outro rio
Ves com varias naçoẽs, sam infinitas:
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
A quẽ tem o Demonio leis escriptas:
Olha quẽ de narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas, & benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que se chamauá
Meliapor, fermosa, grande, & rica:
Os Idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica,
Longe do mar naquelle tempo estaua,
Quando a fê, que no mundo se pubrica,
Thome vinha prégando, & ja passâra
Prouincias mil do mundo, que insinâra.

Chegado

Chegado aqui prègando, junto dando
A doentes ſaude, a mortos vida
A caſo traz hum dia o mar vagando,
Hum lenha de grandeza deſmedida:
Deſeja o Rey, que andaua edificando,
Fazer delle madeira, & não duuida
Poder tiralo a terra com poſſantes
Forças dhomẽs, de engenhos de Aliphãtes.

Era tão grãde o peſo do madeiro
Que ſo pera abalarſe, nada abaſta,
Mas o nuncio de Chriſto verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gaſta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, & facilmẽte o leua, & arraſta
Pera onde faça hum ſumptuoſo templo,
Que ficaſſe aos futuros por exemplo.

Sabia bem que ſe com fè formada
Mandar a hum monte ſurdo, que ſe moua,
Que obedecerá logo á voz ſagrada,
Que aſſi lho inſinou Chriſto, e elle o proua
A gente ficou diſto aluoroçada,
Os Bramenes o tem por couſa noua,
Vendo os milagres, vendo a ſantidade,
Hão medo de perder autoridade,

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscão desuios
Cõ que Thome não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrẽdo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa
De homecidio Thome, que era innocente
Dá falsas testemunhas, como se vsa
Condenarão a morte breuemente:
O Santo que não vé milhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido
Que resucite, & seja perguntado,
Quem foy seu matador, & será crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Dà graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.

Este

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rey se banha logo na agoa santa;
E muitos apos elle, hum beija o manto
Outro louuor do Deos de Thome canta:
Os Bramenes se encherão de odio tanto,
Com seu veneno os mor de enueja tanta
Que parsuadindo a isso o pouo rudo,
Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estaua,
Fingirão entre a gente hum arroido,
Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
Que padecendo fosse ao Ceo subido:
A multidão das pedras, que voaua,
No Santo dà ja a tudo offerecido,
Hũ dos maos por fartarse mais de presa,
Com crua lança o peito lhe atraueſsa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
Choroute toda a terra que pisaste,
Mais te chorão as almas, que vestindo
Se yão da santa Fe, que lhe insinaste:
Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste,
Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos fauoreças.

E vosoutros que os nomes vsurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a prègar a santa fé?
Olhay que se sois Sal, & vos danais
Na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos à costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejão grandes peccadores,
Esta agoa santa os laua, & da pureza:
Ve Chatigão cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Austro daqui virada a costa:

Olha

Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu, que ja mõstros pouoarão,
Mõstros filhos do feo ajuntamento
D'hũa molher & hum cão, que sos se acharão:
Aqui soante Arame no instromento
Da geração custumão, o que vsarão
Por manha da Raynha, que inuentando
Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido,
Tenassari Quedâ, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conhça
Malaca, por Emperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio:
Cherssonesso foy dita, & das prestantes
Veas douro que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntarao,
Alguns que fosse Ophir ymaginarão.

Mas na ponta da terra Cingapura
Veras, onde o caminho ás naos se estreita,
Daqui tornando a Costa à Cynosura
Se encurua, & pera a Anrora se endereita:
Ves Pam, Patane, reynos, & a longura
De Syão que estes & outros mais sugeita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamãy se chama.

Ves neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra & numero potentes
Auâs, Bramàs, por serras tão compridas:
Ve nos remetos montes outras gentes
Que Gueos se chmão de seluages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, vsança crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das agõas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alaga os campos largos, & inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle crê como incisecreta,
Que pena & gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

este

este receberá placido & brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procelosos baxos escapados:
Das fomes, dos perigos grandes quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lira sonorosa,
Será mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada,
Ves Cauchichina estâ de escura fama,
E de Ay não ve a incognita enseada,
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Jom terras, & riqueza não cuidada,
Da China corre, & ocupa o senhorio
Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,
Que entre hum imperio & o outro se edifica,
Certissimo final, & conhecido,
Da potencia real, soberba, & rica:
Estes o Rey que tem não foy nacido
Principe, nem dos pais aos filhos fica
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavaleiro sabio & virtuoso.

Inda

Inda outra muita terra se te esconde,
Ate que venha o tempo de mostrar se,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamarse:
Esta mea escondida que responde
De longe â China donde vem buscarse,
He Iapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada será coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As aruores veràs do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que não decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltão,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornéo, onde não faltão
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,
Das aruores, que Cânfora he chamado,
Com que da Ilha onome he celebrado,

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda
Sándalo ſalutifero, & cheiroſo,
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda
Eſconde pera o Sul difficultoſo:
A gente do Sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoſo,
Que por onde elle ſo ſem outro vay,
Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flamas tremulas vapôra,
A fonte que oleo mana, & a marauilha
Do cheiroſo licor, que o tronco chora,
Cheiroſo mais que quanto eſtila a filha
De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
E ve que tenho quanto as outras tem,
Branda ſeda, & fino ouro dá tambem.

Olha em Ceilão, que o monte ſe aleuanta
Tão, q̃ as nuuẽs paſſa, ou a viſta engana,
Os naturaes o tem por couſa ſancta,
Polla pedra onde eſtâ a pégada humana:
Nas Ilhas de Maldiua nace a pranta,
No profundo das agoas ſoberanas,
Cujo pomo contra o veneno vrgente
He tido por Antidoto excelente:

Verâs

Veràs de fronte eſtar do roxo eſtreito
Socotorà co amaro Aloe famoſa,
Outras ilhas no mar tambem ſogeito
A vos, na coſta de Affrica arenoſa,
Onde ſae do cheiro mais perfeito
A maſſa ao mundo occulta, & precioſa,
De ſam Lourenço ve a Ilha afamada,
Que Madagaſcar he dalgũs chamada.

Eis aqui as nouas partes do Oriente,
Que voſoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vaſto mar patente,
Que com tão forte peito nauegais:
Mas he tambem razão, que no Ponente
Dhum Luſitano hum feito inda vejais,
Que de ſeu Rey moſtrando ſe agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que contina
Vay de Caliſto ao ſeu contrario polo,
Que ſoberba a farà a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
Caſtella voſſa amiga ſerà dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias prouincias tem de varias gentes
Em ritos & cuſtumes differentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
Descobrila ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Yrâ buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vay da linha,
Dhũa estatura quasi Gigantea
Homẽs verà, da terra ali vizinha:
E mais auante o estreito, que se arrea
Co nome delle agora, o qual caminha
Pera outro mar, & terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos fação ser aceitos
Aas eternas esposas, & fermosas,
Que coroas vos tecem glorioſas.

Podeis

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assi lhe disse, & logo mouimento
Fazem da Ilha alegre, & namorada:
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nimphas q̄ hão de ter eternamente,
Por mais tẽpo q̄ o Sol o mundo aquente.

Assi forão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouuerão vista do terreno
Em que nacerão, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido, & amado,
O premio, & gloria dão, por que mandou
E com titulos nouos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E não do cánto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com q̄ mais se acende o engenho,
Não no dà a patria não, que esta metida,
No gosto da cobiça, & na rudeza
Dhũa austèra, apagada & vil tristeza.

E não

E não sey por que influxo de distino
Não tem hũ ledo orgulho, & geral gosto,
Que os animos leuanta de contino,
A ter pera trabalhos ledo rosto:
Por isso vos ò Rey, que por diuino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhay que sois (& vede as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes liões, & brauos touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras, & de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos seruir a tudo aparelhados,
De vos tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta promptos & contentes,
So com saber que sam de vos olhados,
Demonios infernais, negros & ardentes,
Cometerão conuosco, & não duuido
Que vencedor vos fação, não vencido.

fauoreceyos

Fauoreceyos logo, & alegrayos
Com a preſença, & leda humanidade,
De riguroſas leis deſaliuayos,
Que aſsi ſe abre o caminho á ſantidade:
Os mais eſprimentados leuantados,
Se com a eſperiencia tem bondade,
Pera voſſo conſelho, pois que ſabem
O como, o quando, & onde as couſas cabẽ.

Todos fauorecei em ſeus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religioſos exercicios
De rogarem por voſſo regimento,
Com jejuns, diſciplina, pellos vicios
Comuns, toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioſo verdadeiro,
Gloria vã não pretende nem dinheiro:

Os Caualeiros tende em muita eſtima,
Pois cõ ſeu ſangue intrepido, & feruente
Eſtendem não ſomente a ley de cima,
Mas inda voſſo imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remota clima
Vos vão ſeruir com paſſo diligente,
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,
(E o que he mais) os trabalhos exceſsiuos.

Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
Possam dizer que sam pera mandados,
Mais que pera mandar os Portugueses:
Tomay conselho so desprimentados,
Que virão largos annos, largos meses
Que posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes cellicas diante
Delle com larga voz tratava & lia:
A disciplina militar prestante
Não se aprende senhor na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Sas eu que falo humilde, baxo, & rudo
De vos não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sey com tudo,
Que o louuor sae as vezes acabado,
Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa esperiencia misturado,
Nem engenho, que aque vereis presente,
Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

Pera seruiruos braça ás armas feito,
Pera cantaruos mente ás Musas dada;
So me falece ser a vos aceito,
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede,& o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa,
Os muros de Marrocos,& Trudante,
A minha ja estimada,& leda musa,
Fico,que em todo o mundo de vos cante,
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem â dita de Achiles ter enueja.

FIM.